

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Letras

Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Tamires Bessa

**DIRECIONALIDADE EM TRADUÇÃO: uma análise processual em tarefas de
tradução no par linguístico Libras-português**

Belo Horizonte

2022

Tamires Bessa

**DIRECIONALIDADE EM TRADUÇÃO: uma análise processual em tarefas de
tradução no par linguístico Libras-português**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Linguística Aplicada
Linha de pesquisa: Estudos da Tradução
Orientador: Prof. Dr. José Luiz Vila Real
Gonçalves

Belo Horizonte

2022

B557d

Bessa, Tamires.

Direcionalidade em tradução [manuscrito] : uma análise processual em tarefas de tradução no par linguístico Libras-português / Tamires Bessa. – 2022.

144 f., enc. il.: tabs., (p&b), graf., (color)

Orientador: José Luiz Vila Real Gonçalves.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Estudos da Tradução.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 128-133.

Apêndices: f. 134-144.

1. Língua brasileira de sinais – Estudo e ensino – Teses. 2. Tradução e interpretação – Teses. 3. Língua brasileira de sinais – Traduções para o português – Teses. 4. Língua portuguesa – Traduções para a língua de sinais – Teses. I. Gonçalves, José Luiz Vila Real. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 418.02



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

DIRECIONALIDADE EM TRADUÇÃO: UMA ANÁLISE PROCESSUAL EM TAREFAS DE TRADUÇÃO NO PAR LINGUÍSTICO LIBRAS-PORTUGUÊS

TAMIRES BESSA DA SILVA BRITTO

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Estudos da Tradução.

Aprovada em 27 de maio de 2022, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). José Luiz Vila Real Gonçalves - Orientador

UFOP

Prof(a). Guilherme Lourenço de Souza

UFMG

Prof(a). Carlos Henrique Rodrigues

UFSC

Belo Horizonte, 27 de maio de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **José Luiz Vila Real Gonçalves**, Usuário **Externo**, em 27/05/2022, às 15:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Guilherme Lourenco de Souza, Professor do Magistério Superior**, em 27/05/2022, às 18:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Henrique Rodrigues, Usuário Externo**, em 27/05/2022, às 20:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_or_gao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1435351** e o código CRC **FF4596B3**.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por trilhar meu caminho e permitir que eu pudesse viver essa experiência.

Agradeço ao professor e orientador Dr. José Luiz Gonçalves, pelo trabalho impecável durante todo o período do mestrado, nas aulas e nas incontáveis orientações. Ser orientanda do Prof. José Luiz, além de ter sido um privilégio por sua competência e referência na área da Tradução, foi uma das mais gratas surpresas ao me deparar com um ser humano incrível, paciente e disponível. Minha eterna gratidão por ter aceitado participar dessa jornada comigo, pelo carinho e por ter acreditado que era possível.

Ao meu marido, Felipe Britto, por ser minha melhor companhia, meu maior incentivador e por sonhar meus sonhos junto comigo. Obrigada pelo amor, pela compreensão, pelo apoio e pela parceria de sempre.

Aos meus pais, Osvaldo e Marlene, que abdicaram de muitos momentos da vida para que meus irmãos e eu pudéssemos alcançar nossos objetivos.

Agradeço ao Prof. Dr. Carlos Rodrigues e ao Prof. Dr. Guilherme Lourenço, pela mestria nas aulas das disciplinas, pela disponibilidade e por terem aceitado participar da banca de defesa da dissertação. Agradeço principalmente por serem pessoas que estão à frente das nossas causas e, se hoje estou falando sobre tradução intermodal na UFMG, devo a vocês, que outrora contribuíram na conquista desse espaço na pós-graduação.

Às minhas amigas e aos meus amigos, agradeço a compreensão pelas minhas ausências e por contribuírem para uma caminhada mais leve.

Agradeço imensamente aos TILS que se disponibilizaram e aceitaram a participar desta pesquisa. Sem vocês, nada disso seria possível.

E, por fim, agradeço à minha filha de quatro patas, Aurora, que esteve durante esses dois anos de pesquisa e pandemia ao meu lado, literalmente, enchendo minha vida de amor e alegria da forma mais genuína.

RESUMO

Tendo como perspectiva os Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS), esta dissertação tem como objetivo investigar a influência da direcionalidade no processo tradutório intermodal no par linguístico Libras-português, por meio de um estudo empírico-experimental. Para tanto, analisamos aspectos processuais no desempenho de dois grupos de TILS na execução de tarefas de tradução de textos correlatos, da Libras em vídeo para o português escrito — Libras→PT — e do português escrito para a Libras em vídeo — PT→Libras. O referencial teórico baseia-se em estudos processuais da tradução e interpretação intermodal (RODRIGUES, 2013, 2018; ZAMPIER, 2019) e estudos sobre direcionalidade na tradução e interpretação (PAVLOVIĆ; JENSEN, 2009; FERREIRA, 2010, PAVLOVIĆ, 2013; NICODEMUS; EMMOREY, 2013). A coleta de dados foi feita por aplicação do experimento de forma remota com a gravação das tarefas pelo *software OBS Studio*. A proposta de análise de dados foi dividida em análise qualitativa e quantitativa, contemplando as respostas do questionário prospectivo de perfil, protocolo verbal retrospectivo, divisão do processo tradutório nas direções Libras→PT e PT→Libras nas fases de orientação, redação e revisão (JAKOBSEN, 2002), mapeamento dos indicadores de esforço temporal e esforço técnico (KRINGS, 2001) e a elaboração de uma proposta exploratória de definição métrica de esforço temporal e técnico na tradução intermodal. Observamos, nos dados do questionário retrospectivo de perfil, que 52,8% dos TILS respondentes preferem traduzir na direção PT→Libras, indicando que existe uma tendência de preferência pela direção PT→Libras na tradução intermodal. Verificamos indícios de maior esforço temporal para os dois grupos na tradução na direção Libras→PT em comparação com a tradução na direção PT→Libras. Na tradução PT→Libras, percebeu-se uma maior automatização dos processos, muito provavelmente pela influência da prática com a interpretação simultânea. Percebemos que os grupos de TILS não apresentaram padrões consistentes e recorrentes no uso de estratégias, apresentando um comportamento errático no processo de tradução intermodal nas duas direções. Levantamos a possibilidade, a partir dos resultados apresentados, de que exista uma lacuna na formação dos TILS em relação aos aspectos e procedimentos da tradução intermodal, corroborando os argumentos de Rodrigues (2019). Esperamos contribuir, por meio desta pesquisa, de forma teórico-metodológica para outros trabalhos vinculados aos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS), bem como com as pesquisas experimentais intermodais e incentivar as discussões e reflexões acerca da direcionalidade no par linguístico Libras-português.

Palavras-chave: Estudos processuais da tradução. Direcionalidade em tradução. Tradução intermodal Libras-português. Pesquisa empírico-experimental em tradução. Esforço na tradução intermodal.

ABSTRACT

From the perspective of the Sign Language Translation and Interpretation Studies (SLTIS), this thesis aims at investigating the influence of directionality in intermodal translation process in the Libras-Portuguese linguistic pair, through an empirical-experimental study. To this end, we analyzed processing aspects in the performance of two groups of Sign Language Translators and Interpreters (TILS) while performing translation tasks of comparable (similar) texts, from Libras in video format to written Portuguese – Libras→PT – and from written Portuguese to Libras in video format – PT→Libras. The theoretical framework builds on intermodal translation process studies (RODRIGUES, 2013, 2018; ZAMPIER, 2019) and studies on directionality in translation and interpreting (PAVLOVI-Y; JENSEN, 2009; FERREIRA, 2010, PAVLOVI-Y, 2013; NICODEMUS; EMMOREY, 2013). Data collection was carried out by applying the trial remotely recording it through the software *OBS Studio*. The data analysis was carried out qualitatively and quantitatively, through a prospective profile questionnaire, retrospective verbal protocol, translation process in Libras→PT e PT→Libras direction tasks, the division of the process into the orientation, drafting, and revising phases (JAKOBSEN, 2002), the mapping of the indicators of temporal and technical effort (KRINGS, 2001), and an exploratory proposal for measuring temporal and technical effort in intermodal translation. From the retrospective profile questionnaire data, one concluded that 52.8% of the translators prefer to translate in the PT→Libras direction, indicating the prevalence of this direction in intermodal translation. We found greater temporal effort for both experimental groups (more experienced and less experienced participants) in Libras→PT translation than in PT→Libras translation. In PT→Libras translation, greater automation of the processes was observed, most likely due to the influence from the simultaneous interpretation experience. We noticed that none of the groups presented consistent and recurrent patterns in the use of translation strategies, showing an uneven behavior in the intermodal translation process both in Libras→PT e PT→Libras directions. From the research results, we raised a hypothesis that there is a gap in TILS's education concerning the aspects and processes of intermodal translation, corroborating Rodrigues's (2019) statements. Thus, the results may contribute to theoretical-methodological issues in other works related to the Sign Language Translation and Interpretation Studies (SLTIS), as well as to intermodal experimental research and encourage discussions and reflections on directionality especially in the Libras-Portuguese linguistic pair.

Keywords: Translation process research. Directionality in translation. Libras-Portuguese Intermodal translation. Empirical-experimental research in translation. Effort in intermodal translation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo de Königs reproduzido por Alves	26
Figura 2 – Modelo do Processo Tradutório.....	27
Figura 3 – Processos Intermodais	31
Figura 4 – O processo de tradução-interpretação	43

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Diferenças entre as línguas vocal-auditiva e gestual-visual.....	30
Quadro 2 – Fases do processo tradutório intermodal na direção Libras→PT.....	53
Quadro 3 – Fases do processo tradutório intermodal na direção PT→Libras.....	54
Quadro 4 – Síntese do resultado das análises do esforço temporal.....	118
Quadro 5 – Síntese do resultado das análises do esforço técnico.....	119

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Sobre a Libras	61
Gráfico 2 – Autoavaliação de proficiência em Libras	62
Gráfico 3 – Tempo de atuação profissional.....	63
Gráfico 4 – Tipo de tradução comumente realizada pelos respondentes	64
Gráfico 5 – Direção que se sente mais proficiente para traduzir.....	65
Gráfico 6 – Direção que se sente mais proficiente em interpretar.....	65
Gráfico 7 – Qual direção prefere traduzir	66
Gráfico 8 – Qual direção prefere interpretar	66
Gráfico 9 – Formação em tradução.....	69
Gráfico 10 – Formação em interpretação.....	69
Gráfico 11 – Frequência na tradução da L1 para L2	70
Gráfico 12 – Frequência na tradução da L2 para L1	71
Gráfico 13 – Tradução durante a pandemia	71
Gráfico 14 – Direção de aumento da tradução durante a pandemia	72
Gráfico 15 – Autoclassificação de experiência profissional como tradutor.....	72
Gráfico 16 – Publicação de tradução	73
Gráfico 17 – Direção de preferência para traduzir	105
Gráfico 18 – Direção de preferência para interpretar	105
Gráfico 19 – Tempo de atuação profissional x preferência de direção.....	110

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Escore do teste de fluência verbal semântica	51
Tabela 2 – Médias do teste de fluência verbal semântica	51
Tabela 3 – Localização dos respondentes por estado e região do Brasil	59
Tabela 4 – Nível de escolaridade entre os respondentes.....	59
Tabela 5 – Indicações de cursos e tipos de cursos concluídos e em andamento entre os respondentes com graduação (108 respondentes).....	60
Tabela 6 – Preferência <i>versus</i> experiência	68
Tabela 7 – Tempo em segundos despendido na fase de orientação da tradução Libras→PT..	76
Tabela 8 – Tempo em segundos despendido na fase de redação da tradução Libras→PT.....	79
Tabela 9 – Tempo em segundos despendido na fase de revisão da tradução Libras→PT.....	79
Tabela 10 – Tempo em segundos despendido na fase de orientação da tradução PT→Libras	81
Tabela 11 – Tempo em segundos despendido na fase de redação da tradução PT→Libras....	85
Tabela 12 – Tempo em segundos despendido na fase de revisão da tradução PT→Libras.....	86
Tabela 13 – Medianas por fase nas duas direções por grupo	87
Tabela 14 – Medianas do dispêndio de tempo total e em cada fase nas duas direções	88
Tabela 15 – Ações de produção/ edição do texto alvo.....	89
Tabela 16 – Medianas por grupos e fases	90
Tabela 17 – Produção/ sinalização do texto alvo.....	91
Tabela 18 – Valores de p para as comparações entre os grupos e entre categorias de sinalização	91
Tabela 19 – Medianas por grupo e geral.....	92
Tabela 20 – ETp nas duas direções.....	95
Tabela 21 – Total, médias e medianas por grupo	95
Tabela 22 – Síntese dos testes estatísticos (valores de p)	95
Tabela 23 – ETc nas duas direções	99
Tabela 24 – Total, médias e medianas por grupo	99
Tabela 25 – Síntese dos testes estatísticos (valores de p)	100
Tabela 26 – ETT nas duas direções	101
Tabela 27 – Total, médias e medianas por grupo	102
Tabela 28 – Síntese dos testes estatísticos (valores de p)	102
Tabela 29 – Preferência de direção na tradução dos participantes do experimento	106

Tabela 30 – Preferência <i>versus</i> experiência	110
Tabela 31 – Porcentagem da preferência por tempo de atuação profissional	110
Tabela 32 – Tempo assistindo/lendo o TF nas duas tarefas	113
Tabela 33 – Tempo em segundos despendido em apoio externo	115

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL – American Sign Language

CODA – Children of Deaf Adults

EI – Estudos da Interpretação

ELAN – EUDICO *Language Annotator*

ET – Estudos da Tradução

ETILS – Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais

G1 – Grupo de TILS mais experiente

G2 – Grupo de TILS menos experiente

Libras – Língua Brasileira de Sinais

LETRA – Laboratório Experimental de Tradução

L1 – Primeira Língua

L2 – Segunda Língua

L3 – Terceira Língua

LS – Línguas de Sinais

ProLibras – Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Libras e Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa

PT – Português

SLN – Língua de Sinais Holandesa

TA – Texto Alvo

TAPs – *Think-Aloud Protocols*

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TF – Texto Fonte

TILS – Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	24
2.1	ESTUDOS PROCESSUAIS DA TRADUÇÃO.....	24
2.2	PROCESSO TRADUTÓRIO INTERMODAL.....	29
2.3	A DIRECIONALIDADE NA TRADUÇÃO E NAS LÍNGUAS DE SINAIS	33
2.4	ESFORÇO TEMPORAL, TÉCNICO E COGNITIVO	37
2.4.1	Fases do processo tradutório.....	40
3	METODOLOGIA	44
3.1	A PESQUISA EMPÍRICO-EXPERIMENTAL REMOTA EM TRADUÇÃO	44
3.1.1	Os participantes.....	45
3.1.2	A tarefa de tradução.....	47
3.1.3	Procedimentos da tarefa.....	47
3.1.4	Os textos fonte.....	48
3.1.5	Teste de fluência verbal semântica.....	50
3.2	METODOLOGIA DE ANÁLISE DE DADOS	52
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	57
4.1	RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO PROSPECTIVO DE PERFIL	57
4.2	ANÁLISE QUALITATIVA DO EXPERIMENTO REMOTO	74
4.2.1	Tradução na direção Libras→PT	74
4.2.1.1	<i>Fase de orientação</i>	75
4.2.1.2	<i>Fase de redação</i>	76
4.2.1.3	<i>Fase de revisão</i>	79
4.2.2	Tradução na direção PT→Libras	80
4.2.2.1	<i>Fase de orientação</i>	80
4.2.2.2	<i>Fase de redação</i>	82
4.2.2.3	<i>Fase de revisão</i>	85
4.3	ANÁLISE QUANTITATIVA DO EXPERIMENTO REMOTO	86
4.3.1	Dispêndio de esforço temporal.....	87
4.3.2	Dispêndio de esforço técnico	88
4.3.2.1	<i>Tradução na direção Libras →PT</i>	89
4.3.2.2	<i>Tradução na direção PT→Libras</i>	90

4.4 PROPOSTA EXPLORATÓRIA DE DEFINIÇÃO MÉTRICA DO ESFORÇO TEMPORAL E TÉCNICO NA TRADUÇÃO INTERMODAL.....	93
4.4.1 Proposta de parametrização do Esforço Temporal (ETp).....	93
4.4.2 Proposta de parametrização do Esforço Técnico (ETc)	96
4.4.2.1 <i>Esforço Técnico na tradução Libras→PT (ETcTLP)</i>	96
4.4.2.2 <i>Esforço Técnico na tradução PT→Libras (ETcTPL)</i>	97
4.4.3 Proposta de parametrização para síntese do Esforço Temporal e Técnico (ETT) .	101
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	103
5.1 A PREFERÊNCIA DE DIRECIONALIDADE E A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA TRADUÇÃO INTERMODAL.....	103
5.2 ESTRATÉGIAS NAS DIREÇÕES LIBRAS→PT E PT→LIBRAS NO PROCESSO DE TRADUÇÃO INTERMODAL	111
5.3 ESFORÇO TEMPORAL E TÉCNICO NAS DIREÇÕES LIBRAS→PT E PT→LIBRAS NA TRADUÇÃO INTERMODAL.....	116
5.4 PROPOSTA EXPLORATÓRIA DE PARAMETRIZAÇÃO DO ESFORÇO TEMPORAL E TÉCNICO	119
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS.....	128
APÊNDICES	134

1 INTRODUÇÃO

A abordagem processual nos Estudos da Tradução teve início na Alemanha, na metade da década de 1980, com as referências de Krings, Königs, Hönig e Kußmaul. Krings (1986) é considerado, pela maioria dos pesquisadores da área, o responsável pela chamada virada processual a partir dos desdobramentos de sua pesquisa de doutorado intitulada *Was in den Köpfen von Übersetzern vorgeht (O que se passa na cabeça de tradutores)* (ALVES, 2003). Decorrem mais de três décadas desde a publicação do trabalho e podemos observar o crescente número de pesquisas interessadas nessa abordagem que possui uma profícua abordagem multidisciplinar, principalmente pela sua interface com a ciência cognitiva.

Identificando o processo de tradução como uma atividade complexa, com uma multiplicidade de abordagens teóricas e com o avanço das reflexões metodológicas, as pesquisas empírico-experimentais ganham espaço nos Estudos da Tradução, descrevendo e revelando novos aspectos sobre o objeto de estudo. Destaco, no Brasil, os trabalhos iniciais no volume organizado por Alves (2002) como grandes propulsores, desencadeando diversos estudos até os dias atuais. Pesquisas com a abordagem empírico-experimental, também começam a ser empregadas nos trabalhos sobre tradução e interpretação intermodal e, a exemplo, temos as pesquisas de Rodrigues (2013), Lourenço (2015), Dos Santos (2019), Zampier (2019), Santos, J. (2020), Santos, W. (2020), Avelar (2020) e Silva (2021).

Uma discussão relevante nos Estudos da Tradução, retomada e questionada a partir da década de 1990, foi em relação à direcionalidade na tradução. Na tradução entre línguas vocais-auditivas¹, a direcionalidade é discutida e problematizada há mais de três décadas. Ferreira (2010) e Pavlović (2013) apresentam, em seus trabalhos, uma visão histórica em relação à direcionalidade e salientam os discursos imbricados de uma visão arcaica e até mesmo preconceituosa em relação à tradução para a L2 do tradutor, ou seja, a tradução para a língua estrangeira, tratando-se neste caso de línguas vocais-auditivas. Para alguns teóricos da época, como Newmark (1988), somente a direção para a língua materna do tradutor era considerada aceitável, enquanto o ensino e a prática da tradução para a L2 eram considerados inadequados ou mesmo impossíveis, afirmando ainda aos leitores do seu livro *“A Textbook of Translation”* que traduzir para sua língua materna é a única forma de traduzir com naturalidade, exatidão e eficácia, sendo que a prática inversa “é motivo de risos para muita gente”.

¹ Usarei o termo vocal-auditivo, conforme Rodrigues (2018), para me referir às línguas que dependem do sistema vocal para produção e auditivo para percepção.

Com o passar dos anos e o avanço das pesquisas empírico-experimentais sobre os processos de tradução, os argumentos de uma direção superior à outra se tornaram questionáveis a partir da demanda do mercado e da realidade em muitas comunidades minoritárias, o que podemos, de certa maneira, relacionar com a forma de se traduzir e interpretar para as línguas gestuais-visuais² no mundo, que, por diversas questões, principalmente as socioculturais, direcionam a prática profissional para a atuação em direção às línguas de sinais. Pesquisas empírico-experimentais que descrevem e analisam o processo, durante a tarefa de tradução, e que envolvem a direcionalidade como uma variável são relativamente recentes e ainda pouco numerosas, mas necessárias para avançarmos em questões teóricas e aplicadas, além das metodológicas, nos Estudos da Tradução.

Para tratarmos neste trabalho da direcionalidade no contexto intermodal³ no par linguístico Libras-português, entendemos que os termos direção direta e direção inversa trazem a ideia estigmatizada de que uma direção, principalmente a inversa, pode se apresentar como “contrária” ou “não natural” de tradução. Dessa forma, utilizaremos a noção de tradução e/ou interpretação intermodal na direção da Libras para o português (Libras→PT), o exercício da atividade realizada da segunda língua (L2) para a primeira língua (L1) do tradutor e/ou intérprete e a tradução e/ou interpretação intermodal na direção do português para a Libras (PT→Libras) como o exercício da atividade realizada da primeira língua (L1) para a segunda língua (L2) do tradutor e/ou intérprete. Não se aplicam nesta pesquisa os TILS que são CODAs⁴, filhos de pais e/ou mães surdos, pois a maioria pode considerar que possuem mais de uma língua como sua primeira língua ou língua materna (i.e., português e Libras).

Ainda na perspectiva da língua brasileira de sinais (Libras), com o seu reconhecimento como forma de expressão e comunicação, com estrutura gramatical própria, oriunda de comunidades surdas do Brasil, pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e sua regulamentação com o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, estabelece-se para a língua um novo cenário na política nacional de educação, a conquista de novos espaços de atuação e a garantia de acessibilidade comunicacional para as pessoas surdas do Brasil. Com isso, para atender as diversas demandas, sociais e educacionais, surge uma busca ascendente de profissionais tradutores e intérpretes de Libras-português, doravante TILS. A formação desses profissionais

² Usarei o termo gestual-visual, conforme Rodrigues (2018), para me referir às línguas que dependem do sistema gestual para produção e visual para percepção.

³ Conforme Rodrigues (2018), os processos intermodais são aqueles que se realizam entre uma língua oral e outra de sinais.

⁴ *Children of Deaf Adults*.

atualmente é realizada por meio de cursos de graduação, em geral, bacharelados em Letras-Libras, exames de proficiência em tradução e interpretação, como, por exemplo, o ProLibras, cursos de educação profissional, extensão universitária e/ou de formação continuada. A regulamentação da profissão é dada pela Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010.

Por muito tempo, as pessoas surdas estiveram na posição apenas de receptores de informação, nas instituições e na sociedade em geral, fazendo com que a interpretação simultânea para os TILS recaísse como a principal atividade de atuação, refletindo até os dias atuais como a mais demandada. Porém, por lutas da comunidade, dos movimentos surdos e das legislações, as pessoas surdas vêm se tornando protagonistas em diversos contextos, exigindo dos TILS uma mudança dos velhos comportamentos de atuação, trazendo uma diversificação em relação às frentes de trabalho, com destaque também para a tradução intermodal nas duas direções, envolvendo a Libras em vídeo e o português escrito, que vem se mostrando uma demanda crescente entre esses profissionais, ainda que em menor escala se comparada à interpretação simultânea. Com esses avanços, percebe-se um movimento para o aprimoramento e a formação acadêmica desses profissionais e o incentivo às pesquisas que investiguem e colaborem com o melhor desempenho nessas e em outras formas de tradução e interpretação intermodal.

Neste trabalho, abordaremos, como foco de pesquisa, a atividade de tradução, entendendo que ela difere da atividade de interpretação. A tradução, para além de envolver o texto escrito, possibilita o tradutor processar a tarefa de traduzir no seu ritmo, podendo recorrer ao apoio externo e à consulta aos pares. Como afirma Rodrigues (2018), as atividades de tradução e interpretação se distinguem operacionalmente e cognitivamente e, “essas diferenças podem ser identificadas a partir de quatro processos: a) pelo tipo de texto (texto fonte e texto alvo); b) pelo modo de produção; c) pelas fases do processo; e d) pelas características do produto final” (RODRIGUES, 2018, p. 301).

Na atualidade, pesquisas envolvendo a tradução e interpretação da Libras (por exemplo, RODRIGUES, 2013, 2018) têm avançado e ganhado notoriedade, fomentando, inclusive, um campo específico de pesquisas. Após analisarem o percurso e as discussões acerca dos Estudos da Tradução – ET e dos Estudos da Interpretação – EI, Rodrigues e Beer (2015) indicam que, a partir desses campos disciplinares, emergem os Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais – ETILS. Apoiado nas referências de pesquisas relacionadas à tradução e interpretação envolvendo línguas gestuais-visuais, os ETILS compõem os campos já existentes e juntos projetam uma produtiva área interdisciplinar de processos tradutórios e interpretativos intermodais e intramodais gestuais-visuais (i.e., aqueles entre duas línguas de sinais).

A proposta de pesquisa deste trabalho é sobre a análise do processo de tradução intermodal envolvendo as atividades de tradução da Libras para o português (Libras→PT) e do português para a Libras (PT→Libras) envolvendo dois grupos de TILS, um grupo mais experiente e um grupo menos experiente. Devido à pandemia da COVID-19, decretada pela Organização Mundial da Saúde em 2020, impondo o distanciamento social como uma das medidas protetivas, nossa pesquisa experimental, que seria inicialmente aplicada no Laboratório Experimental de Tradução – LETRA da UFMG, teve que se adaptar à nova realidade e, dessa forma, decidimos elaborar uma metodologia em que pudéssemos aplicá-la com o mesmo rigor técnico e ético, porém de forma remota. Para isso, selecionamos os oito participantes da pesquisa experimental remota a partir da aplicação de um questionário prospectivo de perfil, que foi disparado via e-mail e redes sociais para várias regiões do país, cujas respostas contribuíram para se analisar o perfil dos respondentes e verificar indícios de tendências entre eles, como será detalhadamente descrito no capítulo metodológico desta pesquisa.

Para explicar alguns fenômenos do processo da tradução intermodal, transitaremos pelas pesquisas sobre a direcionalidade em interpretação intermodal, que atualmente se encontram mais avançadas em relação àquelas em tradução intermodal. Fazendo um levantamento de trabalhos sobre a direcionalidade, envolvendo o processo de tradução intermodal em pesquisas empírico-experimentais, não foram encontrados dados substanciais no Brasil. Até mesmo pesquisas experimentais relacionadas à tradução intramodal entre línguas vocais-auditivas ainda são escassas, como salienta Ferreira (2010). Atualmente, as produções disponíveis relacionadas à pesquisa da direcionalidade nas línguas de sinais estão focadas nos Estudos da Interpretação simultânea (NAPIER *et al.*, 2005; CRASBORN, 2006; VAN DEN BOGAERDE, 2010; VAN DIJK *et al.*, 2011; NICODEMUS; EMMOREY, 2013, 2015; WANG; NAPIER, 2015) e no Brasil temos a pesquisa recente de Silva (2021), que trata sobre a influência da direcionalidade na interpretação simultânea intermodal de narrativas no par linguístico Libras-português.

Rodrigues (2018, p. 311) afirma que a “variável direcionalidade interfere nos processos tradutórios e interpretativos intermodais, uma vez que, ao atuar com duas modalidades distintas, exigem-se do tradutor e intérprete habilidades específicas”. Lourenço (2018, p. 3), ao investigar sobre as diferenças morfossintáticas entre a Libras e o português e seus efeitos em uma tarefa de interpretação-voz na interpretação simultânea, faz uma breve revisão dos trabalhos relacionados à direcionalidade na interpretação em línguas de sinais e endossa que, na atividade de interpretação, as duas direções “são metodológica e operacionalmente diferentes,

requerendo, portanto, um conjunto específico de estratégias e de rotinas de trabalho para cada uma dessas direções” e reconhece que no Brasil ainda não temos pesquisas que investiguem as questões de preferência e desempenho nas duas direções na produção da interpretação na Libras.

Em relação ao estudo do processo de tradução intermodal nas duas direções, esta pesquisa realizou análises quantitativas e qualitativas dos dados. No que concerne especificamente à identificação e à mensuração de esforços na produção das traduções, foi proposta uma adaptação da noção de dispêndio de esforço temporal e técnico de Krings (2001). Krings, ao investigar a viabilidade da pós-edição, categoriza o dispêndio de esforço como: temporal (tempo de execução), técnico (inserções, exclusões e revisões) e cognitivo (esforço mental). Referenciar-nos-emos também no trabalho de Fonseca (2016), que, baseada nos indicadores de esforço de Krings (2001), investiga o dispêndio de esforço processual em tarefas de pós-edição monolíngue. Com isso, utilizamos do esforço temporal e do esforço técnico como base para nossas análises, considerando que o esforço cognitivo não foi suficientemente acessível em função das limitações metodológicas da pesquisa experimental remota, ou seja, sem o uso de tecnologias que nos trouxessem indícios mais apurados.

Com a intenção de investigar e descrever o processo de tradução intermodal entre dois grupos de TILS, de identificar questões da direcionalidade e das estratégias intermodais e de observar padrões e divergências entre os grupos no contexto experimental, tivemos como **objetivo geral**: investigar a influência da direcionalidade no processo tradutório intermodal no par linguístico Libras-português.

Como objetivos específicos, esta pesquisa propõe-se a:

- investigar se, para as tarefas de tradução intermodal, haveria uma tendência de preferência de direcionalidade entre os grupos de TILS mais experientes e menos experientes;
- analisar e descrever o uso de estratégias tradutórias intermodais nas tarefas de tradução da Libras para o português e do português para a Libras;
- mapear os indicadores de esforço temporal e técnico durante as duas tarefas de tradução intermodal;
- elaborar uma proposta exploratória de definição métrica do esforço temporal e técnico na tradução intermodal.

Para cumprir esses objetivos, esta pesquisa buscou responder às seguintes perguntas:

- a) Assim como na interpretação, na tradução intermodal do par linguístico Libras-português, haveria uma tendência de preferência de direcionalidade por parte dos TILS?
- b) Em que medida a preferência de direcionalidade se correlaciona com a experiência profissional do TILS?
- c) Quais as estratégias utilizadas pelos grupos de TILS mais experientes e menos experientes na execução das tarefas de tradução intermodal?
- d) Qual o efeito da direcionalidade em situação de tradução intermodal entre os TILS mais experientes e os menos experientes em relação ao esforço técnico e temporal?

Com base nas perguntas, formularam-se as seguintes hipóteses:

- i) diferentemente da tendência observada na tradução intramodal com línguas vocais-auditivas, a maioria dos TILS preferirá realizar a tradução do português para a Libras;
- ii) quanto maior a experiência dos TILS, menor será a tendência de preferência de direção;
- iii) haverá maior dispêndio de esforço temporal e técnico para o grupo de TILS menos experientes nas duas tarefas de tradução.

Esta pesquisa, ao analisar processualmente a atuação de dois grupos de TILS, pretendeu contribuir com novas reflexões sobre a direcionalidade na descrição do comportamento processual, a fim de aprofundar o debate sobre as estratégias envolvidas nas tomadas de decisões, soluções de problemas, entre outros aspectos do fenômeno. Buscou também discutir alguns fundamentos da tradução intermodal, bem como suas contribuições teóricas, metodológicas e empíricas para o campo dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS), eventualmente contribuindo para as práticas relacionadas à formação de tradutores e intérpretes de Libras.

Além desta Introdução, em que se apresentam as justificativas, os objetivos, as perguntas e as hipóteses de pesquisa e a sua potencial contribuição para o desenvolvimento do tema, na sequência, temos o Capítulo 2, com o Referencial Teórico, apresentando conceitos e teorias que fundamentam e embasam esta pesquisa. No Capítulo 3, apresentamos a Metodologia de coleta e análise de dados, detalhando os procedimentos realizados e o desenho experimental. O Capítulo 4 é dedicado à Apresentação e Análise dos Dados, descrevendo os resultados do questionário prospectivo de perfil, análise qualitativa e quantitativa dos dados experimentais. No Capítulo 5, fizemos a Discussão dos Resultados encontrados, com foco nas questões de

pesquisa. Por fim, no Capítulo 6, temos as Considerações Finais, nas quais apresentamos nossas conclusões, limitações do estudo, possíveis desdobramentos e sugestões para pesquisas futuras.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa apresentada se baseia em subsídios de várias áreas, como os estudos processuais da tradução (ALVES, 2003), mais especificamente no estudo do processo tradutório e interpretativo intermodal (RODRIGUES, 2013, 2018; ZAMPIER, 2019), nos estudos sobre a direcionalidade (PAVLOVIĆ; JENSEN, 2009; FERREIRA, 2010; PAVLOVIĆ, 2013; NICODEMUS; EMMOREY, 2013; 2015), nos indicadores de esforço temporal, técnico e cognitivo (KRINGS, 2001; FONSECA, 2016) e na divisão do processo de tradução nas fases de orientação, redação e revisão (JAKOBSEN, 2002). A maior parte dos trabalhos citados nesta fundamentação teórica é de abordagem empírico-experimental, contribuindo para a construção do desenho experimental desta pesquisa.

2.1 ESTUDOS PROCESSUAIS DA TRADUÇÃO

A abordagem processual da tradução tem como principais pressupostos desvendar e compreender os processos mentais do tradutor durante o ato tradutório, considerando as estratégias utilizadas, as variáveis que podem influenciar o produto (i.e., proficiência nas línguas de trabalho, subcompetências tradutórias, características do texto fonte etc.), as condições do processo, os possíveis motivos que os direcionam a realizar certas escolhas tradutórias, entre outros elementos que, aplicados e controlados em um modelo empírico-experimental, ajudam-nos a entender a complexidade por trás do produto de tradução.

Antes da década de 1980, os modelos teóricos da tradução se baseavam apenas no produto final (no texto traduzido), desconsiderando os tradutores como parte do processo e, com a falta de um método empírico, esses modelos, muitas vezes, não correspondiam à realidade experienciada pelos tradutores da época. Insatisfeitos com os modelos existentes, autores como Krings (1986), Königs (1987), Hönig (1988/1995), Lörcher (1991/1996), Paul Kußmaul (1995) e Alves (1996) passaram a desenvolver pesquisas na perspectiva processual apoiados na Psicologia Cognitiva e na Psicolinguística. A chamada “virada processual” iniciou-se na Alemanha, sendo Krings, com sua pesquisa de doutorado, publicada no ano de 1986, intitulada *Was in den Köpfen von Übersetzern vorgeht (O que se passa na cabeça de tradutores)*, considerado o propulsor da abordagem processual como um objeto de estudo específico nos Estudos da Tradução (ALVES, 2003).

O que chamamos atualmente de pesquisas empírico-experimentais (ALVES, 2001) foram constituídas por importantes referências, como o trabalho de Krings (1986) e os trabalhos

de demais autores, como Gerloff (1987, 1988), Faerch e Kasper (1987), Jääskeläinen (1989, 1991) Königs (1987, 1989), Lörscher (1991, 1992), Séguinot (1989, 1991) e Tirkkonen-Condit (1989, 1991).

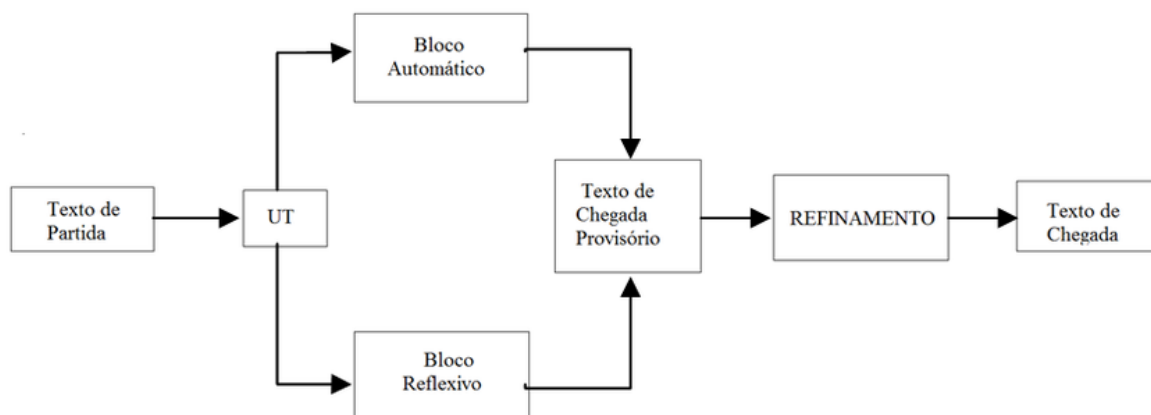
Rodrigues (2002), em seu artigo “A abordagem processual no estudo da tradução: uma meta-análise qualitativa”, faz uma síntese da evolução das pesquisas processuais na tradução pelo período de 1986 a 1997. O autor, em sua revisão da literatura, observa, nos trabalhos selecionados, a diferença nas abordagens metodológicas entre os pesquisadores da época (KRINGS, 1986, 1988; KÖNIGS, 1986, 1987, 1988; HÖNIG, 1988; HOUSE, 1988; LÖRSCHER, 1991, 1993; JÄÄSKELÄINEN, 1986, 1996; GERLOFF, 1988; TIRKKONEN-CONDIT, 1989, 1997; SÉGUINOT, 1989, 1996; KUBMAUL, 1999, 1994, 1995, 1997; MATRAT, 1992; FRASER, 1993, 1994; SCHMID, 1994; DANCETTE, 1994, 1997; SMITH, 1997; KIRALY, 1995; ALVES, 1995; LAUER, 1996; LAUKKANEN, 1996; TIRKKONEN-CONDIT/LAUKKANEN, 1996). As pesquisas se diferenciam em vários aspectos, como as características dos seus participantes, os tipos de textos utilizados, o método de coleta de dados, entre outros. Essa diferenciação evidencia que o processo tradutório é complexo e pode ser analisado de várias formas, mas “tal complexidade confirma a tese principal da abordagem processual da tradução que o tradutor é uma figura principal na construção do ato tradutório” (RODRIGUES, 2002, p. 51).

O campo dos Estudos da Tradução, por se caracterizar como interdisciplinar, gerou por consequência uma diversidade de modelos para o processo tradutório. Alguns pesquisadores desenvolveram formas de verificar e categorizar as estratégias durante o processo tradutório, como é o caso de Krings (1986), enquanto outros desenvolveram modelos mais sistematizados, como é o caso de Frank Königs (1987), Lörscher (1996), Bell (1991), Hönig (1995), Kiraly (1995) e Alves (1995). Cada um dos modelos segue abordagens teóricas distintas de acordo com seu objeto de estudo. Não apresentaremos os modelos de forma detalhada, até porque não foram utilizados nesta pesquisa. Tão somente, de forma concisa, evidenciaremos o modelo proposto por Alves (1997), por trazer uma proposta mais direta e aplicável aos dados deste estudo.

O modelo de Alves foi originalmente proposto em sua tese de doutorado, no ano de 1995, e, posteriormente, apresentando em textos de 1997 e 2011. Alves (1997), com o objetivo de propor um modelo didático do processo tradutório, tomou como base o modelo do teórico alemão Frank Königs. No modelo de Königs (1987), o processo de tradução é dividido entre o Bloco Automático (Adhoc-Block) e o Bloco Reflexivo (Rest-Block). De forma simplista, no Bloco Automático (BA), estão os processamentos mais automatizados e as equivalências já

estabelecidas; no Bloco Reflexivo (BR), estão os processamentos que precisam de reflexão por parte do tradutor. A seguir, o modelo de Königs (1987) apresentado por Alves (2011):

Figura 1 – Modelo de Königs reproduzido por Alves



Fonte: Alves (2011, p.114).

Alves, considerando o modelo limitado na aplicação didática para tradutores em formação, principalmente no que tange ao Bloco Reflexivo, por não fornecer detalhes do que acontece na mente do tradutor, propõe uma expansão do modelo de Königs e o detalha em sete etapas processuais: “(1) Automatização, (2) Bloqueio Processual, (3) Apoio Interno, (4) Apoio Externo, (5) Combinação de Apoios Interno e Externo, (6) Priorização e Omissão de Informações e (7) Aperfeiçoamento do Texto de Chegada” (ALVES, 2011, p. 115). O autor aponta ainda que cada uma das etapas citadas se inicia à medida que o tradutor escolhe uma Unidade de Tradução – UT. Sobre a proposta do modelo, Alves esclarece:

[...] o modelo tem o propósito de servir para fins didáticos e procura descrever, de forma múltipla e individualizada, as possibilidades de configuração do ato de traduzir. Sendo assim, o modelo não deve ser analisado como um retrato psicolinguístico do processo tradutório, mas como uma descrição dos possíveis caminhos que percorremos ao traduzir. (ALVES, 2011, p. 118)

Apresentamos, a seguir, na Figura 2, o modelo do processo tradutório proposto por Alves (1997). Os retângulos indicam as diferentes etapas do processo tradutório. Os losangos indicam os momentos em que o tradutor precisa tomar uma decisão de tradução. As setas indicam as direções a seguir, após a tomada de decisão. Como sugere Alves (2011), o processo tradutório, como podemos observar no modelo, parece não ter fim, e isso faz todo o sentido. Cabe ao tradutor estabelecer o momento em que se dá por satisfeito e encerrar conscientemente o processo tradutório.

conscientização sobre a maneira como se traduz e, assim, aumentar o grau de gerenciamento das tarefas para alcançar uma maior qualidade do texto alvo.

Outro aspecto importante a ser considerado nas pesquisas processuais da tradução, com uma abordagem empírico-experimental, são os métodos e técnicas utilizadas nas coletas de dados. O protocolo verbal, de origem metodológica nas Ciências Sociais, foi uma das primeiras técnicas a aparecer nas pesquisas empíricas e, conforme Gonçalves (2001, p. 14), a técnica que também é conhecida como introspecção “consiste em basicamente o sujeito verbalizar todas as suas impressões enquanto executa alguma tarefa, explicitando, assim tomadas de decisões e estratégias de soluções de problemas”, para o caso dos protocolos verbais consecutivos, também conhecidos como TAPs (*think-aloud protocols*). Temos também a técnica de retrospectão, também conhecida como protocolo verbal retrospectivo, que é “utilizada para obter relatos *a posteriori* de tarefas executadas por um ou mais informantes” (ALVES, 2001, p. 77).

Com o passar do tempo e o avanço da tecnologia, várias são as opções metodológicas de coleta de dados para o processo tradutório, para além dos protocolos verbais consecutivos e retrospectivos. Temos como principais opções metodológicas de coleta de dados o uso de questionários estruturados e entrevistas dirigidas, filmagem e gravações em vídeo do processo por meio de programas como *Camtasia e OBS Studio*, filmagem e gravação da tela com o *software Translog* e rastreamento ocular. Outras possíveis opções, porém, não tão acessíveis quanto essas citadas anteriormente, são os métodos das neurociências, como eletroencefalograma (EEG) e técnicas de neuroimagens, como imagens de ressonância magnética funcional (RMF) e tomografia por emissão de pósitron (PET) (GÖPFERICH; JÄÄSKELÄINEN, 2009, p. 170).

Nesse sentido, Alves (2001) discute sobre a aplicabilidade de alguns instrumentos de coleta de dados (protocolos verbais, retrospectão, questionários estruturados e entrevistas dirigidas, vídeo e *softwares*) nas pesquisas experimentais. Sobre o uso dessas técnicas e métodos de forma isolada, Alves argumenta:

constata-se que nenhum deles consegue fornecer isoladamente evidências conclusivas e exaustivas sobre as características de processamento cognitivo em curso durante o processo de tradução. Por outro lado, viu-se que a aplicação conjunta desses seis instrumentos, ou de parte deles, possibilita a obtenção de recortes diferenciados que, de forma complementar, contribuem para o esclarecimento e a compreensão de processos constitutivos da tarefa de traduzir. (ALVES, 2001, p. 84)

Dessa forma, Alves (2001) defende como opção metodológica um método já conhecido nas Ciências Sociais, no qual os dados quantitativos e qualitativos são analisados em conjunto

numa perspectiva de complementariedade. Essa opção metodológica é conhecida como triangulação⁵. Alves, ao analisar pesquisas processuais na tradução, desenvolvidas na Espanha, na Dinamarca e no Brasil, percebe, a partir dos resultados, indícios de que a triangulação:

contribui de forma efetiva para aumentar a possibilidade de variáveis de análises e garantir resultados mais confiáveis e passíveis de generalizações nas pesquisas sobre o processo de tradução e aquisição da(s) competência(s) em tradução. (ALVES, 2001, p. 87)

Em suma, podemos observar que o processo tradutório pode ser analisado de diversas formas, a partir de diferentes métodos, técnicas e abordagens teóricas. Porém, acredita-se que a conjunção desses métodos, instrumentos e técnicas para a coleta de dados seja um caminho positivo para análises mais confiáveis e conjuntos mais abrangentes. Nesta pesquisa, de cunho empírico-experimental, aplicada de forma remota, utilizamos o recurso de gravação de tela por meio do programa *OBS Studio* e o protocolo verbal retrospectivo, como será detalhado no capítulo metodológico.

2.2 PROCESSO TRADUTÓRIO INTERMODAL

Ao tratarmos do processo tradutório envolvendo as línguas de sinais, é imprescindível que consideremos os efeitos da modalidade que podem incorrer nesse processo devido às características e aos elementos próprios da língua. A pesquisadora McBurney (2004), ao analisar as referências pronominais entre as línguas vocais e as línguas de sinais, define modalidade da seguinte maneira:

a “modalidade” de uma língua pode ser definida como os sistemas físicos ou biológicos de transmissão nos quais a fonética de uma língua se baseia. Existem sistemas separados para produção e percepção. Para as línguas vocais, a produção depende do sistema vocal, enquanto a percepção depende do sistema auditivo. As línguas vocais podem ser categorizadas, então, como sendo expressas na modalidade vocal-auditiva. As línguas de sinais, por outro lado, contam com o sistema gestual para produção e o sistema visual para percepção. Assim, as línguas de sinais são expressas na modalidade gestual-visual⁶. (McBARNEY, 2004, p. 301)

⁵ A triangulação é um termo emprestado da área da navegação, referindo-se à utilização de múltiplos pontos de referência para localizar a posição exata de um determinado objeto no espaço (ALVES, 2003, p. 78).

⁶ Nossa tradução de: “*The “modality” of a language can be defined as the physical or biological systems of transmission on which the phonetics of a language relies. There are separate systems for production and perception. For spoken languages, production relies upon the vocal system, while perception relies on the auditory system. Spoken languages can be categorized, then, as being expressed in the vocal-auditory modality. Signed languages, on the other hand, rely on the gestural system for production and the visual system for perception. As such, signed languages are expressed in the visual-gestural modality.*”.

Rodrigues (2018), ao discutir sobre as diferenças entre as modalidades das línguas vocal-auditiva e gestual-visual na tradução e interpretação intermodal, elabora o quadro a seguir com uma síntese das diferenças entre as línguas em relação à produção da língua, organização fonológica e o meio pelo qual a língua é transmitida.

Quadro 1 – Diferenças entre as línguas vocal-auditiva e gestual-visual

	VOCAL-AUDITIVA	GESTUAL-VISUAL
Produção da língua	Construída em sons: produção de fala audível (fonte de som interna ao falante).	Construída em gestos: produção de sinalização visível (fonte de luz externa ao sinalizante).
Organização Fonológica	A linearidade é mais explorada (o sistema auditivo força as palavras a serem organizadas sequencialmente).	A simultaneidade é uma característica principal (as capacidades do sistema visual contribuem efetivamente para a simultaneidade).
Meio (canais através dos quais a língua é transmitida)	O meio para a fala é fundamentalmente unidimensional (a fala se desenrola ao longo do tempo).	O meio de sinalização é multidimensional (as características articulatórias e perceptivas dão às línguas de sinais acesso a dimensões de espaço e tempo).

Fonte: Rodrigues (2018, p. 306, minha tradução).

Tendo em vista que, neste trabalho, envolveremos o português, que se estabelece na modalidade vocal-auditiva, e a Libras, na modalidade gestual-visual, temos o que Rodrigues (2018) denomina de processo intermodal. Na tradução e na interpretação, ao lidarmos com a modalidade, podemos nos deparar com processos de dois tipos: os intramodais e os intermodais. De acordo com Rodrigues (2018):

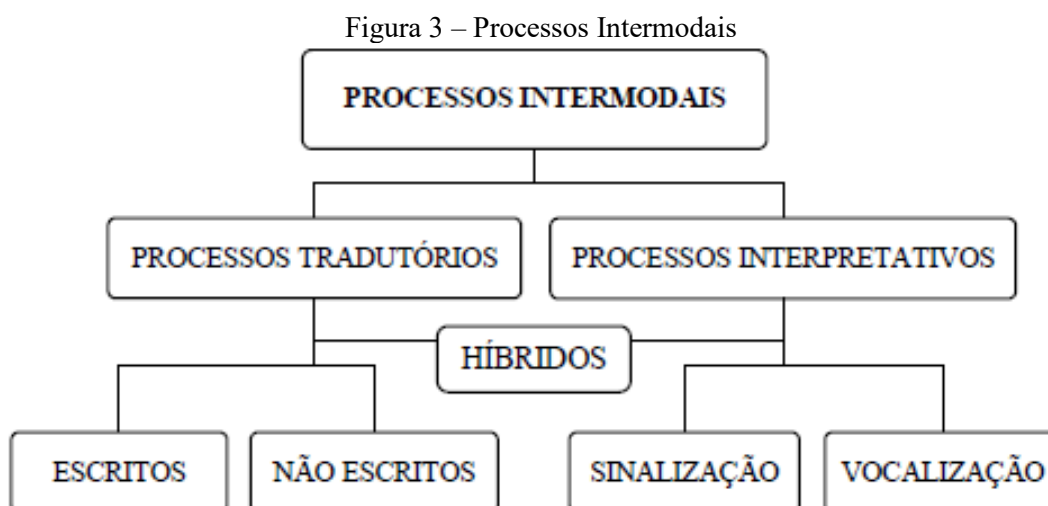
os processos intramodais são aqueles que ocorrem entre línguas de uma mesma modalidade, seja entre duas línguas orais ou entre duas línguas de sinais. Já os processos intermodais são aqueles que se realizam entre uma língua oral e outra de sinais. (RODRIGUES, 2018, p. 118)

Nesse sentido, temos como foco de investigação deste trabalho o que diz respeito ao processo tradutório intermodal. As línguas de modalidade gestual-visual, em sua maioria, não possuem um sistema de escrita amplamente difundido, trazendo para a tradução intermodal uma peculiaridade, que é a de não se utilizar as línguas de sinais em sua forma escrita, diferentemente das traduções intramodais envolvendo línguas vocais-auditivas.

Os textos envolvidos no processo tradutório intermodal podem se apresentar de várias formas. No nosso caso, para a tradução Libras→PT, utilizamos o texto oral em Libras registrado em vídeo para o português escrito e, na PT→Libras, o texto em português escrito para um texto oral em Libras registrado em vídeo. Para Rodrigues (2018), os produtos finais das traduções

intermodais são categorizados em três tipos: escrita, não escrita e “híbrida”. Na tradução intermodal escrita, o produto final pode se apresentar em português escrito, legendas e escrita de sinais (SW; ELiS; SEL)⁷. Na tradução intermodal não escrita, o produto final pode se apresentar registrado em vídeo e/ou áudio do português ou da Libras. Já a tradução intermodal “híbrida” envolve uma mescla de características da tradução e da interpretação, se assemelhando a uma tradução à prima vista, na qual o produto final é imediatamente produzido (i.e., do português escrito para a Libras em vídeo).

Com base na categorização de Rodrigues (2018), Ferreira (2019) sintetiza os processos intermodais da seguinte forma:



Fonte: Ferreira (2019, p. 53).

De acordo com a categorização de Rodrigues (2018), temos, no nosso experimento, dois tipos de produtos finais envolvidos: (i) o da tradução Libras→PT, que resultará em um texto no português escrito, classificado como tradução intermodal escrita e (ii) o da tradução PT→Libras, que resultará em um texto oral em Libras registrado em vídeo, classificado como uma tradução intermodal não escrita.

Como referência no processo tradutório intermodal e utilizando a abordagem experimental no par linguístico Libras-português, temos os estudos de Rodrigues (2013), Zampier (2019) e Avelar (2020). Rodrigues (2013), em sua tese de doutorado, realiza uma pesquisa empírico-experimental com o objetivo de refletir sobre as características processuais relacionadas ao desempenho de intérpretes do par linguístico Libras-português. Em sua

⁷ SW – *Sign Writing*; ELiS – Escrita das Línguas de Sinais e SEL – Sistema de Escrita de Língua de Sinais.

pesquisa, o autor discute a maneira pela qual os Estudos Linguísticos e os Estudos da Tradução e Interpretação têm evidenciado questões sobre os efeitos da modalidade nos processos de tradução⁸ e interpretação. De acordo com o autor:

No campo dos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais, pesquisas empíricas têm demonstrado que a modalidade de língua traz certas implicações para o processo tradutório e interpretativo (PADDEN, 2000; WURM, 2010; SOUZA, 2010; RODRIGUES, 2012, 2013a, 2013b, 2013c; SILVÉRIO et al., 2012; SEGALA; QUADROS, 2015; LOURENÇO, 2015; RODRIGUES; MEDEIROS, 2016; NOGUEIRA, 2016, dentre outros). (RODRIGUES, 2018b, p. 305)

Além disso, Rodrigues (2018b) afirma que os processos tradutórios, envolvendo as línguas de sinais, possuem características específicas na operacionalização e no processamento cognitivo da tradução. Dessa maneira, as reflexões e definições propostas pelo autor serão também relacionadas com esta proposta de pesquisa, bem como o trabalho realizado por Zampier (2019), envolvendo a tradução intermodal.

Zampier (2019), em sua pesquisa empírica-experimental intitulada “Uma análise de perfis de competência tradutória e sua influência sobre o processo de tradução no par linguístico Libras-português”, teve por objetivo verificar se os participantes formados em cursos de graduação de tradutores e intérpretes de Libras-português apresentavam uma perspectiva mais dinâmica de tradução (*cf.* HURTADO ALBIR, 2017), uma maior capacidade de metarrepresentação (*cf.* GUTT, 2004), um menor dispêndio de esforço cognitivo no processo tradutório da Libras para o português escrito e um maior nível de satisfação com a tradução realizada. Com seu estudo descritivo, Zampier contribui para os estudos sobre processos tradutórios intermodais, propondo e aplicando um desenho experimental, além de apresentar uma descrição teórica acerca dos Estudos da Tradução e do recente campo dos ETILS, constituindo-se, portanto, como importante referência para esta proposta de pesquisa.

Ainda na perspectiva empírico-experimental, Avelar (2020) investiga, em sua pesquisa de doutorado, o processo tradutório de tradutores-atores surdos e ouvintes, denominados TASO. Participaram da pesquisa seis tradutores divididos em duplas: a) dois tradutores-atores surdos; b) dois tradutores-atores ouvintes; e c) um tradutor surdo e um tradutor ouvinte. A autora observa aspectos processuais da tradução intermodal durante a realização de tradução de textos acadêmicos do português escrito para a Libras em vídeo. Avelar (2020) busca pelas estratégias empregadas pelos participantes na tradução e verifica de que maneira eles

⁸ Um dos efeitos de modalidade apresentado pelo autor nas traduções intermodais envolvendo as línguas de sinais tem relação com a língua não possuir um sistema de escrita consolidado, ocasionando nas traduções geralmente serem feitas na “versão sinalizada”, tornando o tradutor visível. (RODRIGUES, 2018, p. 308)

estabelecem um conjunto coerente de normas, considerando que pesquisas no campo dos ETILS e o autor Christopher Stone (2009) apontam para a existência de uma norma surda. A pesquisa de Avelar (2020) apresenta importantes reflexões teóricas acerca da tradução intermodal, envolvendo problemas e estratégias de tradução e traz contribuições metodológicas na operacionalização para a coleta de dados processuais. Para a autora, é importante que haja um fomento “à releitura profissional dos surdos e ouvintes bilíngues (ou seja, fluentes tanto na Libras quanto no português), considerando-os como atores no sentido de desenvolverem habilidades corporais e performáticas necessárias à produção do texto em Libras em vídeo” (AVELAR, 2020, p. 175).

Com o exposto, podemos constatar a complexidade, a especificidade e os diversos desafios que envolvem os estudos do processo tradutório intermodal. As modalidades das línguas envolvidas (vocal-auditiva e gestual-visual) causam implicações no processo tradutório, sendo alguns dos aspectos fundamentais na modalidade gestual-visual: o uso do corpo na produção da língua e a exploração do espaço. A modalidade de uso da língua (oral e escrito) em que se apresentam os textos também é um fator importante em que os tradutores, aqui denominados TILS, devem estar atentos ao realizar a tradução.

Os Estudos da Tradução, por si só, abrangem uma multidisciplinaridade intrínseca a esse campo. Ao lidarmos com a tradução intermodal, envolvendo entre as línguas de trabalho as línguas de sinais, faz-se necessário abordar temas ainda mais específicos e relacioná-los ou mesmo distingui-los em relação ao que já temos de conhecimento nesses estudos.

2.3 A DIRECIONALIDADE NA TRADUÇÃO E NAS LÍNGUAS DE SINAIS

O termo direcionalidade, conforme Pavlović (2007), e, também, assumido pelas pesquisadoras Pavlović (2013) e Ferreira (2010), refere-se “à tradução ou interpretação feita para a primeira língua (“língua materna”, “língua nativa”, “língua de uso habitual”) ou dela para a segunda língua (“língua não materna”, “língua não nativa” “língua estrangeira”)” (PAVLOVIĆ, 2007, p. 3). Porém, na nossa percepção, essa conceitualização de direcionalidade, feita por Pavlović (2007), tem a ver com a direção de tradução ou interpretação com que as tarefas são realizadas. Depreendemos que o termo direção se difere do termo direcionalidade. Direcionalidade é um fenômeno que se estabelece a partir da relação do tradutor com as línguas de trabalho envolvidas. A figura do tradutor é essencial na definição de direcionalidade, pois esse “efeito de direcionalidade” acontece e depende da relação do tradutor com a língua-fonte (L1, L2, L3...) e a língua-alvo (L1, L2, L3...). Neste trabalho, abordaremos

a tradução da segunda língua (L2) para primeira língua (L1), considerada tradução na direção Libras→PT e a tradução da primeira língua (L1) para a segunda língua (L2), considerada tradução na direção PT→Libras.

A direcionalidade, apesar de ser uma variável que pode causar impactos no processo de tradução, ainda é pouco explorada e, por muito tempo, considerava-se que a única direção passível de tradução era para a primeira língua do tradutor, mesmo a tradução para a segunda língua sendo praticada há séculos por diversas comunidades minoritárias. Para Pavlović (2007) e Ferreira (2010), um dos motivos para a tradução para a segunda língua ter sido desconsiderada por muito tempo seria a declaração do pesquisador em tradução Newmark (1988), em seu livro *“A textbook of translation”*, orientando claramente que “traduzir para seu idioma de uso habitual [L1] é a única maneira de se traduzir com naturalidade, precisão e máxima eficácia e o contrário disso, o tradutor só estará contribuindo para o riso de muitas pessoas” (NEWMARK, 1988, p. 3).⁹ A partir da década de 1990, vários autores como Campbell (1998), Grosman (2000) e Pokorn (2005) criticam e “desafiam a visão tradicional” sobre a possibilidade de se traduzir somente para a primeira língua do tradutor, como aponta Pavlović (2013). Campbell (1998, p. 4) defende a tradução para a segunda língua do tradutor e declara que “a tradução para a segunda língua é uma atividade tão normal e possivelmente tão difundida quanto a tradução para a primeira língua”.

No contexto da tradução intramodal vocal-auditiva, temos alguns trabalhos, como o de Pavlović e Jensen (2009), Pavlović (2013) e Ferreira (2010), que investigam a direcionalidade na perspectiva empírico-experimental e que tomamos como referência para nosso desenho de pesquisa e discussão sobre direcionalidade na tradução.

Pavlović e Jensen (2009), no par linguístico inglês-dinamarquês, investigam a direcionalidade no processo de tradução envolvendo tradutores profissionais e estudantes, por meio de rastreamento ocular, medindo indicadores de esforço cognitivo, sendo eles: tempo total de fixação, número de fixações, duração média da fixação e duração total da tarefa. Apesar dos autores considerarem que o resultado do estudo não possa ser considerado totalmente conclusivo, devido a algumas peculiaridades da pesquisa, observaram-se alguns dados significativos e possíveis tendências mais gerais entre os participantes em relação à direcionalidade e dispêndio de esforço cognitivo.

⁹ Nossa tradução de: *“to translate into your language of habitual use, since that is the only way you can translate naturally, accurately and with maximum effectiveness. In fact, however, most translators do translate out of their own language (‘service’ translation) and contribute greatly to many people’s hilarity in the process”*.

No estudo de Pavlović e Jensen (2009), foi observado que a produção/processamento do texto alvo exige maior esforço cognitivo em relação ao texto fonte em ambas as direções durante a realização das tarefas, mas as traduções para L2 exigiram um esforço cognitivo ainda maior em produção/processamento do TA que as traduções para a L1. Observou-se, também, que, nas duas direções, os estudantes investiram maior esforço cognitivo em relação aos profissionais. Os autores sugerem que mais pesquisas se aprofundem na discussão sobre direcionalidade nas investigações empíricas dos processos de tradução.

Pavlović (2013), em sua pesquisa empírica, analisa as características e as implicações na qualidade de tradução da L2 para a L1 e da L1 para a L2 de tradutores novatos, buscando responder se as traduções nas duas direções possuem semelhanças, descrevendo os problemas encontrados e verificando se existe uma correlação entre a direção da tradução e a qualidade do texto alvo. Apesar de muitos autores não considerarem a tradução para a L2 aceitável, a autora argumenta que a tradução, nas duas direções, é possível e que ambas as direções apresentam dificuldades. Os resultados apontaram ainda que a produção do texto alvo exige maior esforço cognitivo em seu processamento, comparativamente à leitura do texto fonte, em ambas as direções.

Ferreira (2010), em sua dissertação, enfoca no impacto da direcionalidade sobre o processamento cognitivo de tradutores profissionais no par linguístico inglês-português. A autora utiliza para a análise processual um conjunto de ferramentas de coleta de dados, como *software Translog*, protocolos e questionários retrospectivos. Olhar os dados de diversas perspectivas denomina-se como triangulação de dados, conforme propõe Alves (2001, 2003), sendo uma importante opção metodológica para as pesquisas empírico-experimentais, considerando a complexidade e o limitado acesso aos fenômenos processuais.

As pesquisas e as discussões sobre direcionalidade nas traduções intramodais vocais-auditivas contribuem também para o campo teórico e metodológico desta pesquisa; porém, sabemos que, na tradução intermodal, outros aspectos e características específicas devem ser considerados no processo tradutório. Ao pesquisarmos sobre a direcionalidade, com viés no processo tradutório intermodal, ainda não temos, nas pesquisas da área, dados empíricos substanciais disponíveis. Com isso, apoiamo-nos em pesquisas sobre a direcionalidade na interpretação simultânea intermodal, na qual já existem algumas referências, para contribuir com as reflexões sobre direcionalidade, modalidade e demais questões de pesquisa deste trabalho.

Na perspectiva intermodal, Nicodemus e Emmorey (2013) realizam uma pesquisa de grande envergadura entre os intérpretes de ASL (*American Sign Language*), atuantes entre

línguas de modalidades diferentes, e intérpretes de línguas vocais-auditivas, atuantes entre línguas com a mesma modalidade. O objetivo da pesquisa foi comparar as preferências entre os intérpretes e fornecer evidências sobre a especificidade da modalidade ou, independentemente das preferências, fornecer pistas para as possíveis causas das posições apresentadas pelos intérpretes. A amostra dos participantes foi de 540 intérpretes de línguas vocais e 633 intérpretes de línguas de sinais. Dos intérpretes de ASL entrevistados que indicaram uma preferência de direção, 82% se sentem mais proficientes em interpretar da sua L1 (inglês) para a sua L2 (ASL), ao contrário dos intérpretes de línguas vocais, com apenas 28% dessa preferência.

A pesquisa observou que, entre os intérpretes, os novatos tendem a preferir a interpretação para a ASL e as autoras sugerem alguns fatores:

- i) o uso da datilologia como estratégia na interpretação inglês-ASL para compensar a falta de conhecimento de algum sinal da ASL, porém na interpretação ASL-inglês não é possível recorrer a esse recurso compensatório, considerando ainda que a maioria dos intérpretes apresenta dificuldade na compreensão da datilologia em uma sinalização;
- ii) a possibilidade, na interpretação para as línguas de sinais, do uso da transliteração (produção de sinais com a estrutura sintática do inglês oral), também conhecido como palavra-sinal. As produções decorrentes de uma transliteração são consideradas agramaticais, porém podem ser aceitáveis para a audiência surda, considerando que alguns sujeitos surdos são bilíngues e a maioria deles foi instruída por meio do inglês e geralmente a audiência surda não se posiciona contra essa prática. Porém, na interpretação para as línguas vocais, a transliteração é inaceitável pela audiência ouvinte, que rejeita uma produção sem sentido;
- iii) a maioria dos surdos não é nativa nas línguas de sinais e 90% deles aprendem a sinalizar tardiamente e sem um padrão de sinalização, apresentando uma diversidade entre a comunidade na forma de sinalizar. O intérprete novato, por não dominar essas variações que podem ocorrer nas sinalizações, tende a preferir a interpretação para a ASL. Já com intérpretes de línguas vocais, essa alta variação é bem menor;
- iv) o automonitoramento na produção da interpretação intramodal vocal-auditiva é possível, uma vez que o intérprete se escuta ao falar, recebendo um *feedback* auditivo, mas é muito difícil durante a sinalização. Perceber mais facilmente os

erros durante a produção também pode influenciar na preferência da direção entre os intérpretes de ASL.

A fim de verificar se a preferência de direção apontada por 30 intérpretes de ASL correspondem com o desempenho, Nicodemus e Emmorey (2015) realizaram uma pesquisa experimental com 15 intérpretes de ASL novatos e 15 intérpretes de ASL experientes. Foram avaliados, nas duas direções, quanto à precisão (conteúdo semântico) e à qualidade articulatória (ritmo, velocidade e prosódia) observando se desempenham melhor para a L2 (ASL), para a L1 (inglês), ou se a direcionalidade não faz diferença. O resultado apontou que os intérpretes novatos desempenham melhor ao atuarem para sua L1 (inglês), mesmo afirmando preferirem atuar para a L2 (ASL), e os intérpretes experientes foram igualmente precisos atuando em ambas as direções.

Mais recentemente, no par linguístico Libras-português, Silva (2021) investiga a influência da direcionalidade na interpretação simultânea intermodal de narrativas e propõe uma discussão teórico-metodológica a partir de um estudo piloto realizado com a abordagem experimental. Ademais, a autora investiga os indicadores de esforço cognitivo nas tarefas de interpretação nas direções Libras→PT e PT→Libras, as estratégias interpretativas intermodais, os efeitos da modalidade e as competências tradutórias intermodais. Silva (2021), entre outros resultados, percebeu que a direcionalidade influencia o processo de interpretação simultânea intermodal no contexto de narrativas, à medida que o intérprete participante da pesquisa experimental apresentou, para cada direção, diferentes usos de estratégias, diferentes efeitos de modalidade e diferentes indicadores de esforço cognitivo. Pudemos observar, neste trabalho, resultados semelhantes ao de Silva, como o uso de estratégias diferentes para cada direção pelos grupos de TILS com mais experiência e menos experiência que participaram do experimento.

Diante das pesquisas apresentadas na perspectiva das línguas de sinais, temos estabelecido que, ao trabalharmos com processos intermodais, é inevitável que os efeitos da modalidade apareçam imbricados como um fator crucial nas discussões, direcionando nossa análise para essas e outras questões naturalmente ausentes nas discussões dos processos intramodais vocais-auditivos.

2.4 ESFORÇO TEMPORAL, TÉCNICO E COGNITIVO

Krings, considerado o responsável pela virada processual nos Estudos da Tradução, no ano de 1986, prosseguiu com suas pesquisas na área dos estudos processuais e, no ano de 2001, publicou o livro traduzido em inglês como “*Repairing Texts: Empirical Investigations of*

Machine Translation Post-editing Processes”, que trata dos resultados da sua pesquisa de pós-doutorado, realizada no ano de 1994, originalmente escrita em alemão. O autor explora, em seu livro, aspectos da tradução automática e os processos mentais envolvidos por diversos grupos de participantes em tarefas de pós-edição¹⁰ com acesso e sem acesso ao texto fonte. Como principal ferramenta metodológica, Krings utiliza os *Think-Aloud-Protocols* (TAPs), ou protocolos verbais consecutivos, como meio de acessar o fluxo de pensamento dos participantes enquanto executam as tarefas de pós-edição.

Com a necessidade de traduções realizadas de forma rápida e de baixo custo, a tradução automática foi criada como uma solução para essa demanda. Porém, com a impossibilidade dos sistemas computacionais, daquela época e também da atualidade, de traduzir aspectos linguísticos e extralinguísticos importantes, a intervenção humana ainda se faz necessária com ações de pós-edição para essas traduções automáticas. Nesse sentido, Krings (2001) teve como um dos principais objetivos do seu robusto trabalho experimental verificar a viabilidade da pós-edição da tradução automática em relação ao custo operacional e cognitivo nessa tarefa.

À vista disso, Krings (2001) estabelece três categorias, que se relacionam entre si, como elementos de medidas de esforço na pós-edição, sendo elas: esforço temporal, esforço técnico e esforço cognitivo. Krings explica o esforço temporal da seguinte maneira:

o esforço temporal é o aspecto mais visível e economicamente mais importante do esforço na pós-edição. É também o mais facilmente medido. O tempo necessário para liberar o texto traduzido pela máquina de seus problemas e dar-lhe a qualidade de uma tradução humana é muitas vezes visto como uma medida direta de todo o esforço de pós-edição. A economia de tempo que ocorre (ou deveria ocorrer) em comparação com a tradução humana é correspondentemente a medida mais importante para calcular a viabilidade econômica da tradução automática. (KRINGS, 2001, p. 178)¹¹

Entendendo o esforço temporal como o tempo despendido durante a tarefa da pós-edição, Krings prossegue definindo o esforço técnico:

Uma vez reconhecido um problema na tradução automática e elaborado um plano de correção, a correção deve ser implementada, ou seja, a passagem correspondente deve ser alterada. Isso ocorre por meio de exclusão, inserção, reordenação ou uma

¹⁰ Refere-se à correção do texto que foi traduzido automaticamente (FONSECA, 2016, p. 17).

¹¹ Nossa tradução de: “*Temporal post-editing effort is the most visible and economically most important aspect of post-editing effort. It is also the most easily measured. The time necessary to free machine-translated text of its deficiencies and to give it the quality of a human translation is often seen as a direct measure of all post-editing effort. The time savings that occur (or should occur) in comparison to human translation are correspondingly the most important measure for calculating the economic viability of machine translation*”.

combinação dessas operações. O esforço causado por essas operações puramente técnicas é chamado aqui de esforço técnico de pós-edição. (KRINGS, 2001, p. 179)¹²

Krings argumenta que os esforços mencionados (temporal, técnico e cognitivo) são, em alguma medida, relacionados, considerando que, durante o esforço temporal, estão ocorrendo ações de edições, exclusões, entre outros aspectos do esforço técnico. Ademais, conforme o esforço temporal se desencadeia, o esforço cognitivo também está acontecendo. Dessa forma, Krings (2001, p. 179) considera que o esforço cognitivo “envolve o tipo e a extensão dos processos cognitivos que devem ser ativados para solucionar um determinado problema em uma tradução automática¹³”. Não sendo possível observar o esforço cognitivo diretamente, Krings utiliza os protocolos verbais como parâmetro empírico. Atualmente outras ferramentas como o *software Translog* e o rastreamento ocular podem fornecer medidas mais apuradas sobre o esforço cognitivo.

Baseada nas categorias de Krings (2001), Fonseca (2016), em sua pesquisa empírico-experimental, analisa o dispêndio de esforço temporal, técnico e cognitivo durante o processo de pós-edição monolíngue. Utilizando para a coleta de dados o *software Translog*, o rastreamento ocular e os protocolos retrospectivos escritos e protocolos verbais concomitantes (TAPs), a autora empregou parâmetros específicos de medidas para cada categoria de esforço de acordo com o seu o objetivo de trabalho.

Para o dispêndio de esforço temporal, Fonseca (2016) utiliza as medidas de tempo de execução da tarefa, de produção-execução textual, tempo total das pausas, contagem das pausas e tempo de não produção textual. Para o esforço técnico, a autora utiliza os indicadores de contagem de teclas de inserção, exclusão, navegação, teclas de retorno e edição e movimento de *mouse*. Já para o dispêndio de esforço cognitivo, os dados foram coletados a partir do rastreamento ocular, observando-se duração média das fixações, contagem das fixações, tempo total das fixações, tamanho médio da pupila e duração da fixação mais longa.

Na discussão sobre a pós-edição, Fonseca (2016) argumenta que alguns consensos já estão estabelecidos entre os autores, sendo que: i) a pós-edição é objeto de estudo dos Estudos da Tradução, mas também de outras áreas; e ii) existe distinção entre a tradução e a pós-edição, tanto no nível cognitivo (KRINGS, 2001) quanto no nível prático (O'BRIEN, 2002). Apesar de

¹² Nossa tradução de: “Once a deficiency in the machine translation has been recognized and a plan for correction developed, the correction must be implemented, that is, the corresponding passage must be altered. This occurs through deletion, insertion, reordering, or a combination of these operations. The effort caused by these purely technical operations is called technical post-editing effort here”.

¹³ Nossa tradução de: “involves the type and extent of those cognitive processes that must be activated in order to remedy a given deficiency in a machine translation”.

existirem distinções entre a tradução e pós-edição, Fonseca reconhece, a partir do levantamento teórico, que processos da tradução podem ser compartilhados com os estudos da pós-edição, como vimos em Krings (2001) inclusive colaborando com a criação de conceitos próprios, como noção do esforço temporal e do esforço técnico.

Considerando essa inter-relação produtiva entre os estudos, nos apoiaremos nas definições de esforço temporal e esforço técnico, propostas por Krings (2001) para a pós-edição, aplicando-as à nossa pesquisa com foco nos processos tradutórios intermodais, conforme descreveremos no capítulo metodológico.

2.4.1 Fases do processo tradutório

Ao realizar uma pesquisa experimental com tradutores experientes e estudantes de tradução no par linguístico inglês-dinamarquês, Jakobsen (2002), utilizando da ferramenta *Translog* para a coleta de dados, observou que o processo tradutório estava claramente dividido em três fases: uma fase inicial de orientação, uma fase intermediária de redação e uma fase final de revisão.

A fase de orientação se inicia quando o tradutor tem o primeiro contato com o texto fonte (TF) e está diretamente relacionada com a atividade de compreensão inicial. A fase é encerrada assim que o tradutor digita a primeira tecla de produção de texto. Observamos nessa fase quanto o tradutor se dedicou a construir uma compreensão do TF antes de começar efetivamente a tradução.

A fase de redação se inicia assim que o tradutor digita a primeira tecla de produção de texto e é encerrada quando o tradutor digita o último ponto final ou a última tecla do texto alvo (TA) pela primeira vez. Nessa fase, além da produção do TA, podem ocorrer diversas ações de apagamentos, mudanças no texto, correções e consultas externas. Essas movimentações de revisão textual durante a fase de redação são chamadas por Jakobsen de “revisão *on-line* [em tempo real, imediata], pois ela é realizada enquanto a primeira versão completa do texto ainda não foi concluída” (JAKOBSEN, 2002, p. 193)¹⁴.

A última fase, de revisão, é o momento em que o texto produzido na fase de redação é revisado. Aqui o tradutor realiza novas consultas externas para resolver ou validar problemas ainda não solucionados, ajustes em aspectos formais e de conteúdo, exclusões, alterações,

¹⁴ Nossa tradução de: “*online revision because it is revision undertaken while the first full drafting of the target text has not yet been completed*”.

formatações e outros movimentos até decidir que a tradução está finalizada e pronta para ser entregue ao cliente.

A pesquisa de Jakobsen indicou que os tradutores experientes despenderam mais tempo na fase de orientação. Na fase de redação, os tradutores experientes demonstraram sua *expertise*¹⁵, pois, além de produzirem o TA mais rapidamente que os estudantes de tradução, os textos foram considerados mais duráveis. Para Jakobsen (2002), a durabilidade textual significa que, uma vez que a solução encontrada pelo tradutor e permitida pelo seu “censor interno a ser digitada, é mais provável que ela se mantenha até a versão final do TA do que as soluções feitas pelos estudantes de tradução que são mais voláteis e provisórias”¹⁶(JAKOBSEN, 2002, p. 203). Alves e Gonçalves (2007) realizam uma revisão do conceito de durabilidade textual e o definem da seguinte forma:

A durabilidade é um padrão cognitivo que pode ser observado no processo de tradução de tradutores expertos. Ela pode ser correlacionada e aferida por meio da justaposição de características do desempenho experto, como o tempo gasto em uma tarefa, o grau de monitoramento metacognitivo e um resultado confiável da tarefa, principalmente ao final da fase de redação. Como extensão desse conceito, os textos alvo podem, portanto, ser considerados mais ou menos duráveis. (ALVES; GONÇALVES, 2007, p. 49)¹⁷

A proposta de Jakobsen (2002), de dividir o processo tradutório em três fases (orientação, redação e revisão), foi abordada por algumas pesquisas empírico-experimentais desenvolvidas no LETRA (Laboratório Experimental de Tradução) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, tais quais Alves (2005), Liparini Campos (2005) e Ferreira (2010).

Com definição das fases no processo tradutório, conforme Jakobsen, é possível identificar o ritmo cognitivo dos tradutores, sendo essa abordagem bastante discutida entre os autores anteriormente citados. Alves (2005, p. 115) define ritmo cognitivo como “um padrão de alternância rítmica entre as pausas e redação no decorrer de um tempo total de produção textual”.

¹⁵ Utilizamos o conceito de *expertise* conforme Shreve (2006), que postula que a *expertise* em tradução se desenvolve a partir de uma performance consistentemente superior em um conjunto de tarefas tradutórias, bem como o acúmulo de experiência e prática deliberada, proposto por Ericsson e Charness (1997).

¹⁶ Nossa tradução de: “*Once a solution had been found and allowed by the translator's internal censor to be typed, it was more likely to survive into the final target text version than the much more volatile and tentative solutions produced by the student translators*”.

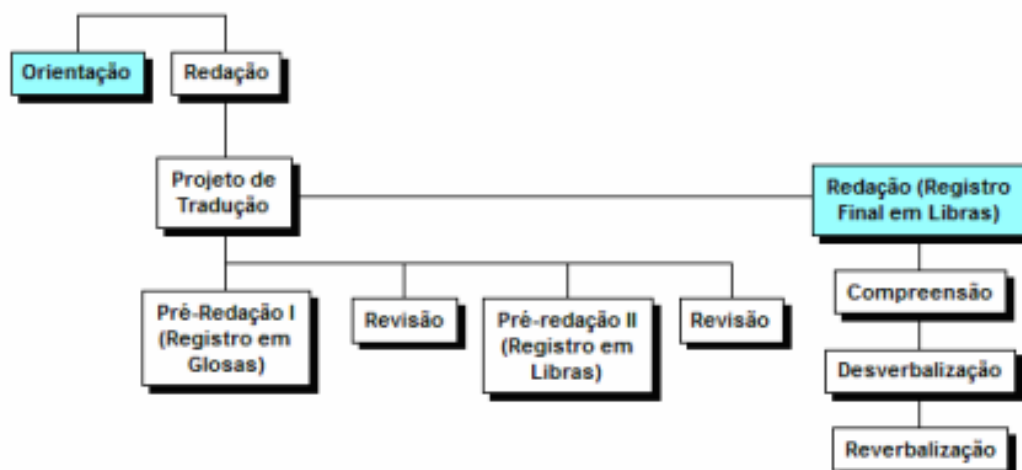
¹⁷Nossa tradução de: “*Durability is a cognitive pattern that can be observed in the translation process of expert translators. It can be mapped onto and assessed through the juxtaposition of features of expert performance, such as time spent on a task, degree of meta-cognitive monitoring and reliable task output, particularly at the end of the drafting phase. As an extension of this concept, target texts can therefore be said to be more or less durable*”.

Alves (2005) investiga as possíveis relações entre ritmos cognitivos de tradutores novatos e experientes e questões relacionadas à capacidade de meta-reflexão e experiência em tradução como forma de investigar diferentes graus de gerenciamento no processo de tradução. Liparini Campos (2005), em sua dissertação de mestrado, investiga o efeito da pressão de tempo no processo de tradução de tradutores novatos analisados a partir de aspectos relativos às fases de orientação, redação e revisão. Ferreira (2010), em sua pesquisa sobre direcionalidade, investiga os aspectos cognitivos em tradutores profissionais no par linguístico inglês-português, utilizando como variáveis de análise o tempo despendido em cada fase do processo tradutório. Esses trabalhos indicam conjuntamente a tendência de que a fase de redação é a que exige mais tempo de dedicação por parte dos tradutores.

Na perspectiva da tradução intermodal, a segmentação do processo tradutório em fases (com base em Jakobsen, 2002) também já foi considerada como opção metodológica para análise do processo no par linguístico Libras-português. Silvério *et al.* (2012), em uma abordagem empírico-experimental, refletem sobre o processo de *tradução-interpretação* de um texto em português oral para a Libras em vídeo. Tendo o TF e o TA como insumos não escritos, os autores perceberam que esse processo envolveu características operacionais e cognitivas específicas tanto da tradução quanto da interpretação e, por isso, a denominação *tradução-interpretação*.

Em síntese, a fase de orientação no contexto da pesquisa citada foi estabelecida ao se assistir ao TF, analisar informações textuais e contextuais e realizar consultas externas a fim de se construir um projeto de tradução. Logo após, o projeto de tradução é iniciado e, com apoio de sistema de transcrição de glosa, produz-se uma primeira versão do TA, que sofreu alterações e correções, delimitando assim a fase de redação. A última fase, de revisão, foi definida como a gravação final do TA em vídeo, no qual não ocorrem mais alterações. Dessa forma, os autores ilustram o processo de *tradução-interpretação*:

Figura 4 – O processo de tradução-interpretação



Fonte: Silvério *et al.* (2012, p. 4).

A partir do exposto, podemos verificar que a divisão do processo tradutório nas fases de orientação, redação e revisão, como proposto por Jakobsen (2002), pode colaborar com as pesquisas processuais da tradução que trabalham com diversos objetos de estudos relacionados a esse fenômeno.

Esta pesquisa, com o objetivo de analisar a direcionalidade no processo tradutório intermodal, tomará como base os trabalhos supracitados, que discutem aspectos relacionados ao processo de tradução, ao processo de tradução intermodal, à direcionalidade e aos indicadores de esforço temporal e técnico. A divisão nas fases de orientação, redação e revisão contribuiu para a mensuração e a parametrização do esforço temporal, esforço técnico e para as análises qualitativas e quantitativas realizadas neste trabalho.

No Capítulo 3, a seguir, explicitaremos os procedimentos metodológicos utilizados no escopo da presente pesquisa.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentaremos os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa. A proposta é de natureza descritiva, empírico-experimental com foco processual, sobre a potencial influência da direcionalidade na tradução intermodal no par Libras-português. Filiados aos estudos do processo tradutório, com estudos desenvolvidos pelo Laboratório Experimental de Tradução (LETRA) da FALE/UFMG, utilizamos a abordagem metodológica de triangulação, permitindo uma observação conjugada e complementar de diferentes fontes de dados processuais (ALVES, 2001; 2003). Descreveremos a elaboração e a aplicação do questionário prospectivo de perfil, baseando-se em Zampier (2019) e Santos, J. (2020); a seleção dos textos fonte em português e em Libras; os procedimentos das tarefas de tradução nas direções Libras→PT e PT→Libras; e os critérios para seleção dos participantes para a pesquisa experimental. Por fim, apresentaremos a metodologia de análise dos dados coletados.

3.1 A PESQUISA EMPÍRICO-EXPERIMENTAL REMOTA EM TRADUÇÃO

A fase experimental desta pesquisa foi pensada, inicialmente, para ser aplicada presencialmente no Laboratório Experimental de Estudos da Tradução (LETRA) da UFMG, como normalmente ocorrem as pesquisas processuais experimentais dos grupos vinculados ao Laboratório. Porém, devido à pandemia do novo coronavírus, todos nós, repentinamente, tivemos a necessidade de nos adaptar a uma nova realidade de isolamento e distanciamento social. Com isso, pesquisas científicas que aplicavam seus experimentos com participantes de forma presencial, utilizando o apoio das tecnologias alocadas nas universidades, foram impactadas.

Providências tiveram que ser tomadas para que a pesquisa prosseguisse com seu propósito experimental e a alternativa encontrada foi a sua realização de forma remota, buscando manter os mesmos parâmetros de qualidade na coleta de dados que supostamente teriam em uma aplicação no formato presencial. Com pouca ou quase nenhuma referência de pesquisas empírico-experimentais em tradução de forma remota, foi organizado um grupo de estudos, composto por professores e pesquisadores da UFOP e da UFMG, com o intuito de fomentar discussões e buscar soluções metodológicas e operacionais na aplicação de pesquisas entre os discentes de graduação e pós-graduação que precisaram adaptar seus projetos para essa nova realidade.

Durante o período de pandemia, muitos programas e plataformas on-line se desenvolveram de forma rápida para suprirem as demandas de reuniões, aulas, palestras e diversas atividades de forma remota. Durante os encontros do grupo de estudos, foram discutidas as alternativas de plataformas disponíveis para cada caso de projeto de pesquisa apresentado, mantendo assim uma troca de informações entre os participantes daquele grupo¹⁸.

Para a definição das plataformas e metodologias utilizadas nesta pesquisa, foram realizados previamente vários testes de ferramentas disponíveis que pudessem cumprir com a nossa proposta de forma adequada e, a partir daí, realizamos um teste piloto, que será descrito na seção 3.1.4. Todas essas etapas foram necessárias para antever possíveis problemas durante a aplicação do experimento remoto e, também, minimizar qualquer desconforto ou dificuldade operacional dos participantes.

3.1.1 Os participantes

Esta pesquisa investiga o processo da tradução no par linguístico Libras-português. Porém, é incomum encontrarmos profissionais que atuem exclusivamente como tradutores nesse par linguístico, seja de forma autônoma, seja em instituições. Habitualmente, o profissional é admitido para exercer as funções de tradução e interpretação e executa as duas formas de trabalho conforme a demanda. Compreendemos que a experiência dos TILS pode ser baseada na prática com a interpretação, porém a seleção de TILS com a experiência somente ou com a maior parte em tradução ainda não é uma realidade na área. Dessa forma, separamos os TILS em dois grupos para termos uma amostragem e observarmos o comportamento desses participantes.

Dito isso, para observarmos a influência da direcionalidade, selecionamos dois grupos de TILS: o grupo mais experiente (G1), com mais de doze anos de atuação na área, e o grupo menos experiente (G2), com quatro a seis anos de atuação na área. A decisão por essa faixa temporal para o G2 foi definida por presumirmos que TILS com menos tempo de atuação pudessem apresentar grandes dificuldades na execução das traduções ou até mesmo não concluir o experimento, considerando que a tradução não é a tarefa mais demandada entre esses profissionais. Para o G1, acreditamos que profissionais com mais de doze anos de atuação

¹⁸ O grupo de estudos criado para esse fim foi uma iniciativa informal e temporária, não registrado nas instituições. Porém, suas atividades foram apoiadas e articuladas com as do grupo de estudos sobre cognição e pragmática (GECOP), registrado na UFOP, incluindo alunos de graduação e pós-graduação da UFOP e da UFMG, abordando temáticas de interesse para as pesquisas da área dos estudos processuais da tradução.

tenham o maior nível de *expertise* entre os participantes. Portanto, fizemos uma escolha arbitrária, mas que procurou potencializar a distinção da variável *anos de experiência profissional* entre os dois grupos experimentais.

Os participantes para a pesquisa experimental foram selecionados seguindo os seguintes perfis:

- i) que tenham a tradução e interpretação de Libras-português como a principal atividade profissional;
- ii) que declarem ter experiência com a tradução no par linguístico Libras-português com trabalho de tradução publicado em sites oficiais ou vinculados na grande mídia;
- iii) que possuam certificado de proficiência emitido pelo Ministério da Educação (ProLibras) ou avaliação de proficiência emitido por instituições de ensino superior ou instituições credenciadas por Secretarias de Educação ou bacharelado em Letras-Libras; e
- iv) que tenham o português como primeira língua e a Libras como segunda língua.

Para selecionar e classificar os tradutores com perfis razoavelmente homogêneos, disponibilizamos, por um questionário prospectivo de perfil on-line (Apêndice A), perguntas relacionadas à quantidade de tempo de experiência, à certificação na área de atuação, à autoclassificação de habilidades de tradução e de fluência em Libras, aos tipos de experiência profissional em tradução, à preferência de direção na atuação, aos cursos na área, entre outras. Com a divulgação do questionário prospectivo de perfil, obtivemos uma amostragem sobre algumas de nossas perguntas de pesquisa, com relação a uma possível tendência de preferência de direção para a tradução entre os TILS respondentes e se haveria uma correlação entre a preferência e a experiência profissional dos respondentes.

A partir das análises das respostas recebidas do questionário prospectivo de perfil, encaminhamos, via e-mail, um convite aos TILS com os perfis selecionados, verificando a disponibilidade para a participação no experimento remoto de forma voluntária. Foram selecionados para participarem do experimento oito TILS, com os seguintes perfis: quatro TILS que declararam ter experiência de quatro a seis anos de atuação na área e quatro TILS que declararam ter mais de doze anos de experiência na área. Esse critério buscou estabelecer o tempo de experiência profissional como uma das variáveis independentes do estudo, excluindo a faixa de tempo entre 1 a 3 anos e 7 a 11 anos de experiência, supostamente, potencializando a influência dessa variável sobre o processo em foco.

3.1.2 A tarefa de tradução

A pesquisa foi realizada de forma remota, conforme dia e horário informado e com base na disponibilidade do participante, por meio de videochamada via *Google Meet*, monitorada e guiada pela pesquisadora. Todo o experimento foi gravado pelo *software OBS Studio*, que possui a função de gravar a tela. Antes do início da tarefa, foi informado ao participante sobre os procedimentos, conforme termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE (Apêndice B), encaminhado, no momento da sessão experimental, pelo formulário eletrônico para registrar o aceite em participar de forma voluntária, bem como sobre os possíveis riscos e desconfortos e sobre a confiabilidade da pesquisa. O TCLE também foi encaminhado aos participantes via e-mail no formato PDF. A pesquisa está registrada na Plataforma Brasil sob o número CEP: CAAE 43949821.9.0000.5149, tendo sido aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG.

A tarefa consistiu na tradução de dois textos no par linguístico Libras-português, sendo uma tarefa do português escrito para a Libras em vídeo e a outra tarefa de um texto em Libras para o português escrito. Após a execução de cada tarefa, foi aplicado o protocolo verbal retrospectivo semiguiaado, solicitando que o participante comentasse sobre seu desempenho na direção realizada, a fim de obtermos indicativos das estratégias utilizadas durante cada tradução, os quais foram transcritos e utilizados como dados para as análises.

No primeiro momento do experimento, após as orientações gerais sobre os procedimentos da tarefa, solicitamos ao participante que realizasse o compartilhamento de tela, recurso disponível nas configurações do *Google Meet*, para que todas as mudanças de janela, pesquisas e digitações pudessem ser gravadas para posterior análise. O participante teve a liberdade em realizar pesquisas on-line, utilizar dicionários ou qualquer outro material de consulta que desejasse, além de ter podido despender o tempo que julgasse necessário para realizar as traduções nas duas direções.

3.1.3 Procedimentos da tarefa

Para a tarefa de tradução Libras→PT, foi encaminhado ao participante, pelo chat da videochamada, um link do *Google forms* com as orientações referentes à tarefa e o texto em Libras na versão sinalizada, contendo no formulário um espaço específico para a realização da tradução para o português escrito, conforme link <https://forms.gle/MwG8BR5JC2wDEevw5>.

Com a tela do participante compartilhada, foi possível acompanhar e gravar todo o processo de produção de texto da tradução. Optamos por não informar sobre o tema ou assunto dos textos que seriam traduzidos para não influenciar nas escolhas tradutórias dos participantes. Para a tradução PT→Libras, foi disponibilizado um link do *Google drive* com o texto em português (Apêndice D), podendo o participante aumentar ou diminuir o tamanho da fonte do texto e utilizar o próprio documento disponibilizado para realizar anotações ou criação de glosas, caso houvesse a necessidade. O participante teve a liberdade de realizar pesquisas online e despendeu o tempo que julgou necessário. Nesta etapa, ao final da preparação da tradução, o participante realizou a tradução final utilizando o próprio celular para registrá-la. Essa orientação foi repassada previamente ao participante. A tradução final realizada por celular teve por objetivo possibilitar ao participante a revisão da tradução e, caso não a considerasse satisfatória, poderia apagar e realizar novas gravações.

A ordem de realização das traduções foi alternada entre os participantes, a fim de minimizar o efeito de facilitação ou familiaridade, que pode influenciar algumas variáveis estudadas. Dessa forma, quando um participante de um grupo começasse com a tradução Libras→PT, o próximo participante desse mesmo grupo iniciaria com a tradução PT→Libras e assim sucessivamente.

Ao final de cada tarefa de tradução, foi solicitado que o participante respondesse ao protocolo verbal retrospectivo semiguiado (Apêndice E) das tarefas realizadas. Para a retrospectiva da tradução Libras→PT, a pesquisadora encaminhou o texto em português da tradução realizada pelo chat da videochamada, possibilitando ao participante rever a tradução realizada por ele e, assim, fazer suas considerações. Na tradução PT→Libras, foi solicitado ao participante que revisse a tradução gravada por seu próprio celular para que fizesse as considerações, se assim desejasse. Essa etapa possibilitou a coleta de dados qualitativos de ordem subjetiva (ALVES, 2001).

3.1.4 Os textos fonte

Para a tradução Libras→PT, selecionamos um vídeo autêntico em Libras elaborado por uma pessoa surda, fluente em Libras, conhecida em meio às comunidades surdas, com registro informal, disponível originalmente na rede social *Instagram*. O vídeo com duração de 1 minuto foi postado na conta pessoal do autor com mais de 30 mil seguidores, com o objetivo de explicar e alertar sobre o tema “manipulação”. Com a devida autorização para o uso nesta pesquisa, o

vídeo foi adicionado à plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*¹⁹. Um dos desafios na pesquisa sobre direcionalidade na tradução é testar a comparabilidade entre os textos fonte. Pavlović e Jensen (2009) comentam sobre essa dificuldade ao realizarem a pesquisa sobre direcionalidade no par linguístico inglês-dinamarquês e consideram que esse desafio é apresentado até mesmo ao testar a comparabilidade com textos na mesma língua.

Como afirma Rodrigues (2018), as línguas de sinais não possuem um sistema de escrita consolidado. Portanto, utilizamos para a tradução na direção Libras→PT, um texto em Libras registrado em vídeo para ser traduzido para o português escrito. Para a tradução na direção PT→Libras, o participante realizou a tradução de um texto escrito em português para a Libras registrada em vídeo.

Nesta pesquisa, utilizamos não apenas línguas diferentes, mas de modalidades diferentes, cujos métodos de comparabilidade de línguas vocais não se aplicam à especificidade das línguas de sinais. Diante da necessidade de utilizar textos correlatos em Libras e em português com a proximidade em relação às suas características linguísticas, extensão, tipo e gênero textual, utilizamos uma adaptação do método aplicado por Nicodemus e Emmorey (2015), no qual partimos do texto selecionado em Libras para produzir um texto semelhante e razoavelmente equivalente no português escrito.

A primeira tentativa foi a partir do texto selecionado em Libras, que tem como tema “manipulação”, para que pudéssemos encontrar em sites, blogs ou redes sociais textos já disponíveis com a mesma temática e que se encaixassem nos padrões formais e de gênero do texto em Libras. Porém, nenhum dos textos encontrados foi compatível com o texto já selecionado em Libras. Para chegar a essa conclusão, realizamos um teste empírico de comparabilidade entre esses textos da seguinte forma: convidamos uma TILS com dez anos de experiência e com certificação de proficiência em tradução e interpretação da Libras-português para realizar o experimento piloto de forma remota e solicitamos que ela realizasse as tarefas de tradução dos dois textos, o texto em Libras, já selecionado, e alguns textos encontrados na internet em português, e, conforme relatado pela voluntária, os textos propostos estavam “com uma linguagem diferente”. Essa TILS convidada não respondeu ao questionário prospectivo de perfil e, com isso, também não participou do experimento, posteriormente.

A partir de duas traduções realizadas do texto em Libras, uma da própria pesquisadora e outra gerada pela voluntária do teste realizado para a consulta de comparabilidade dos textos,

¹⁹ Link do vídeo do texto em Libras para tradução Libras→PT. O vídeo ficou na opção não listado, podendo ser acessado somente por meio do link. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wi9UTouyy5Y>. Acesso em: 10 mai. 2021.

foi solicitado a uma professora com doutorado em Letras, sem conhecimento da Libras, que criasse um texto a partir das traduções com o tema “manipulação”, de forma livre, gerando assim, uma nova produção. Foi orientado que o texto produzido seria uma publicação para as redes sociais, em linguagem informal, com até 150 palavras ou 10 linhas, seguindo os padrões linguísticos, estilísticos e discursivos das traduções apresentadas. Com esse processo, pretendeu-se obter textos razoavelmente correspondentes nas duas línguas.

3.1.5 Teste de fluência verbal semântica

O teste de fluência verbal semântica consiste na reprodução do maior número de palavras de uma determinada categoria em um determinado tempo. Essa tarefa é muito utilizada nas avaliações neuropsicológicas para verificar habilidades linguísticas, capacidade de armazenamento do sistema de memória e organização do pensamento em crianças e adultos. A ferramenta também vem sendo amplamente utilizada em ambientes clínicos e em pesquisas como medida de proficiência linguística, recuperação das palavras e organização lexical em diversas populações, como afirma Sehyr *et al.* (2018).

Como forma complementar de assegurar a fluência linguística em português e em Libras dos participantes mais experientes (G1) e dos menos experientes (G2) deste experimento, aplicamos o teste de fluência verbal semântica logo após os participantes encerrarem as tarefas de tradução e responderem ao protocolo verbal retrospectivo. Todos os participantes foram orientados sobre o teste de fluência verbal semântica e avisados que, ao receberem uma categoria, deveriam reproduzir o máximo de palavras ou sinais, dependendo da língua (português ou Libras) em que foi solicitado, no tempo de 30s. Com o participante preparado, a pesquisadora informa o início da tarefa, aciona um cronômetro para a contagem de tempo e, assim que o tempo se esgota, soa um alarme e o participante cessa a produção daquela categoria, naquela língua.

As categorias semânticas selecionadas para este experimento foram: profissões, cores, frutas, esportes e animais. A ordem das categorias e da língua de resposta foi alternada entre os participantes, como sugerem Gollan *et al.* (2002) e Sehyr (2018) ao aplicarem o teste de fluência semântica em bilíngues. Cada palavra produzida em português contabilizou 1 ponto e cada sinal produzido em Libras também contabilizou 1 ponto. Foram excluídos da contagem sinais e palavras repetidos, produzidos de forma incompleta, uso da datilologia para palavras que possuem sinais próprios (e.g., em Libras: mamão, caju, boi etc.) e palavras não usuais na língua (e.g., em português: urso marrom, urso preto, urso branco etc.). Dito isso, tivemos o seguinte

escore para os participantes mais experientes (G1) e para os participantes menos experientes (G2):

Tabela 1 – Escore do teste de fluência verbal semântica

	G1-P1	G1-P2	G1-P3	G1-P4	G2-P1	G2-P2	G2-P3	G2-P4
PT	64	75	62	58	75	76	51	50
Libras	56	56	54	46	60	57	42	53
Escore	120	131	116	104	135	133	93	103

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

A partir de teste estatístico de normalidade, os valores das amostras, tanto separando Libras e português quanto considerando o escore geral, foram validados como normais (paramétricas). Portanto, para verificar a existência de diferenças entre as línguas e os grupos, foram aplicados os testes T de Student (pareados, para comparar a distinção entre as duas línguas; e não pareados, para comparar os dois grupos):

Tabela 2 – Médias do teste de fluência verbal semântica

Médias	Libras	português	Geral
G1	53,0	64,8	117,8
G2	53,0	63,0	116,0
Geral	53,0	63,9	116,9

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

As diferenças significativas entre os dados foram: i) no grupo de participantes mais experientes Libras x português (53,0 x 64,8): $p = 0,010$ ($\alpha = 0,05$; $n=4$; $dp=5,188$; teste pareado)²⁰; e ii) no conjunto de todos os participantes (geral), Libras x português (53,0 x 63,9): $p = 0,002$ ($\alpha = 0,05$; $n=8$; $dp=2,546$; teste pareado). Isso indica que, no grupo de participantes mais experientes, a fluência linguística em português é significativamente maior que em Libras, o que não foi demonstrado para o grupo de participantes menos experientes; observando conjuntamente, os participantes de modo geral demonstraram maior fluência em português que em Libras. Os testes demonstraram que a hipótese nula (H_0) de que a fluência em português não teria diferença da fluência em Libras não foi confirmada para o G1 e para o conjunto de todos os participantes, o que levou à confirmação da hipótese alternativa (H_a) nesses casos, ou seja, de que a fluência em português foi maior que a fluência em Libras para G1 e para o conjunto dos participantes. No tocante à comparação entre os grupos, não houve diferenças

²⁰ α = nível de significância; n = número de elementos ou participantes da amostra; dp = desvio padrão; teste pareado ou não pareado indica se as amostras são dependentes ou independentes, respectivamente, ou seja, duas amostras com os mesmos elementos/ participantes ou elementos/ participantes distintos.

significativas para o português e nem para a Libras ou para o escore geral, o que corroborou a hipótese nula nesses casos.

O resultado geral dos participantes, ao apresentarem mais respostas em português do que Libras, corrobora a pesquisa de Sehyr *et al.* (2018), ao compararem o efeito da língua dominante no teste de fluência semântica em ouvintes bilíngues no par linguístico ASL-inglês. Os autores compararam a fluência verbal semântica em ouvintes bilíngues filhos de pais surdos (CODAs) que adquiriram a ASL e o inglês ainda na infância e em ouvintes que adquiriram a ASL na adolescência ou na fase adulta. O resultado indicou que, para os dois grupos, as respostas em inglês se sobressaíram em relação à ASL, independentemente da idade de aquisição da língua. Com isso, temos que a língua dominante apresenta uma tendência de ter mais respostas em relação à língua não dominante.

Apesar de o teste de fluência verbal semântica, nesta pesquisa, não ter sido considerado como forma de seleção/exclusão de participantes, devido à dificuldade de voluntários para o experimento com o perfil já delimitado anteriormente, o teste foi uma ferramenta importante para nos mostrar que os participantes mais experientes e os menos experientes possuem igualmente uma fluência verbal semântica em português e em Libras aceitável para realizarem as tarefas de tradução propostas, indicando, assim, que a fluência linguística não pode ser atribuída como uma possível variável que possa causar diferenças entre os grupos.

3.2 METODOLOGIA DE ANÁLISE DE DADOS

Para a análise dos dados, utilizamos as coletas realizadas por meio do questionário prospectivo de perfil, da gravação da execução das tarefas de tradução e do protocolo verbal retrospectivo semiguiado, sendo esses dois últimos procedimentos metodológicos registrados pelo *software OBS Studio*. A proposta de análise de dados foi dividida em duas etapas: i) análise qualitativa dos dados; e ii) análise quantitativa dos dados. Para a análise qualitativa, realizamos os seguintes passos: a) tabulação das respostas do questionário prospectivo de perfil — aquelas que buscam responder algumas das perguntas desta pesquisa; b) transcrição para o português do protocolo verbal retrospectivo semiguiado; e c) divisão do processo tradutório nas direções Libras→PT e PT→Libras nas fases de orientação, redação e revisão (JAKOBSEN, 2002). Na análise quantitativa, tivemos: a) mapeamento dos indicadores de esforço de esforço temporal e técnico (KRINGS, 2001); e b) elaboração da proposta exploratória de definição métrica de esforço temporal e técnico na tradução intermodal.

O questionário prospectivo de perfil foi disparado com o objetivo de receber o máximo de respostas possíveis, não só para a seleção de participantes com o perfil desejado para esta pesquisa, mas também para responder às perguntas de pesquisas sobre uma possível tendência de preferência de direcionalidade entre os TILS na atividade de tradução e se a preferência por alguma direção, ou a ausência de preferência, correlaciona-se com a experiência profissional dos TILS.

Dessa forma, para responder a primeira pergunta de pesquisa, do total de 116 respondentes, utilizamos as respostas de 111 deles, que afirmaram ter como a L1 o português e a L2 a Libras. Para a segunda pergunta, sobre a correlação entre preferência e experiência profissional, após a tabulação dos dados, convertimos os valores em porcentagem, elaboramos um gráfico com os valores dos dados e, por fim, aplicamos o teste de Spearman, que verifica a correlação entre duas variáveis qualitativas ordinais que foram definidas a partir dos dados.

No protocolo verbal retrospectivo semiguado (Apêndice E), fizemos perguntas sobre facilidades, dificuldades e estratégias realizadas nas duas direções da tradução e, a partir das respostas que estavam gravadas em vídeo, utilizamos um aplicativo de transcrição automática de áudio para texto escrito. Os aplicativos disponíveis ainda apresentam limitações dependendo da velocidade da fala, clareza na pronúncia das palavras, interferência de ruídos, palavras estrangeiras, entre outras, não apresentando uma transcrição totalmente correta, carecendo atenção do pesquisador nas correções, revisões e ajustes. Em alguns trechos, é necessária a transcrição de forma totalmente manual.

Observando as gravações das traduções realizadas pelos participantes nas duas direções, conseguimos dividir os processos tradutórios nas fases de orientação, redação e revisão. Para a tradução Libras→PT e a tradução PT→Libras, as fases foram compostas da seguinte forma:

Quadro 2 – Fases do processo tradutório intermodal na direção Libras→PT

Fase de orientação	Tempo do participante assistindo ao vídeo do TF em Libras e tempo de apoio externo antes de o participante iniciar a produção do texto da tradução.
Fase de redação	Tempo para a realização da primeira versão do TA: inicia quando o participante digita a primeira tecla, sendo considerado nesta fase o tempo de digitação e edição do TA, tempo consultando o TF e o tempo de apoio externo. A fase se encerra ao digitar o último ponto final do TA pela primeira vez.
Fase de revisão	Tempo despendido realizando ajustes finais no TA e apoio externo.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Quadro 3 – Fases do processo tradutório intermodal na direção PT→Libras

Fase de orientação	Tempo do participante lendo o TF em português e tempo de apoio externo antes de iniciar a produção de sinais para a tradução.
Fase de redação	Inicia quando o participante realiza o primeiro sinal, considerando nesta fase o tempo da sinalização de preparação, o tempo de recodificação (conversão do TF escrito em áudio), o apoio externo e o tempo da primeira tradução do TA em Libras gravada em vídeo. A fase se encerra ao finalizar a produção do TA gravado em vídeo pela primeira vez.
Fase de revisão	Tempo visualizando a gravação do TA, tempo em apoio externo e tempo regravando o TA em vídeo.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A partir da divisão das traduções em fases, pudemos realizar as análises qualitativas, observando o comportamento dos grupos de TILS mais experientes e menos experientes em cada direção e em cada uma das fases e, por conseguinte, contribuir com a análise quantitativa.

Nos apoiaremos nas definições de esforço temporal e técnico postulados por Krings (2001). O autor, em sua pesquisa experimental, elabora critérios de dispêndio de esforço temporal, técnico e cognitivo para verificar a viabilidade da pós-edição. Porém, para esta pesquisa, utilizaremos apenas o esforço temporal e técnico como base para nossas análises, considerando que o esforço cognitivo não pode contar com dados mais substanciais em função das limitações metodológicas da pesquisa experimental remota.

Consideramos, como medidas para o esforço temporal, o tempo total despendido em cada fase (orientação, redação e revisão) e em cada direção. Com a aplicação do teste estatístico não paramétrico de Man-Whitney, realizamos comparações entre as amostras independentes, ou seja, entre o grupo de participantes TILS mais experientes e o grupo de participantes TILS menos experientes e, para realizar as comparações das amostras dependentes, ou seja, para o mesmo conjunto de participantes (TILS do mesmo grupo ou para o conjunto de todos os TILS em alguns casos), utilizamos o teste estatístico não paramétrico de Wilcoxon.

A contabilização de tempo para o esforço temporal foi feita por meio de um aplicativo de cronômetro, que possibilita nomear vários cronômetros de acordo com a necessidade e iniciar/parar a contagem de tempo conforme o participante realiza cada atividade durante cada uma das fases.

Para a quantificação do esforço técnico despendido em cada fase, em virtude da diferença de modalidade entre as línguas e os produtos dos TA, as análises das traduções Libras→PT e PT→Libras foram realizadas separadamente. Para a métrica do esforço técnico na tradução Libras→PT, foram consideradas as ações de produção e edição como medidas, sendo elas: i) total de caracteres produzidos no TA (CTA); ii) caracteres apagados na fase de redação (CARd); e iii) caracteres apagados na fase de revisão (CARv).

Para calcularmos o total de caracteres, definimos a fórmula $2x \text{ CARd} + 2x \text{ CARv} + \text{CTA}$. A quantificação duplicada de CARd e CARv se dá pela lógica dos TILS primeiro realizarem a ação de digitação e, posteriormente, a ação de apagamento do caractere, gerando assim um *esforço técnico/mecânico* dobrado (uma tecla é digitada e depois apagada).

Para a tradução PT→Libras, as medidas para a quantificação do esforço técnico foram: i) total de sinais produzidos no TA (STA); ii) total de sinais produzidos na fase de redação (SRd); e iii) total de sinais produzidos na fase de revisão (SRv). Para calcularmos o total de sinais, consideramos a soma de SRd + SRv, considerando que no valor de SRv e, em alguns casos, o de SRd inclui também os sinais do TA. Todos os sinais foram contabilizados manualmente, um a um, a partir da gravação do processo de tradução. Além da quantificação para cada tipo de esforço em cada direção, aplicamos os testes estatísticos não paramétricos de Wilcoxon e Mann-Whitney para verificarmos diferenças significativas entre os grupos.

Com o objetivo de parametrizar as medidas de esforço temporal (ETp) e esforço técnico (ETc) de forma ponderada e coerente com as tarefas tradutórias em foco, elaboramos uma proposta exploratória de definição métrica e, a partir dos resultados, foram aplicados testes estatísticos para verificarmos se haveria diferenças significativas entre as amostras. A proposta exploratória de definição métrica foi pensada a fim de possibilitar algum tipo de comparação levando em consideração as diferenças entre as modalidades das línguas envolvidas, como, por exemplo, a diferença entre contabilizar um sinal produzido em Libras e um caractere ou palavra no português, com o foco no conjunto de participantes no contexto deste desenho experimental.

Para o esforço temporal e para o esforço técnico nas direções Libras→PT e PT→Libras, criamos fórmulas ponderadas a partir de um conjunto de esforços despendidos para além das fases de orientação, redação e revisão. O cálculo do esforço temporal ($\text{RTTM} + \text{RTPF} = \text{ETp}$) é formado pela relação entre o tempo total de cada participante e o maior tempo despendido na tarefa (RTTM) somado à relação de tempo ponderado das fases (RTPF). O cálculo do esforço técnico na tradução Libras→PT ($\text{REMD} \times \text{REAE} = \text{ETcTLP}$) é formado pela relação de esforço mecânico de digitação (REMD) multiplicado pelo valor da relação de esforço de busca de auxílio externo (REAE) e o cálculo do esforço técnico na tradução PT→Libras ($\text{REMS} \times \text{REAE-i} = \text{ETcTPL}$) é formado pela relação de esforço mecânico de sinalização (REMS) multiplicado à relação de esforço de busca de auxílio externo, gravações de áudio e de sinalizações (REAE-i). Foram aplicados testes estatísticos para analisar se houve diferenças, semelhanças ou correlações significativas entre os participantes e os grupos.

Por fim, com os resultados do esforço temporal (ETp) e do esforço técnico (ETc) separadamente, criamos uma proposta de parametrização para a síntese do esforço temporal e técnico (ETT). Para isso, considerando que os valores dos dois parâmetros de esforço têm grandezas próximas, decidimos propor a síntese de ambos pela seguinte equação: $ETT = ETp + ETc$. O detalhamento e os resultados de todos os cálculos estão descritos no próximo capítulo a partir do item 4.4.

Sabendo das nossas limitações e não pretendendo realizar generalizações, buscamos, a partir das análises dos dados coletados, responder às perguntas de pesquisa, testar as hipóteses e contribuir de forma teórico-metodológica com as pesquisas vinculadas aos ETILS, bem como com as pesquisas experimentais intermodais, além de incentivar as discussões e as reflexões acerca da direcionalidade no par linguístico Libras-português.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, faremos a apresentação e a análise dos dados, obtidos por meio do questionário prospectivo de perfil, da aplicação da pesquisa experimental e do protocolo verbal retrospectivo. A partir dos dados coletados, fizemos uma análise qualitativa do experimento remoto e, conforme postulado de Jakobsen (2002), dividimos o processo tradutório em três fases: fase de orientação, fase de redação e fase de revisão para as traduções nas direções Libras→PT e PT→Libras.

Ainda, na análise qualitativa, buscamos apresentar as principais estratégias e as dificuldades relatadas pelos TILS participantes, mais experientes e menos experientes, durante o processo tradutório. Apresentamos uma análise quantitativa do experimento remoto e, com base em Krings (2001) e Fonseca (2016), buscamos quantificar o dispêndio de esforço temporal e o dispêndio de esforço técnico nas duas direções de tradução. Por fim, constituímos uma proposta exploratória de definição métrica para os esforços temporal e técnico e da sua conjugação na mensuração do esforço nos processos de tradução intermodal Libras-português nas duas direções.

4.1 RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO PROSPECTIVO DE PERFIL

A aplicação do questionário prospectivo de perfil teve dois objetivos: i) selecionar tradutores de Libras-português com o perfil estabelecido em nosso escopo; e ii) coletar informações sobre o perfil dos TILS. O questionário de perfil (ver Apêndice A) esteve disponível para respostas durante todo o mês de maio de 2021 e foi encaminhado por e-mail e redes sociais, recebendo, no total, 116 respostas. Todos os respondentes se autodeclararam TILS e concordaram em responder ao questionário. Foram elaboradas perguntas sobre:

- a) perfil acadêmico, com perguntas sobre nível de escolaridade, tipo de graduação e pós-graduação que cursaram, cursos já realizados ou em andamento;
- b) perfil profissional com uma autoclassificação de proficiência em Libras, certificações ou avaliações de proficiência, tempo de atuação como TILS e se atualmente estavam exercendo a profissão, carga horária semanal atuando como TILS, porcentagem da renda advinda da prestação do serviço como TILS; e
- c) compreensão geral sobre as atividades em tradução e em interpretação (e sua distinção), bem como suas preferências, frequências e autoavaliação de proficiência em cada tipo de atividade.

Foram apresentadas também duas perguntas relacionadas especificamente ao trabalho de tradução durante a pandemia, para verificar se essa atividade havia aumentado e, caso houvesse aumentado, em qual direção. Para colaborar com a seleção de tradutores de Libras-português para o experimento, foi perguntado se os respondentes já haviam tido experiência com tradução, com publicações em sites oficiais ou vinculadas à grande mídia e, por fim, uma autoavaliação de experiência profissional especificamente com a tradução.

Delineando as respostas obtidas pelo questionário, 82 pessoas responderam ser do gênero feminino, 33 pessoas responderam ser do gênero masculino e 1 pessoa respondeu ser não binária. Embora esse não seja o foco da pesquisa, podemos observar essa tendência da maior parte dos respondentes TILS serem do gênero feminino, coincidindo com várias outras pesquisas, como de Lacerda e Gurgel (2011), Silva e Fernandes (2018), Santos (2020) e Silva (2021), podendo ser um dado relevante para futuros estudos.

Em seguida, uma pergunta sobre a idade dos respondentes foi colocada como um campo não obrigatório e, dessa maneira, dos 116 respondentes, 110 optaram por responder. Como o campo dessa pergunta ficou aberto, a pessoa com menor idade a responder o questionário declarou ter 18 anos e a com maior idade, 65 anos. A mediana da faixa etária entre os respondentes teve como resultado 38 anos.

Perguntamos, a seguir, quais são a cidade e o estado dos respondentes e percebemos que várias regiões do país foram alcançadas, sendo a região Sudeste a mais expressiva delas, com 64 respostas (55,17%), ficando em primeiro lugar o estado de Minas Gerais com 43 respostas (37,07%). A segunda região com maior expressividade foi a do Centro-Oeste, com 32 respondentes (27,59%), tendo o estado do Mato Grosso do Sul com mais respostas, contabilizando 31 respondentes (26,72%), conforme a tabela a seguir:

Tabela 3 – Localização dos respondentes por estado e região do Brasil

Região	Estado	Respondentes	Total
Norte	Amazonas (AM)	1 (0,86%)	1 (0,86%)
Nordeste	Alagoas (AL)	1 (0,86%)	13 (11,20%)
	Ceará (CE)	2 (1,72%)	
	Maranhão (MA)	2 (1,72%)	
	Paraíba (PB)	1 (0,86%)	
	Pernambuco (PE)	5 (4,31%)	
	Rio Grande do Norte (RN)	1 (0,86%)	
	Sergipe (SE)	1 (0,86%)	
Sudeste	Espírito Santo (ES)	1 (0,86%)	64 (55,17%)
	Minas Gerais (MG)	43 (37,07%)	
	Rio de Janeiro (RJ)	7 (6,03%)	
	São Paulo (SP)	13 (11,21%)	
Centro-Oeste	Goiás (GO)	1 (0,86%)	32 (27,59%)
	Mato Grosso do Sul (MS)	31 (26,72%)	
Sul	Paraná (PR)	2 (1,72%)	6 (5,17%)
	Rio Grande do Sul (RS)	2 (1,72%)	
	Santa Catarina (SC)	2 (1,72%)	
Total de respondentes			116

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Conforme a Tabela 3, o questionário recebeu respostas de 17 estados brasileiros e o local em que a pesquisa está ocorrendo pode ter influenciado o fato de a maioria dos respondentes ter sido do estado de Minas Gerais; ser o estado de origem da pesquisadora e incidir em mais relações interpessoais com profissionais da área pode ter influenciado o fato de o Mato Grosso do Sul ter sido o segundo estado com mais respostas. A principal forma de divulgação do questionário foi por e-mail e grupos de WhatsApp criados para fins de discussões e compartilhamento de informações entre os TILS de diversos locais do país. Os estados de onde não obtivemos respostas foram: Acre, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, Bahia, Piauí, Distrito Federal e Mato Grosso.

Sobre o nível de escolaridade dos respondentes, temos as seguintes informações, conforme Tabela 4:

Tabela 4 – Nível de escolaridade entre os respondentes

Nível de escolaridade	Quantidade de respondentes	Situação atual
ENSINO MÉDIO	8	3 só concluíram o Ensino Médio
		5 estão cursando o Ensino Superior
ENSINO SUPERIOR	37	20 só concluíram a Graduação
		17 estão cursando a Especialização
ESPECIALIZAÇÃO	61	51 só concluíram a Especialização
		10 estão cursando o Mestrado
MESTRADO	10	7 só concluíram o Mestrado
		3 estão cursando o Doutorado
TOTAL: 116 respondentes		

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

De acordo com a Tabela 4, 61 respondentes, a maior parte deles, indicaram que estão no nível de especialização, sendo que 51 respondentes informaram que concluíram a especialização e os outros 10 respondentes estão cursando o mestrado. Esse dado coincide com o estudo recente de Silva (2021), no qual a categoria com o maior percentual dos respondentes, 28,1%, concluiu a especialização. Na nossa pesquisa, o campo ensino superior também recebeu um número expressivo de respostas, sendo que 20 respondentes indicaram que concluíram o ensino superior e 17 estão cursando a especialização. De acordo com as respostas e corroborando com outras pesquisas sobre a escolarização dos TILS, podemos evidenciar que, de forma gradual, o nível de escolaridade entre os TILS tende a aumentar, como aponta Santos (2020, p. 52): “[...] esses dados podem indicar também uma tendência progressiva de qualificação e ascensão acadêmica, o que poderá refletir como outro desenho em pesquisas futuras que venham a analisar o perfil formativo dos TILS”.

Tabela 5 – Indicações de cursos e tipos de cursos concluídos e em andamento entre os respondentes com graduação (108 respondentes)

	Licenciatura 89 indicações 57,02%	Bacharelado 44 indicações 28,1%	Tecnólogo 23 indicações 14,74%
1º	Pedagogia (37) 23,71%	Letras-Libras (21) 13,46%	Comunicação assistiva (20) 12,82%
2º	Letras-Libras (20) 12,82%	Administração (5) 3,20%	Gestão Pública (1) 0,64% Gestão Ambiental (1) 0,64% Recursos Humanos (1) 0,64%
3º	Letras (16) 10,25%	Direito (4) 2,56%	
4º	Matemática (3) 1,92% Química (3) 1,92%	Fonoaudiologia (3) 1,92%	
5º	Ed. Física (2) 1,28% História (2) 1,28% Filosofia (2) 1,28% Música (2) 1,28%	Ciências Contábeis (2) 1,28% Teologia (2) 1,28%	
6º	Ciências Sociais (1) 0,64% Artes Visuais (1) 0,64%	Fisioterapia, Psicologia, Enfermagem, Odontologia, Serviço Social, Relações Públicas e Engenharia de Pesca (1) 4,48%	
Total: 156 indicações de cursos concluídos e em andamento			

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

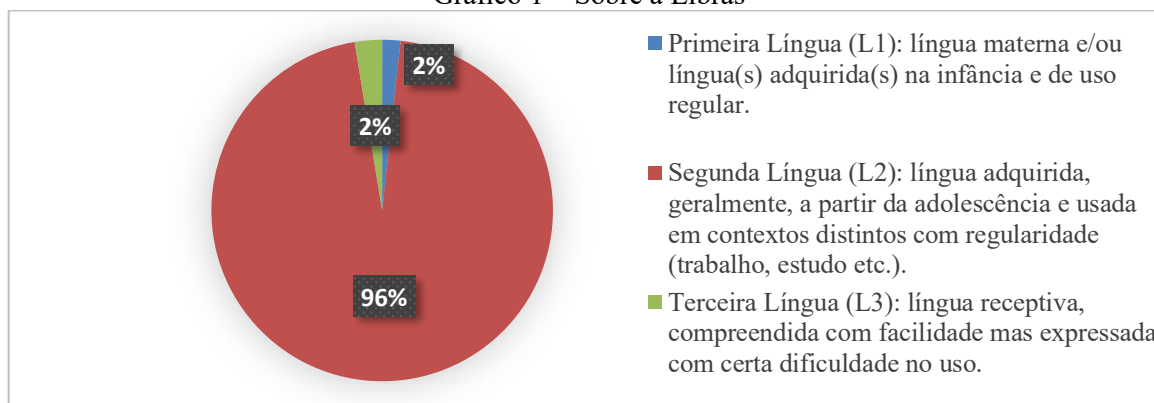
Sobre o tipo de graduação e os cursos realizados ou em andamento entre os TILS com o nível superior concluído (108 respondentes), muitos responderam terem concluído mais de uma graduação e outros concluíram uma e estão cursando a segunda ou a terceira graduação. Com isso, a licenciatura recebeu a maior parte das indicações de tipo de graduação realizadas entre os respondentes de nível superior com 89 indicações, sendo o curso de Pedagogia o mais realizado entre os TILS, com 37 indicações. Em seguida, o curso de Letras-Libras, bacharelado e licenciatura, tem tido alta adesão entre os TILS. Essa tendência também foi apresentada no

trabalho de Santos (2020), no qual os dados apresentaram que mais de 50% dos respondentes do seu questionário são graduados nos cursos de Letras-Libras e Pedagogia, como mostra a anterior Tabela 5.

Um dos critérios de seleção dos participantes para o experimento remoto, a partir dos dados obtidos através do questionário de perfil, foi a condição de o respondente ter como primeira língua o português e como segunda língua a Libras. Quando perguntado sobre o português, entre as três opções disponíveis no questionário - Primeira Língua (L1): língua materna e/ou língua(s) adquirida(s) na infância e de uso regular; Segunda Língua (L2): língua adquirida, geralmente, a partir da adolescência e usada em contextos distintos com regularidade (trabalho, estudo etc.); e Terceira Língua (L3): língua receptiva, compreendida com certa dificuldade no uso - 100% dos respondentes (116 participantes) indicaram o português como sua primeira língua.

Ao serem perguntados sobre a Libras, o questionário apresentava as seguintes opções aos respondentes: Primeira Língua (L1): língua materna e/ou língua(s) adquirida(s) na infância e de uso regular; Segunda Língua (L2): língua adquirida, geralmente, a partir da adolescência e usada em contextos distintos com regularidade (trabalho, estudo etc.) e Terceira Língua (L3): língua receptiva, compreendida com certa dificuldade no uso. Com isso, 96% (111 respondentes) indicaram a Libras como sua segunda língua, 2% (2 respondentes) definiram a Libras como sua primeira língua, assim como o português, possivelmente por serem CODAs (*Children of Deaf Adults*) e considerarem ambas as suas primeiras línguas, e outros 2% (3 respondentes) definiram a Libras como sua terceira língua.

Gráfico 1 – Sobre a Libras

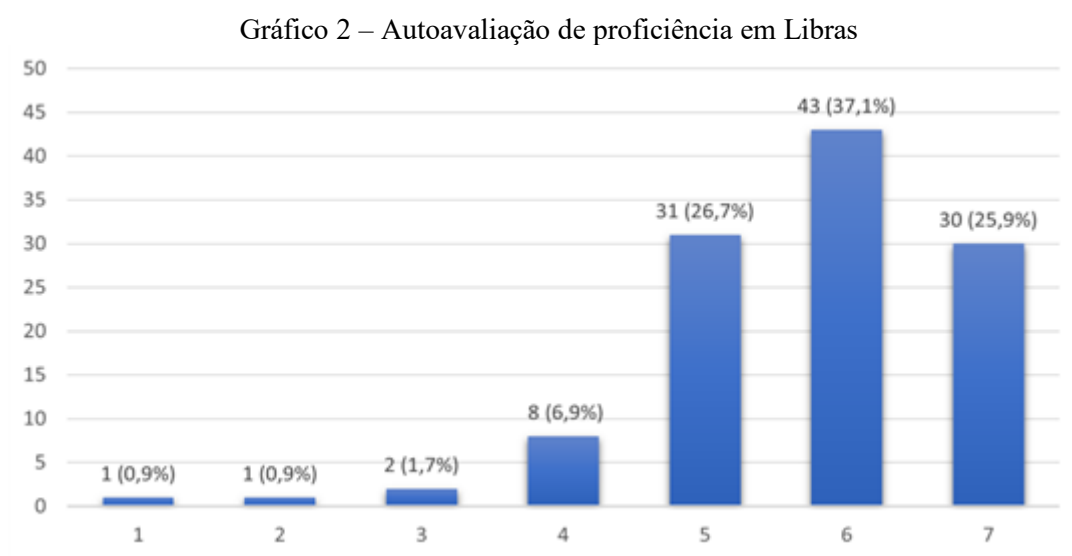


Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Com o objetivo de os respondentes se autoavaliarem em relação ao nível de proficiência em Libras, foi perguntado, na forma de escala do tipo *Likert* de 1 a 7, como eles avaliavam seu

nível de proficiência em Libras, sendo 1 como pouco proficiente e 7 altamente proficiente. A opção da maior parte dos respondentes, 37,1% (43 respostas), foi o nível 6 de proficiência; em segundo lugar, 26,7% dos respondentes (31 respostas) se autoavaliaram no nível 5; e, em terceiro lugar, 25,9% (30 respostas), no nível 7, altamente proficiente.

De acordo com as respostas, em geral, os respondentes do questionário se autoavaliaram com um bom nível de proficiência em Libras, com a maior parte das respostas nos níveis 5, 6 e 7, conforme Gráfico 2:



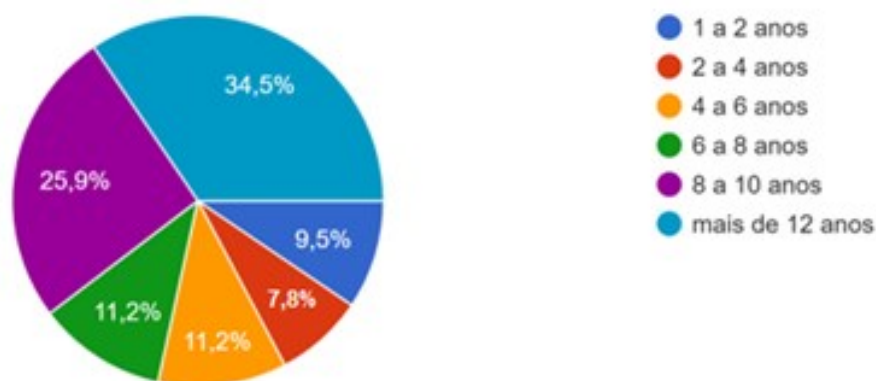
Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Outro critério para a seleção dos participantes para o experimento remoto foi o tempo de experiência como TILS. Para esta pesquisa, selecionamos os TILS com mais de doze anos de atuação, considerados mais experientes, e os TILS que declararam ter de quatro a seis anos de atuação, segmento que decidimos classificar como menos experientes. Selecionamos essa faixa de tempo de quatro a seis anos para o grupo menos experiente por presumir que, para a tarefa de tradução, TILS de 1 a 4 anos de experiência poderiam apresentar grandes dificuldades e não conseguir executar as tarefas do experimento.

Para o grupo mais experiente, preferimos selecionar os TILS que declaram ter mais de doze anos de experiência por supor que tenham um maior nível de *expertise* entre os respondentes. Dessa forma, perguntamos há quanto tempo os respondentes atuavam como tradutor(a) e intérprete de Libras-português. A maioria, 34,5% (40 respondentes), assinalou que atua há mais de 12 anos; em seguida, 25,9% (30 respondentes) assinalaram de 8 a 10 anos; e, com a mesma porcentagem cada, de 11,2% (13 respondentes cada), TILS de 6 a 8 anos e de 4

a 6 anos de atuação. Os respondentes de 1 a 2 anos de atuação foram 9,5% (11 respondentes) e com 7,8% (9 respondentes) assinalaram os TILS que atuam de 2 a 4 anos.

Gráfico 3 – Tempo de atuação profissional



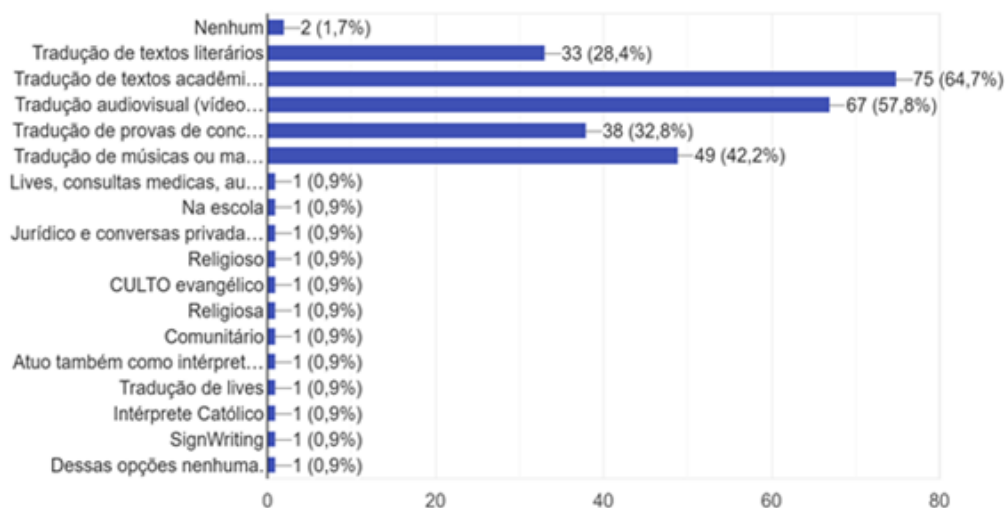
Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Após a questão sobre o tempo de atuação, perguntamos se os respondentes estavam atuando e, se estivessem, em qual instituição, qual a carga horária semanal de trabalho e qual a porcentagem de renda advinda da prestação de serviços como TILS. Essas perguntas serviram como critério de seleção dos participantes, uma vez que, para participar do experimento remoto, foram selecionados os que declararam estar atuando como TILS e que possuíam mais de 50% da renda advinda dos serviços de TILS.

Com as legislações vigentes denominando esses profissionais como Tradutores e Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais, é comum que as atividades de tradução e de interpretação sejam realizadas de forma intercambiáveis, conforme demanda, sendo a atividade de interpretação a mais recorrente. Para minimizar possíveis equívocos no momento de responder às perguntas sobre a atividade de tradução, que é o objeto desta pesquisa, perguntamos aos respondentes se, em opinião deles, tradução e interpretação são atividades diferentes, com as opções de respostas: “sim”, “não” e “não sei responder”. Essa pergunta foi relevante para evidenciarmos no questionário de que começaremos a tratar as duas atividades de forma diferente e, assim, deixar os respondentes atentos para as próximas perguntas. A maioria, 94,8% dos TILS (110 respondentes) assinalaram que sim (são atividades diferentes), outros 3,4% (4 respondentes) assinalaram que não (não são atividades diferentes) e 1,7% (2 respondentes) assinalou que não sabia responder. Pelas respostas, podemos inferir que a maioria dos respondentes entende que as atividades de tradução e interpretação possuem características diferentes.

Além da atividade da interpretação prevalecer entre os TILS, a atuação no contexto educacional ainda predomina para esses profissionais, bem como o contexto religioso e o de mídia televisiva, conforme comenta Rodrigues (2013). Como não estabelecemos uma área específica de atuação para os respondentes, o questionário poderia ser respondido por TILS que atuam em qualquer contexto. Contudo, como esse questionário também foi disponibilizado em grupos específicos de TILS que atuam em instituições de ensino, ao serem perguntados sobre qual tipo de tradução costumavam realizar, conforme o Gráfico 4, entre as opções disponíveis (tradução de textos literários; tradução de textos acadêmicos, materiais didáticos, avaliações e atividades diversas; tradução audiovisual; tradução de provas de concurso, vestibulares e exames nacionais; tradução de músicas ou material artístico), a maioria – 64,7% – assinalou a opção: tradução de textos acadêmicos, materiais didáticos, avaliações e atividades diversas, evidenciando que a maior parte dos respondentes atua no contexto educacional e, logo em seguida, temos a tradução audiovisual (vídeos para sites institucionais, tradução de editais, TV, sites, blogs, YouTube, entre outros) com 57,8% da tradução que os TILS mais costumam realizar. As demais respostas que constam no Gráfico 4 foram acrescentadas pelos respondentes no campo “outro”.

Gráfico 4 – Tipo de tradução comumente realizada pelos respondentes



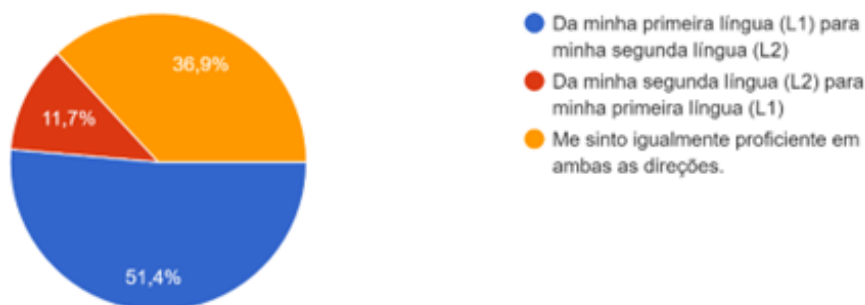
Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Avançando para as perguntas de pesquisa e tentando delimitar o perfil dos respondentes em relação às direções de atuação, fizemos o seguinte questionamento: em geral, em qual direção você se sente mais proficiente em traduzir? (isto é, qualificado, competente, capaz) e, logo, fizemos a mesma pergunta, direcionada à atividade de interpretação. Realizamos a mesma pergunta sobre a tradução e, em seguida, sobre a interpretação, com dois objetivos:

- i) para que o respondente compreendesse que estamos querendo respostas específicas de cada atividade, tentando mitigar a vinculação, muitas vezes, inconsciente e automática sobre a atividade de interpretação, que é a mais comum entre os TILS; e
- ii) a partir das respostas, compreender se, para os respondentes, haveria diferenças em relação às duas atividades, especialmente no que concerne à preferência de direção linguística.

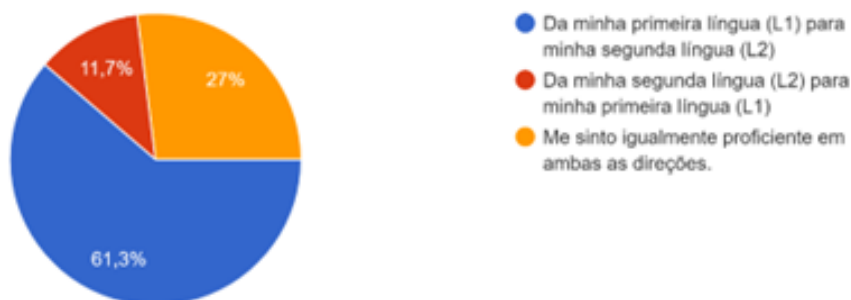
Das 116 respostas recebidas pelo questionário, 5 (cinco) respondentes disseram que a Libras não era a sua L2. Com isso, para evitar interferências nos dados e considerarmos que, ao tratarmos da L1, estamos nos referindo ao português e, ao tratarmos da L2, estamos nos referindo à Libras, nas perguntas relacionadas a L1 e L2, esses 5 respondentes não foram considerados. Conforme apontam os Gráficos 5 e 6 a seguir, apesar de pequena, tivemos diferença nas respostas em relação à tradução e à interpretação:

Gráfico 5 – Direção que se sente mais proficiente para traduzir



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Gráfico 6 – Direção que se sente mais proficiente em interpretar



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Como podemos observar, de forma geral, a maioria dos TILS se sente mais proficiente traduzindo e interpretando na direção PT→Libras (L1 para L2), ou seja, do português para a Libras. Vale destacar uma pequena diferença na porcentagem entre a tradução e a interpretação em relação à sensação de proficiência em ambas as direções, sendo que, na tradução,

respondentes em uma parcela um pouco maior – 36,9 % (41 respondentes) – disseram se sentir igualmente proficientes em ambas as direções. Já na interpretação esse índice é um pouco menor, sendo que 27% (30 respondentes) disseram se sentir igualmente proficientes em ambas as direções.

Ao serem perguntados sobre a preferência de direção, assim como para a pergunta sobre a proficiência, a direção PT→Libras (L1 para L2) novamente prevaleceu entre os respondentes. No entanto, a porcentagem para preferência pela direção PT→Libras na atividade de interpretação aumentou da primeira para a segunda pergunta, sugerindo que, apesar de alguns respondentes se sentirem proficientes em ambas as direções, na interpretação, preferem ainda mais atuar na direção PT→Libras. Já para a tradução, não houve grande variação entre a sensação de proficiência e a preferência de direção, conforme gráficos a seguir:

Gráfico 7 – Qual direção prefere traduzir



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Gráfico 8 – Qual direção prefere interpretar



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A aplicação do questionário, além de servir para selecionarmos participantes com o perfil desejado para o experimento, tinha por objetivo colaborar com as respostas de algumas das nossas perguntas de pesquisa, que são elas: a) assim como na interpretação, na tradução intermodal do par linguístico Libras-português, haveria uma tendência de preferência de

direcionalidade?; e b) em que medida a preferência se correlaciona com a experiência profissional do TILS?

A preferência pela direção de-L1-para-L2 por intérpretes de línguas de sinais é investigada por autores, como Napier *et al.* (2005) no par inglês-Auslan (*Australian Sign Language*) e por Nicodemus e Emmorey (2013) no par inglês-ASL (*American Sign Language*). Nicodemus e Emmorey (2013) sugerem que a preferência pelos intérpretes bimodais (intermodais) na produção para as línguas de sinais, entre outros fatores, deve-se à modalidade da língua e à disponibilidade de recursos como a datilologia (alfabeto manual), usados como estratégias quando desconhecem um sinal específico em línguas de sinais; à transliteração (produção de sinais com a estrutura sintática da língua vocal) também conhecida como palavra-sinal, não sendo possível na interpretação para as línguas vocais; e à dificuldade que os intérpretes sentem no seu automonitoramento ao produzirem em línguas de sinais e perceberem os erros cometidos, podendo causar uma falsa sensação de que, na interpretação para as línguas de sinais, consigam realizar um trabalho com mais qualidade em relação à interpretação para a língua vocal.

Sobre as questões de sensação de proficiência e a preferência na interpretação, para os TILS que responderam “me sinto igualmente proficiente” e “não tenho uma preferência de direção”, Nicodemus e Emmorey (2015) apontam, em seus estudos sobre a performance de intérpretes novatos e experientes de-L1para-L2, que os intérpretes que relataram não possuir preferência de direção parecem possuir um maior equilíbrio de proficiência bilíngue, podendo esse fator diminuir a preferência por uma direção. No contexto dos intérpretes de língua de sinais australiana, Wang e Napier (2015) sugerem que intérpretes que possuem um equilíbrio na qualidade bilíngue estão menos sujeitos aos efeitos da direcionalidade.

Observando os dados do nosso questionário, nos Gráficos 7 e 8, a indicação da preferência pela direção PT→Libras entre os TILS, ou seja, do português para a Libras, sobressai tanto para a tradução quanto para a interpretação. Todavia, na atividade de tradução, essa preferência pela direção PT→Libras é menor entre os respondentes em relação à interpretação. A partir dos dados, podemos inferir, mesmo de forma superficial e especulativa, que, devido à atividade de tradução possibilitar ao profissional um momento de preparação, produção e revisão, uma liberdade na realização de pesquisas e buscas externas e uma potencialidade de não sofrer tanto com a pressão de tempo como acontece na interpretação, esses e outros fatores podem ter influenciado na porcentagem ao responderem se sentir igualmente proficientes em ambas as direções e não terem uma preferência de direção mais para a atividade de tradução do que para a atividade de interpretação.

Retomando a nossa primeira pergunta, na tradução intermodal do par linguístico Libras-português, haveria uma tendência de preferência de direcionalidade? A partir do Gráfico 7, lembrando a nossa limitação em relação ao escopo da pesquisa, podemos sugerir que sim, ou seja, que, atualmente, existe uma tendência de preferência de direcionalidade na tradução intermodal no par linguístico Libras-português por parte dos TILS e, assim como na interpretação intermodal, essa preferência é pela atuação na direção PT→Libras.

Contudo, podemos observar que a tendência apresentada pelos resultados dos gráficos varia da tradução em relação à interpretação. Mesmo considerando que as respostas referentes à tradução possam, de certa forma, ter sofrido influência pela prática de interpretação na direção PT→Libras, os dados indicam que existe certa percepção entre os respondentes sobre as diferenças inerentes às atividades de tradução e interpretação intermodal.

Hipotetizamos que, com o passar do tempo, com o avanço da prática de tradução e compreensão, mais estabelecida entre os profissionais, da diferença entre tradução e interpretação intermodais, a tendência de preferência para a tradução intermodal possa ser modificada e sobressair a opção de não apresentarem preferência de direção ao traduzirem, não só pela questão do equilíbrio bilíngue como destacam alguns autores ao considerarem a atividade de interpretação, mas por olharem para a tradução intermodal por outro viés.

Ainda no sentido de preferência de direcionalidade ao traduzir, vimos anteriormente que 52,3% (58) dos TILS declararam preferir traduzir da sua L1 para a L2. Para responder a segunda pergunta de pesquisa (em que medida a preferência se correlaciona com a experiência profissional do TILS?), na Tabela 6, a seguir, apresentaremos o tempo de atuação profissional dos TILS respondentes e a quantidade de pessoas que escolheram entre as opções: os que preferem traduzir da L1 para a L2, os que preferem traduzir da L2 para a L1 e os que declararam não terem preferência de direcionalidade.

Tabela 6 – Preferência *versus* experiência

Tempo de atuação profissional como TILS	Quantidade de TILS que declararam preferir traduzir da L1→L2	Quantidade de TILS que declararam preferir traduzir da L2→L1	Quantidade de TILS que declararam não ter preferência de direcionalidade	Total de respondentes
1 a 2 anos	6	2	2	10
2 a 4 anos	5	1	2	8
4 a 6 anos	9	2	2	13
6 a 8 anos	6	1	6	13
8 a 10 anos	15	3	12	30
Mais de 12 anos	17	3	17	37
Total de respondentes	58	12	41	111

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

A partir da Tabela 6, conseguimos observar que a relação entre os TILS que declararam preferir traduzir da L1 para a L2 e os que declararam não terem preferência de direcionalidade gradativamente vai balanceando conforme o tempo de experiência aumenta; porém, a preferência pela tradução PT→Libras ainda se sobressai.

Prosseguindo no questionário, perguntamos em qual direção os respondentes consideravam que receberam mais formação tanto na tradução, quanto na interpretação. Como esperado, a maior parte dos respondentes declararam ter recebido mais formação da L1 para L2, ou seja, do português para a Libras, em tradução e em interpretação. Na pergunta sobre formação em tradução, é interessante notar que, mesmo com uma porcentagem muito baixa, 6,3% (7 respondentes) disseram não ter recebido formação em tradução. Já na interpretação, essa porcentagem é de 0,9% (1 respondente).

Ao analisar o perfil desses 7 respondentes que disseram não ter recebido formação em tradução, foi observado que todos atuam como TILS, sendo 6 deles em instituições de ensino de nível médio e superior. Como dito anteriormente, esses profissionais normalmente são demandados a realizar tanto as atividades de interpretação quanto de tradução, por serem denominados Tradutores e Intérpretes de Libras, não sendo comum a diferenciação dessas atividades, principalmente em instituições de ensino.

Gráfico 9 – Formação em tradução



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Gráfico 10 – Formação em interpretação



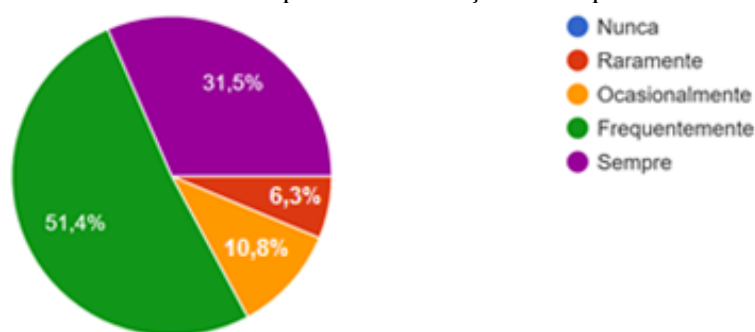
Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Para compreendermos melhor os dados apresentados, referentes à proficiência e à preferência dos respondentes na tradução, perguntamos com qual frequência realizam tradução da sua L1 para a L2 e da L2 para L1. Dependendo da frequência em cada direção, podemos supor que a prática pode influenciar na sensação de proficiência e na preferência por uma direção.

De acordo com o Gráfico 11 de respostas sobre a frequência na tradução da L1 para a L2, 51,4% (57 respondentes) realizam frequentemente traduções da sua L1 para a L2, 31,5% (35 respondentes) disseram que realizam essa tradução sempre, 10,8% (12 respondentes) disseram que ocasionalmente e 6,3% (7 respondentes) disseram que raramente realizam traduções nessa direção.

Podemos observar que a opção “sempre” não prevalece na maioria das respostas, sendo a opção “frequentemente” a mais escolhida. Muito provavelmente, a demanda pela interpretação ocupe o espaço da atividade sempre realizada, mesmo podendo ocorrer a demanda pela tradução e pela interpretação de forma concomitante. A opção “nunca” não foi marcada pelos respondentes, ou seja, mesmo que raramente, todos os respondentes, de acordo com o questionário, já realizaram algum tipo de tradução da L1 para a L2.

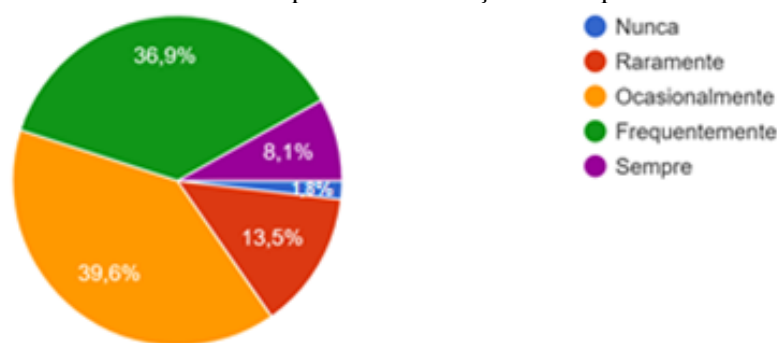
Gráfico 11 – Frequência na tradução da L1 para L2



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Perguntados sobre a frequência com que os respondentes realizam traduções da sua L2 para sua L1, 39,6% (44 respondentes) disseram que ocasionalmente e 36,9% (41 respondentes) disseram que frequentemente realizam traduções nessa direção. Apesar da pouca diferença de porcentagem, a opção “ocasionalmente” prevaleceu entre as respostas. 13,5% (15 respondentes) disseram que raramente, 8,1% (9 respondentes) disseram que sempre e 1,8% (2 respondentes) disse que nunca realiza traduções da sua L2 para sua L1. Os 2 respondentes que disseram nunca terem realizado traduções nessa direção também indicaram no questionário que têm de 1 a 4 anos de atuação profissional no contexto religioso.

Gráfico 12 – Frequência na tradução da L2 para L1



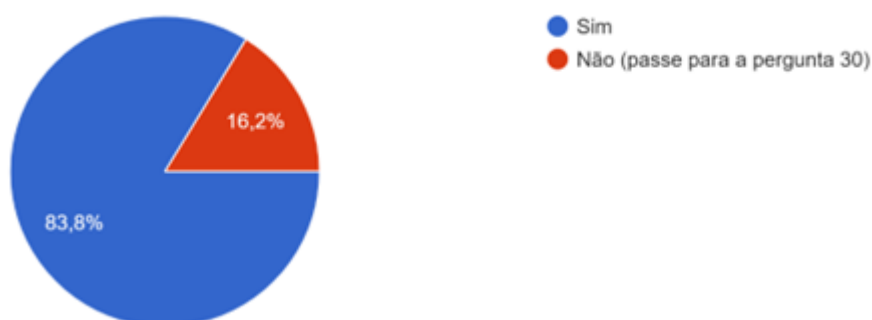
Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A interpretação, principalmente a simultânea, sempre foi e continua sendo na atualidade a atividade mais demandada pelos TILS. No entanto, com o avanço da tecnologia e das legislações impondo acessibilidade linguística às pessoas surdas em diversos âmbitos da sociedade, a tradução também começou a ser requisitada, mesmo que em menor proporção.

Ainda nesse sentido, devido à pandemia da Covid-19, inclusive no Brasil, e a necessidade de distanciamento social, a maior parte dos serviços oferecidos à sociedade teve que ser adaptada para o formato remoto e diversas instituições, estabelecimentos e órgãos públicos e privados foram forçados a investir em publicação, divulgação e disponibilização das informações por meio de materiais no formato digital e, para cumprir as legislações e as normas vigentes de acessibilidade, a figura do TILS se fez necessária nesse contexto.

Com isso, perguntamos aos respondentes do questionário se, durante a pandemia, a atuação como tradutor(a) aumentou e 82,8% (96 respondentes) afirmaram que sim. Aos que responderam sim, perguntamos em qual direção teve o aumento de demanda com a tradução e 61,5% (59 respondentes) disseram que aumentou da L1 para a L2, 29,2% (28 respondentes) disseram que aumentou em ambas as direções e 9,4% (9 respondentes) disseram que aumentou da L2 para a L1, conforme Gráficos 13 e 14 a seguir:

Gráfico 13 – Tradução durante a pandemia



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Gráfico 14 – Direção de aumento da tradução durante a pandemia

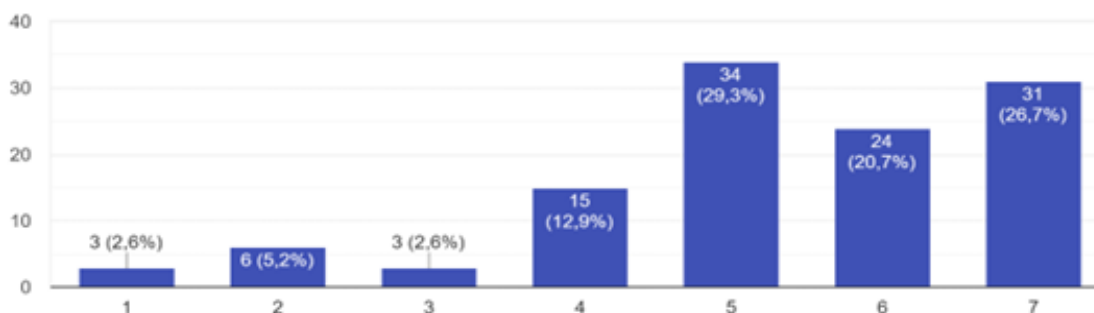


Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Como mostra o Gráfico 13, a maioria dos TILS que respondeu ao questionário disse que, durante a pandemia, a atuação como tradutor(a) aumentou. Muitos desses profissionais, que estavam habituados a atuarem, alguns estritamente com a interpretação, em ambientes com o público controlado e presente, tiveram que se adaptar frente à câmera, manusear tecnologias e dispor de novas habilidades e competências, principalmente para realizar traduções na entrega de produtos gravados e que ficarão disponíveis por um longo período em plataformas digitais, na maioria das vezes, para o acesso do público em geral.

A fim de conhecer como os TILS respondentes do questionário autoclassificavam seu nível de experiência com a tradução, foi perguntado, por meio de uma escala do tipo *Likert* de 1 a 7, o nível de experiência como tradutor(a), sendo 1 como menos experiente e 7 altamente experiente. A maioria dos respondente se autoclassificaram com níveis de experiência acima da média (nível 4), sendo o maior número, 29,3% (34 respondentes), no nível 5, 20,7% (24 respondentes) no nível 6 e 26,7% (31 respondentes) no nível 7, autoclassificando-se como altamente experiente. Os demais variaram com uma pequena porcentagem nos níveis 1, 2, 3 e 4, conforme gráfico:

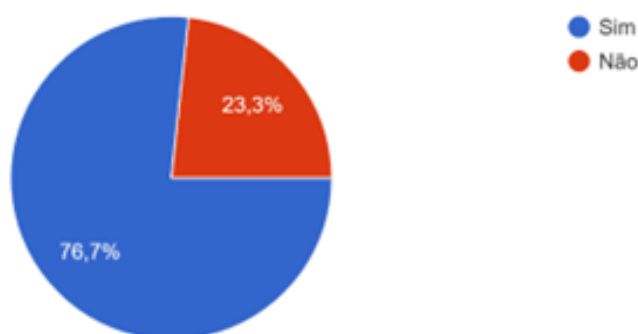
Gráfico 15 – Autoclassificação de experiência profissional como tradutor



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Por fim, mais um critério estabelecido para selecionar participantes para o experimento remoto era a condição do respondente afirmar ter alguma tradução publicada em sites oficiais ou em circulação na mídia, como mais uma forma de controlar se os selecionados já tiveram experiências específicas com a tradução. A maioria, 76,7% (89 respondentes), disse que sim e 23,3% (27 respondentes) disseram que não, conforme Gráfico 16:

Gráfico 16 – Publicação de tradução



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Ao final do questionário de perfil, caso os respondentes quisessem comentar algo sobre o questionário ou sobre suas experiências com a tradução, deixamos um espaço aberto para que pudessem registrar de forma livre e não obrigatória. Entre os 116 respondentes, alguns quiseram comentar sobre o desafio de realizarem a tradução, sobre as suas impressões acerca da atividade de traduzir e de que maneira realizam a tradução em suas instituições. Dessa forma, selecionamos alguns desses comentários, a seguir:

É sempre um desafio, algo muito trabalhoso, pois gosto de fazer as glosas primeiro para depois traduzir. Quando possível, faço as glosas e depois gravo áudios lendo as minhas próprias glosas e faço a tradução a partir desses áudios.

Comentário 1

Na instituição que trabalho, apesar de existir muitos serviços típicos de tradução, a maioria (quase todos) são realizados como interpretação, pois não dispomos de equipe de tradução, tão pouco estrutura e tempo para ser realizado o trabalho de tradução em todas suas etapas. Por exemplo, todos os trabalhos audiovisual, principalmente editais, são realizados como interpretação simultânea.

Comentário 2

A tradução necessita de tempo para revisão e escolhas tradutórias mais adequadas possíveis.

Comentário 3

Há uma grande necessidade de ofertas em curso para formar Tradutores de Libras-português.

Comentário 4

4.2 ANÁLISE QUALITATIVA DO EXPERIMENTO REMOTO

Como mencionado na seção 3.1.1, o experimento remoto foi realizado com 8 TILS profissionais, sendo 4 TILS menos experientes (entre 4 e 6 anos de experiência profissional) e 4 TILS mais experientes (com 12 anos ou mais de experiência profissional), selecionados a partir do questionário prospectivo de perfil. Como tarefa, todos os participantes realizaram a tradução de um texto em Libras em vídeo para o português escrito, considerada tradução na direção Libras→PT, e a tradução de um texto em português escrito para a Libras em vídeo, considerada tradução na direção PT→Libras. Após as tarefas, foi aplicado o protocolo verbal retrospectivo semiguiado, para que os participantes relatassem suas perspectivas sobre a execução das duas tarefas.

Com a observação dos processos realizados durante a execução da tradução nas duas direções e os comentários e as impressões relatadas pelos participantes no protocolo verbal retrospectivo, descreveremos algumas estratégias empregadas pelos grupos de participantes durante as fases de orientação, redação e revisão, conforme divisão do processo de tradução postulada por Jakobsen (2002).

4.2.1 Tradução na direção Libras→PT

Para a tradução Libras→PT, todos os participantes mais experientes e menos experientes realizaram a mesma tarefa: traduzir um texto em Libras registrado em vídeo para o português escrito. O texto em Libras foi realizado por uma pessoa surda influente nas comunidades surdas e publicado em uma rede social de livre acesso. Ao serem perguntados se conheciam o autor do texto, todos os participantes mais experientes e menos experientes disseram conhecê-lo. Isso, de certa forma, contribui para uma sensação de familiaridade com a sinalização do autor, podendo ter colaborado para a compreensão do texto.

A tradução intermodal para o português escrito ainda é considerada uma prática pouco usual e, como vimos anteriormente, a menos preferida entre os TILS, porém demandada especialmente no contexto acadêmico. Todos os participantes selecionados para o experimento declararam no questionário de perfil já terem realizado algum tipo de tradução nessa direção.

O processo de tradução intermodal, por envolver línguas de modalidades distintas, sofre implicações decorrentes dos efeitos da modalidade, conforme Rodrigues (2018). A modalidade pode incorrer sobre as línguas envolvidas, ou seja, gestual-visual x vocal-auditiva e a

modalidade de uso dessas línguas, ou seja, oral x escrita, sugerindo assim, uma dupla intermodalidade que possivelmente causa impactos no desempenho dos TILS. Atuar com a dupla intermodalidade impõe aos TILS o desafio de linearizar as informações que estão produzidas de forma simultânea, desempacotando informações de aspectos gestuais, visuais e espaciais. Diante da complexidade do processo tradutório intermodal, o TILS deverá dispor de estratégias para transpor alguns desafios para entregar seu TA de forma satisfatória. Por meio da observação da gravação do processo tradutório e do protocolo verbal retrospectivo, aplicado aos participantes desta pesquisa, descreveremos algumas estratégias utilizadas e discutiremos se existem distinções entre os TILS mais experientes e os menos experientes e entre as direções de tradução.

Ao iniciarem o experimento, os participantes foram informados de que poderiam despende o tempo que julgassem necessário, recorrer ao apoio externo e realizar a tarefa de tradução de forma livre e o mais próximo possível da maneira que comumente realizavam.

4.2.1.1 Fase de orientação

Com base na categorização proposta por Jakobsen (2002) para o processo tradutório, a fase de orientação se dá quando o tradutor tem acesso ao TF e é finalizada assim que o tradutor digita a primeira letra (ou o primeiro caractere) ou realiza o primeiro sinal (no caso da tradução PT→Libras) do TA. Durante essa fase, contabilizamos o tempo em que os TILS se dedicaram a assistir ao TF (vídeo em Libras) e recorreram ao apoio externo.

Ao serem perguntados sobre quais estratégias utilizaram durante a tradução Libras→PT, os participantes G1-P1, G1-P2, G1-P4 e G2-P2 responderam que uma das estratégias empregadas foi assistir ao vídeo do TF mais de uma vez, conforme relatos:

- [...] o que eu fiz e geralmente faço é assistir [ao vídeo em Libras] várias vezes.
G1-P1 Libras→PT
- [...] quanto mais você vê [assiste ao texto em Libras] mais rica fica sua tradução.
G1-P2 Libras→PT
- [...] no meu caso eu não utilizei o recurso da pesquisa nem nada, apenas ver vídeo várias vezes.
G1-P4 Libras→PT
- [...] eu assisti mais de uma vez e aí fui assistindo pausadamente, mais algumas vezes.
G2-P2 Libras→PT

Na Tabela 7, a seguir, podemos observar o tempo que cada participante despendeu assistindo ao TF e, considerando que o TF possui a duração total de 1 minuto, é possível ter

uma estimativa da quantidade de vezes que o vídeo foi repetido antes de iniciar a digitação da produção do TA.

Tabela 7 – Tempo em segundos despendido na fase de orientação da tradução Libras→PT

Participantes	Tempo em segundos assistindo ao texto fonte	Quantidade de repetições do vídeo do texto fonte
G1-P1	193	3x
G1-P2	182	3x
G1-P3	135	2x
G1-P4	195	3x
G2-P1	67	1x
G2-P2	219	3x
G2-P3	0	0
G2-P4	131	2x

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

A partir dos dados da tabela e das declarações do protocolo verbal retrospectivo, podemos constatar que os TILS mais experientes dedicaram mais tempo assistindo ao vídeo na compreensão do TF antes de iniciar o TA em relação aos TILS menos experientes. Durante a fase de orientação, nenhum participante demandou apoio externo.

4.2.1.2 Fase de redação

Após a fase de orientação, assim que o tradutor aciona a primeira tecla para elaborar seu TA, inicia-se a fase de redação. Essa etapa, nesta direção, inclui a digitação da produção do TA, consultas/retomadas ao TF e pesquisas externas e é finalizada quando o TILS digita o último ponto final ou o último caractere do TF pela primeira vez. Pesquisas já realizadas (JENSEN, 2001; JAKOBSEN, 2002, 2003; LIPARINI CAMPOS, 2005; FERREIRA, 2010) corroboram a tendência encontrada nesta pesquisa, indicando que a fase de redação é a fase em que o tradutor despende mais tempo.

Apesar do TF não ter sido considerado difícil pelos participantes, alguns deles relataram dificuldade em lidar com a tradução para o português escrito, bem como linearizar as informações que estão postas no TF e mostraram preocupação com a forma e a estruturação gramatical do TA, conforme comentários a seguir:

A maior dificuldade, é que a língua de sinais ela é muito simultânea e aí para você passar para a língua portuguesa [escrita] você tem uma dificuldade com a língua portuguesa né, a questão da repetição de palavras, então eu acho que leva muito mais tempo para você adequar para a língua portuguesa do que o entendimento em si do texto.

G1-P1 Libras→PT

A escrita eu não sabia se eu colocava ali formal ou informal para a língua portuguesa e optei pelo meio termo.

G1-P3 Libras→PT

Traduzir principalmente na versão da Libras para a língua portuguesa é sempre mais complexo... na verdade, toda a tradução ela é sempre muito complexa né, muito difícil e aí dependendo do contexto é sempre muito complexo, sempre demanda muito trabalho e muita dificuldade.

G1-P4 Libras→PT

Nesse eu achei mais difícil que o outro porque estava sinalizado [TF em Libras] então, eu acho que é mais difícil por causa da estrutura dos sinais, principalmente quando você vê um sinal e você não conhece ou você aprendeu em um contexto e está sendo usado em outro.

G2-P1 Libras→PT

[...] a tradução da língua de sinais para o português eu acho muito desgastante e exige muito do profissional, não é impossível de fazer, mas não é todo profissional que gosta de fazer. É um trabalho que faltam profissionais, demanda muita dedicação, é desgastante, às vezes você vai e volta [no TF]...você fica numa frase e volta várias vezes para ter certeza daquela frase e se você vai passar realmente o sentido que ele está falando.

G2-P2 Libras→PT

Eu acho que entre todos os processos da interpretação e da tradução, para mim o que é um pouco mais desafiador, é a tradução escrita.

G2-P4 Libras→PT

Além das dificuldades inerentes ao processo tradutório intermodal, foi percebido, durante a execução da tarefa nessa direção, que, ao sentirem alguma dificuldade na compreensão de um sinal específico, alguns participantes não conseguiam encontrar auxílio externo por meio de buscas na internet. Ao se depararem com um sinal desconhecido, devido à modalidade gestual-visual da língua, digitar um possível significado do sinal na internet não foi efetivo. Os participantes G2-P1 e G2-P3, que tiveram dúvidas sobre o significado de um sinal específico, optaram como estratégia pela consulta aos pares como forma de auxílio externo, encaminhando um trecho do TF via WhatsApp.

Um sinal feito pelo autor do TF e que gerou dúvidas e motivo para pesquisas e atenção entre os participantes foi o sinal utilizado para [MANIPULAÇÃO] ²¹. Os TILS que iniciaram o experimento pela tradução Libras→PT tiveram um pouco mais de dificuldade de compreenderem o sinal, principalmente os menos experientes.

A principal estratégia relatada pelos participantes para colaborar na compreensão do sinal, cujo significado não havia um conhecimento prévio, foi a observação da articulação labial da palavra manipulação, ou seja, a presença do uso de *mouthings*²², concomitante com a

²¹ Mão esquerda em 1 com o dedo indicador, mão direita fechada com a palma da mão virada para baixo, dedos indicador, mínimo e polegar estendidos. Movimento da mão direita em círculos e tremulando em cima da mão esquerda.

²² Conforme Rodrigues e Medeiros (2016, p. 7), *mouthings* são “compreendidos como aqueles movimentos da boca, presentes nas línguas de sinais, que são derivados das pronúncias das línguas orais, que são um tipo de palavra visual”.

realização do sinal, feito pelo autor do TF. Seguem os relatos, sobre o uso dessa estratégia pelos participantes:

[...] você tem que fazer uma leitura do todo e ele fala a palavra, aí acaba que a gente consegue compreender e pelo contexto você também consegue entender. Ele mexe a boca e fala manipulador. Já era uma técnica que eu uso para fazer a interpretação, quando eu vou fazer a versão em português. Eu sempre utilizo isso de tentar ler o que a pessoa está fazendo com a boca, então foi uma estratégia que usei para entender esse sinal também.

G1-P1 Libras→PT

Eu busquei o recurso de prestar atenção na parte da boca dele, então ele oraliza, principalmente para quem desconhece o sinal, ele praticamente quase fala.

G1-P4 Libras→PT

Ele [o autor do TF] articulou bem a boca na finalização da palavra manipulação...isso ajudou muito, se fosse um surdo que sinalizasse com pouca expressão, ia ficar mais difícil a compreensão de todo o contexto.

G2-P2 Libras→PT

Para os TILS mais experientes e alguns dos menos experientes, a observação da articulação labial da palavra pelo autor, somada à contextualização do sinal durante o texto, contribuiu para a compreensão clara do significado do sinal “manipulação”. Porém, para dois participantes menos experientes, a articulação labial da palavra pelo autor gerou equívoco na compreensão do significado, causando um erro de entendimento, alterando a tradução da palavra “manipulação” para a palavra “parábola”. Ao serem perguntados sobre as estratégias utilizadas em uma situação de dificuldade durante a tradução Libras→PT, os participantes G2-P3 e G2-P4 relataram no protocolo verbal retrospectivo a estratégia de observar a articulação labial feita pelo autor para a compreensão do sinal:

Fiquei meio em dúvida, depois parece que ele realmente fala a palavra parábola. Eu até tinha pesquisado primeiro no *youtube*, mas não tive muita confiança. Parece que ele falou parábola.

G2-P3 Libras→PT

No começo, quando ele faz esse sinal [sinal de manipulação, traduzido como parábola], ele faz um movimento com a boca, né. Eu realmente não conheço o sinal específico para essa palavra, aí eu fui pelo movimento dos lábios dele, porque ele verbaliza isso.

G2-P4 Libras→PT

Os participantes menos experientes G2-P3 e G2-P4 traduziram o sinal de “manipulação” como “parábola” quando o autor realiza a produção de *mouthing* concomitante ao sinal, mas, na ocorrência do mesmo sinal durante o TF sem o uso de *mouthing*, o participante G2-P3 utilizou as palavras “manipula” e “manipular” como traduções para o sinal e o participante G2-P4 fez uso de “influenciar”, “influências”, “influenciadora” e “influenciá-los”. Possivelmente, os participantes menos experientes mencionados priorizaram, para a compreensão do sinal,

somente a produção de *mouthing* realizado pelo autor, não observando a aplicação do sinal no contexto.

Na fase de redação, consideramos os seguintes dados:

- i) tempo digitando e editando o TA;
- ii) tempo consultando o vídeo do TF; e
- iii) tempo despendido em apoio externo durante a fase de redação.

Conforme a Tabela 8, a seguir, nesta fase, é possível perceber uma dispersão dos dados entre os participantes.

Tabela 8 – Tempo em segundos despendido na fase de redação da tradução Libras→PT

Participantes	Tempo digitando e editando o TA	Tempo consultando o vídeo TF	Tempo em apoio externo	Tempo total despendido na fase de redação
G1-P1	1198	321	0	1519
G1-P2	633	253	32	918
G1-P3	588	120	0	708
G1-P4	483	151	0	634
G2-P1	158	212	42	412
G2-P2	608	131	0	738
G2-P3	757	997	445	2199
G2-P4	301	125	0	426

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

4.2.1.3 Fase de revisão

A última fase do processo tradutório, a fase de revisão final, tem início logo depois que o tradutor digita o último ponto final ou o último caractere do TA pela primeira vez, considerando-se aí o final da primeira versão. A partir daí, a fase de revisão se inicia com alguns ajustes finais do tradutor no TA. Nesta fase, consideramos o tempo despendido com esses ajustes finais além de pesquisas externas. Abaixo, na Tabela 9, o tempo despendido pelos participantes na fase de revisão da tradução Libras→PT:

Tabela 9 – Tempo em segundos despendido na fase de revisão da tradução Libras→PT

Participante	Apoio externo	Ajustes na tradução já finalizada	Tempo total despendido na fase de revisão
G1-P1	0	126	126
G1-P2	43	340	383
G1-P3	0	0	0
G1-P4	0	0	0
G2-P1	0	73	73
G2-P2	30	215	245
G2-P3	0	102	102
G2-P4	0	77	77

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

4.2.2 Tradução na direção PT→Libras

Conforme relatado pelos participantes no questionário prospectivo de perfil, entre traduzir para a direção Libras→PT ou PT→Libras, a maioria dos TILS prefere traduzir para a direção PT→Libras. Possivelmente, essa preferência está relacionada, entre outros fatores, com a prática de interpretação na direção PT→Libras que é a mais preponderante entre os TILS. Para o experimento, os participantes tiveram como tarefa traduzir um texto do português escrito para a Libras em vídeo. O TF possui 129 palavras, o equivalente a 11 linhas, sendo correlato em termos de extensão, gênero, estilo e registro ao texto da tradução Libras→PT.

Ao tratarmos do processo tradutório intermodal, os impactos dos efeitos de modalidade entre as línguas envolvidas devem ser considerados. Rodrigues (2018) destaca que *o corpo do tradutor se constitui em língua* e, ao realizarem a tradução para as línguas de sinais, faz-se necessário a *performance corporal* do tradutor registrada em vídeo, carecendo do apoio de recursos tecnológicos para a produção da tradução final. Nesse sentido, apresentaremos as estratégias utilizadas no processo tradutório pelos TILS participantes desta pesquisa nas fases de orientação, redação e revisão ao realizarem a tradução na direção PT→Libras.

4.2.2.1 Fase de orientação

Como apontado anteriormente, conforme proposto por Jakobsen (2002), a fase de orientação se dá quando o tradutor acessa o TF pela primeira vez e é finalizada ao digitar a primeira letra ou caractere para a elaboração do TA. Tendo em vista que estamos lidando com um processo tradutório intermodal envolvendo a modalidade oral (sinalizada) de uma língua gestual-visual, foram necessários alguns ajustes para as delimitações e especificações de cada fase. Para a fase de orientação na tradução PT→Libras, consideramos o momento em que os participantes iniciam a leitura do TF e a finalização é definida quando o participante realiza o primeiro sinal para a elaboração do TA em Libras. As pesquisas externas realizadas foram contabilizadas nas três fases (orientação, redação e revisão) de forma isolada e, posteriormente, analisadas como um todo, bem como o desempenho dos participantes durante o processo tradutório nas duas direções.

Após a coleta de dados, não observamos padrões recorrentes entre os participantes mais experientes e os participantes menos experientes, mas, de forma geral, podemos verificar que, nesta fase, os participantes mais experientes despenderam mais tempo. Conforme a Tabela 10,

somente os participantes mais experientes realizaram pesquisas externas e o tempo de leitura do TF dos participantes G1-P1, G1-P2 e G1-P4 foi significativamente superior ao tempo dos menos experientes:

Tabela 10 – Tempo em segundos despendido na fase de orientação da PT→Libras

Participantes	Tempo dedicado à leitura do TF	Tempo dedicado ao apoio externo	Total de tempo despendido na fase de orientação
G1-P1	228	192	420
G1-P2	473	87	560
G1-P3	62	0	62
G1-P4	381	80	461
G2-P1	70	0	70
G2-P2	148	0	148
G2-P3	147	0	147
G2-P4	120	0	120

Fonte: Elaborada pela autora (2022)

Os participantes G1-P1 e G1-P4 realizaram pesquisas somente durante a fase de orientação e não demandaram mais tempo de pesquisas nas demais fases da tradução. O participante G1-P1 realizou as seguintes pesquisas no *YouTube*: “página da internet Libras”, “redes sociais”, “sinais de internet Libras” e, conforme relato retrospectivo, não encontrou o sinal específico que buscava.

[...] eu fui no *youtube* pesquisar alguns sinais relacionados a internet do tipo página, mas não encontrei. Aí eu fiz uma adaptação para algumas partes que eu não sabia um sinal específico para aquilo.

G1-P1 PT→Libras

Apesar do G1-P1 ter sido o único a ter realizado a pesquisa sobre “página da internet”, outros participantes mais experientes relataram durante o protocolo verbal retrospectivo que sentiram dificuldade ao traduzir este mesmo termo:

[...] sobre “seguir várias páginas” eu não sei o sinal de página e achei que nem ia encontrar sabe. Nem precisa procurar porque eu acho que não vai ter essas “páginas” não.

G1-P2 PT→Libras

[...] “seguir”... “seguimos várias páginas” pelo menos eu desconheço um sinal para isso.

G1-P4 PT→Libras

4.2.2.2 Fase de redação

Como já mencionado, a divisão em fases do processo tradutório, abordada neste trabalho, refere-se à proposta apresentada por Jakobsen (2002) ao realizar um experimento com tradutores novatos e experientes no par linguístico inglês-dinamarquês. Ao aplicarmos as delimitações de cada fase da proposta feita para o processo tradutório intramodal vocal-auditivo no processo de tradução intermodal, como é o caso desta pesquisa, adaptações tiveram que ser feitas. As fases de redação e revisão da tradução PT→Libras foram as fases que exigiram mais discussão e atenção para que pudéssemos encaminhar para as análises qualitativas e quantitativas de forma plausível e coerente.

Nesse sentido, a fase de redação da tradução PT→Libras é iniciada assim que o participante realiza o primeiro sinal, na expectativa de elaboração do TA, mesmo que a produção do sinal seja apenas uma “preparação” para essa elaboração, e consideramos a fase finalizada assim que o TILS sinaliza o último sinal do TA pela primeira vez. A fase de redação da tradução PT→Libras foi composta pelas seguintes etapas:

- i) preparação;
- ii) recodificação;
- iii) apoio externo; e
- iv) primeira tradução gravada.

Chamamos de “preparação” o momento em que o TILS realiza a produção de sinais de forma aleatória ou ordenada, com o intuito de formular a produção do TA. Ao iniciarem o experimento, os participantes receberam a informação de que teriam o tempo que julgassem necessário e que estariam livres para executar a tarefa como normalmente realizam ao serem demandados a realizar uma tradução. Na tradução PT→Libras, cinco dos oito participantes transformaram o TF disponibilizado em português escrito para o português em sua modalidade de uso oral, por gravação em áudio pelo próprio participante — chamamos esse processo de recodificação.

Outro participante não fez a recodificação do texto sozinho e solicitou que uma terceira pessoa realizasse a leitura do TF enquanto fazia a tradução simultaneamente. Durante o protocolo verbal retrospectivo, ao serem perguntados sobre as estratégias utilizadas, os participantes mencionaram que utilizaram a gravação do texto escrito em áudio como estratégia. Os participantes mais experientes G1-P2 e G1-P4 não realizaram a recodificação do texto e fizeram a tradução a partir do TF escrito. A estratégia de recodificar o texto escrito para a

modalidade oral pode ter relação com a prática da maioria dos TILS em atuar com a interpretação simultânea na direção PT→Libras, cujo insumo ou TF normalmente está em sua modalidade oral em português. Como dito anteriormente, esse pode ser um dos efeitos da dupla intermodalidade presente em processos de tradução não escrita, considerando que trabalhar com o texto gestual-visual em sua modalidade oral causa impactos nos recursos tecnológicos utilizados, sendo que, na modalidade vocal-auditiva, parte-se da tecnologia da escrita e os TILS necessariamente precisam transpor para a tecnologia de filmagem em vídeo no TF. Durante o protocolo verbal retrospectivo, alguns participantes relataram como habitualmente fazem a tradução na direção PT→Libras, ao serem demandados nos seus locais de trabalho, e declararam que a prática de transpor o texto de modalidade, ou seja, recodificar o texto escrito para a modalidade oral faz parte da rotina de trabalho. Podemos supor que a recodificação é uma tentativa de reduzir a influência da diferença das modalidades escrita e oral dos textos que estão sendo trabalhados. Seguem alguns dos relatos:

Depois que eu já estudei e pesquisei os sinais, organizei o texto, pensei como que eu vou fazer, eu gravo áudios porque como a gente está em pandemia, a gente está sozinho, então não tem apoio de ninguém. Então, eu gravo áudios e eu gravo esses áudios já mais ou menos da forma que eu vou sinalizar.

G1-P1 PT→Libras

Eu trabalho muito com um áudio para eu não perder o assunto e não deixar de falar alguma coisa importante porque se você trabalhar apenas com uma leitura eu vou resumir demais, então, eu prefiro gravar áudio para eu ser mais fiel ao que está sendo dito.

G1-P3 PT→Libras

Quando são textos escritos, aí a gente chama um outro profissional, outro intérprete né, para fazer a leitura, isso para otimizar tempo e é mais confortável você ouvir e já ir fazendo a tradução. Ouvindo a gente acaba tendo uma melhora na expressão facial, a própria sinalização fica mais fluida.

G1-P4 PT→Libras

Eu tenho dificuldade de gravar [memorizar] toda uma frase entendeu? Então, eu peço para uma pessoa ler para mim, aí fica mais fácil de internalizar a frase.

G2-P3 PT→Libras

Sempre que eu vou fazer um texto eu gravo áudio dele porque me ajuda. Quando eu vejo um texto escrito eu fico focada na palavra, mas quando eu escuto, eu tento criar aquela coisa na minha cabeça e desvincular tanto da estrutura do português.

G2-P4 PT→Libras

Os textos fonte aplicados no experimento discorrem sobre a temática da manipulação, no sentido de pessoas tentarem manipular outras pessoas e apresentam um alerta aos leitores acerca do assunto. Ao serem perguntados no protocolo verbal retrospectivo sobre as dificuldades encontradas durante a tradução, alguns participantes relataram que sentiram dificuldade para traduzirem as seguintes palavras: “manipular”, “tendenciosa” e “páginas da internet”. Sobre a palavra “manipular”, os participantes G1-P1, G1-P2, G2-P1, G2-P2 e G2-P3

disseram que tiveram dúvida em como realizar a tradução da palavra para a Libras e os participantes que precisaram de apoio externo não encontraram um sinal com a tradução Libras→PT para a Libras.

A estratégia relatada para resolução desse problema foi a utilização do sinal [INFLUENCIAR]²³ como substituto/correspondente para “manipular”. Já com a palavra “tendenciosa”, os participantes G1-P2, G1-P4 e G2-P1 realizaram pesquisas na internet a fim de contextualizarem a palavra na tradução. Foram digitadas as seguintes formas de buscas: “tendenciosa significado”, “tendenciosa sinônimo” “o que é ser tendencioso”. No protocolo verbal retrospectivo, tivemos os seguintes relatos:

Eu fiquei conferindo o significado de tendencioso porque para mim tem várias formas de ser tendencioso, então eu quis tentar entender qual seria assim o sentido, qual seria o sinal que se adequaria.

G1-P2 PT→Libras

[...] por mais que a gente saiba um pouco do sentido da palavra tendenciosa, para mim gerou uma insegurança no sentido assim de fazer a tradução.

G1-P4 PT→Libras

Eu travei um pouco na palavra tendenciosa, não por não saber o que significa tendenciosa, mas eu não saber como traduzir para Libras o que é ser tendencioso. Aí eu busquei alguns sinônimos.

G2-P1 PT→Libras

Para tendenciosas, eu não sabia que sinal eu poderia usar.

G2- P3 PT→Libras

As etapas mencionadas (preparação, recodificação, apoio externo e primeira tradução gravada) não possuem uma ordem para serem executadas e a única etapa obrigatória nesta fase é que a tradução seja gravada em vídeo e, assim que o participante realiza o último sinal pela primeira vez, a fase de redação é finalizada.

Uma das especificidades do processo tradutório intermodal na direção PT→Libras é a necessidade da *performance* corporal-visual do TILS e, com isso, o registro da tradução em vídeo, demandando do tradutor a operacionalização de equipamentos tecnológicos e instrumentos, como é o exemplo do uso de celular ou câmera para realizar a gravação, tripé ou estrutura para o apoio da câmera, computador, fones de ouvidos, iluminação artificial, entre outros.

Diante de tantos processos e demandas operacionais, é coerente presumir, tratando-se de esforço temporal, que a tradução na direção PT→Libras demandaria mais tempo aos participantes. Porém, ao discutirmos os dados de uma forma geral e com a aplicação de testes

²³ Mão esquerda em 1 com o dedo indicador, mão direita aberta com os dedos separados e curvados com movimento reto em direção à mão esquerda para frente e para trás.

estatísticos, observamos que essa suposição não se confirma, além das medidas de tempo apontarem para maior duração média para a tradução na direção Libras→PT. Possivelmente, esse resultado inesperado seria influenciado pela maior experiência profissional e pela familiaridade com a direção PT→Libras.

Abaixo, segue o tempo despendido pelos participantes durante cada uma das etapas da fase de redação. É importante ressaltar que o participante G1-P2 não realizou a recodificação do texto, e isso fez com que ele despendesse mais tempo em preparação para a tradução.

Tabela 11 – Tempo em segundos despendido na fase de redação da tradução PT→Libras

Participante	Sinalização de preparação	Recodificação do TF escrito em áudio	Apoio externo	Primeira tradução gravada de forma completa	Total de tempo despendido na fase de redação
G1-P1	110	67	0	81	258
G1-P2	827	0	158	134	1119
G1-P3	0	110	0	111	221
G1-P4	0	0	0	198	198
G2-P1	141	69	273	118	601
G2-P2	153	75	0	90	318
G2-P3	232	Texto lido por outra pessoa	0	76	308
G2-P4	121	70	0	73	264

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

4.2.2.3 Fase de revisão

Finalizada a fase de redação, inicia-se a fase de revisão, na qual os participantes fazem as correções, as alterações e/ou os ajustes que julgam necessários. Pesquisas externas podem ser novamente utilizadas para solucionar um problema ou validar uma tomada de decisão. Essa fase é dividida nas seguintes etapas:

- i) visualização da tradução realizada;
- ii) regravações da tradução; e
- iii) pesquisas externas.

Conforme a Tabela 12, podemos observar a variação de tempo despendido por cada participante, nessa fase, e os participantes que não realizaram a revisão do TA:

Tabela 12 – Tempo em segundos despendido na fase de revisão PT→Libras

Participante	Visualização da tradução realizada	Regravação da tradução em vídeo	Pesquisa externa	Tempo total despendido na fase de revisão
G1-P1	62	88	0	150
G1-P2	140	0	0	140
G1-P3	120	0	0	120
G1-P4	0	0	0	0
G2-P1	0	0	0	0
G2-P2	98	0	0	98
G2-P3	0	77	0	77
G2-P4	320	302	0	322

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Normalmente, tradutores mais experientes tendem a revisar suas traduções, uma vez que a fase de revisão é uma etapa importante durante o processo tradutório para garantir a qualidade do produto final. Observando a Tabela 12, vemos que os participantes G1-P4, G2-P1 e G2-P3 sequer assistiram às traduções realizadas e, considerando o TILS mais experiente, percebemos que, mesmo com tempo de experiência, a tarefa tradutória ainda não é dominada de forma suficiente.

4.3 ANÁLISE QUANTITATIVA DO EXPERIMENTO REMOTO

Krings (2001), em sua pesquisa experimental aplicada a um grupo de tradutores, investiga o dispêndio de esforço na pós-edição em três dimensões: temporal (tempo de execução), técnico (inserções, exclusões e reorganização do TA) e cognitivo (esforço mental despendido). Baseando-se em Krings (2001) e nos desdobramentos de Fonseca (2016), utilizaremos, neste trabalho, para as análises quantitativas, as medidas de esforço temporal e esforço técnico adaptados à tradução intermodal. Nesse sentido, com a exploração dos dados coletados no experimento remoto, aplicamos testes estatísticos para verificar a ocorrência de diferenças significativas entre as amostras e corroborar ou não as nossas hipóteses.

Considerando a limitação na quantidade de participantes do experimento e a dispersão dos dados, entendemos que os resultados aqui apresentados têm um alcance ainda limitado, mas servem como uma exploração inicial relevante para as questões levantadas nesta pesquisa. Foi utilizado o teste não paramétrico de Wilcoxon para as amostras dependentes e o teste não paramétrico de Mann-Whitney para as amostras independentes, considerando a ausência de normalidade na maioria das amostras. Nos próximos subtítulos, apresentaremos as explorações dos dados estatísticos.

4.3.1 Dispêndio de esforço temporal

Para a quantificação do dispêndio de esforço temporal, utilizamos o tempo total despendido pelos participantes em cada fase (orientação, redação e revisão) e em cada direção de tradução. Com a aplicação do teste não paramétrico de Man-Whitney, realizamos comparações entre as amostras independentes, ou seja, entre o grupo de participantes mais experientes e o grupo de participantes menos experientes. Já o teste não paramétrico de Wilcoxon realiza as comparações das amostras dependentes, ou seja, para o mesmo conjunto de participantes (TILS do mesmo grupo ou para o conjunto de todos os TILS em alguns casos).

Com a aplicação do teste não paramétrico de Man-Whitney, não foi encontrada qualquer diferença significativa entre as medianas apresentadas na Tabela 13, abaixo, na comparação dos dois grupos, considerando as fases isoladamente ou o tempo total da tarefa.

Tabela 13 – Medianas por fase nas duas direções por grupo

Tempo (seg.)	Tradução Libras→PT				Tradução PT→Libras			
	Orient.	Redação	Revisão	Total	Orient.	Redação	Revisão	Total
G1	187,5	536,0	63,0	916,0	440,5	239,5	130,0	743,5
G2	99,0	582,5	89,5	918,5	133,5	313,0	87,5	617,5

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Além da ausência de significância nas medidas entre os grupos, também se constatou que, em cada grupo, não houve qualquer diferença significativa entre as fases nas duas direções ou na comparação de cada fase entre a tradução Libras→PT e a tradução PT→Libras. Esse resultado chama a atenção, uma vez que, ao se observarem os valores da fase de redação na tradução Libras→PT, para ambos os grupos, verifica-se que se encontram num patamar bastante superior aos das fases de orientação e de revisão. Contudo, não se verifica qualquer diferença significativa na aplicação dos testes não paramétricos.

Diversas pesquisas com línguas vocais-auditivas, em tradução intramodal, apontam para a tendência de maior dispêndio temporal e também cognitivo na fase de redação em relação às outras duas fases (orientação e revisão). No caso dos resultados aqui encontrados, supomos que, além do número de participantes ser reduzido, a falta de um padrão recorrente entre os participantes levou a essa ausência de distinções significativas entre os grupos e entre as fases.

Comparando o dispêndio de tempo entre as fases e entre as direções, agora considerando-se todos os participantes conjuntamente, foram identificadas, a partir do teste não paramétrico de Wilcoxon, diferenças significativas entre algumas medidas na tradução Libras→PT. Ao compararmos os conjuntos de medidas, houve uma diferença significativa no

tempo despendido na fase de orientação em relação à fase de redação e na fase de redação em relação à fase de revisão. Vejamos a Tabela 14:

Tabela 14 – Medianas do dispêndio de tempo total e em cada fase nas duas direções

Tempo (seg.)	Tradução Libras→PT				Tradução PT→Libras			
	Orient.	Redação	Revisão	Total	Orient.	Redação	Revisão	Total
T Mdn	158,5	582,5	89,5	918,5	147,5	286,0	109,0	665,0

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Conforme mostra a Tabela 14, a partir dos dados apontados como significativos, o tempo despendido na fase de orientação (158,5 segundos) é significativamente menor que o tempo despendido na fase de redação (582,5 segundos): $p = 0,020$; o tempo despendido na fase de redação (582,5 segundos) é significativamente maior que o tempo despendido na fase de revisão (89,5 segundos): $p = 0,004$. Não houve diferença significativa entre o tempo da fase de revisão (89,5 segundos) e da fase de orientação (158,5 segundos): $p = 0,422$.

Podemos observar que a fase de redação na tradução Libras→PT apresenta diferença significativa em comparação com as fases de orientação e revisão. Em outras palavras, o teste estatístico, ao apresentar esse resultado, aponta para um possível padrão entre os participantes em relação à fase de redação da tradução Libras→PT, que não foi identificado na tradução PT→Libras. Durante a tradução PT→Libras, como percebemos na análise qualitativa, houve uma grande dispersão dos dados de tempo despendido entre os participantes, tanto em relação ao tempo total quanto no que concerne às fases isoladamente.

4.3.2 Dispêndio de esforço técnico

Para a quantificação do esforço técnico, devido à diferença de modalidade entre as línguas e os produtos dos TA, as análises da tradução Libras→PT e PT→Libras foram realizadas separadamente. Para a quantificação do esforço técnico na tradução Libras→PT, foram consideradas as ações de produção e edição como medidas, sendo elas:

- i) total de caracteres produzidos no texto alvo (CTA);
- ii) caracteres apagados na fase de redação (CARD); e
- iii) caracteres apagados na fase de revisão (CARv).

Já na PT→Libras, as medidas para a quantificação do esforço técnico foram:

- i) total de sinais produzidos no texto alvo (STA);
- ii) total de sinais produzidos na fase de redação (SRd); e

iii) total de sinais produzidos na fase de revisão (SRv).

4.3.2.1 Tradução na direção Libras→PT

A partir do processo de tradução na direção Libras→PT, com as categorias mencionadas acima, buscamos mensurar o esforço técnico despendido pelos participantes e analisar se houve diferenças, semelhanças ou correlações significativas entre os grupos. Os dados brutos de produções e edições são os seguintes, conforme Tabela 15:

Tabela 15 – Ações de produção/ edição do texto alvo

Participantes	Tradução Libras→PT			
	CARd	CARv	CTA	Total de caracteres*
G1-P1	394	4	791	1587
G1-P2	302	6	1007	1623
G1-P3	125	0	1031	1281
G1-P4	115	0	580	810
G2-P1	118	0	628	864
G2-P2	157	51	985	1401
G2-P3	402	16	754	1590
G2-P4	22	0	979	1023

CARd = caracteres apagados na fase de redação; CARv = caracteres apagados na fase de revisão; CTA = total de caracteres do texto alvo; Total de caracteres = (2x CARd + 2x CARv + CTA)*

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

A coluna CARd, da Tabela 15, mostra a quantidade de caracteres apagados pelos participantes durante a fase de redação na tradução Libras→PT. Como mencionado anteriormente, os tradutores, em sua maioria, costumam despende mais esforço temporal nessa fase e, conseqüentemente, com maior fluxo de produção e edição, aumenta-se também o esforço técnico, como podemos observar. A coluna CARv apresenta os caracteres apagados pelos participantes na fase de revisão e podemos visualizar que os TILS mais experientes realizaram menos ações de revisões em relação aos TILS menos experientes, coincidindo com os dados da análise qualitativa, visto que os TILS mais experientes despendem menos tempo nessa fase.

A coluna CTA apresenta o total de caracteres produzidos por cada participante no TA e a última coluna, total de caracteres, foi pensada da seguinte maneira, como uma forma de mensurar o esforço técnico: $2x \text{CARd} + 2x \text{CARv} + \text{CTA}$. A quantificação duplicada de CARd e CARv se dá pela lógica dos TILS primeiro realizarem a ação de digitação e, posteriormente, a ação de apagamento do caractere, gerando assim um *esforço técnico/mecânico* dobrado (uma tecla é digitada e depois apagada).

Ao aplicarmos testes estatísticos não paramétricos de Wilcoxon e Mann-Whitney, não tivemos grandes diferenças entre os grupos ou entre as fases. Alguns resultados apontados como significativos já eram esperados, como o de maior produção dos participantes mais experientes e menos experientes durante a fase de redação em relação à fase de revisão. Contudo, ao observarmos a última coluna, da Tabela 15, sobre a quantificação do total de caracteres, para a perspectiva deste trabalho, podemos ter indícios do esforço técnico despendido pelos participantes durante o processo da tradução Libras→PT.

Ao compararmos o total de caracteres ($2x \text{ CARd} + 2x \text{ CARv} + \text{CTA}$) entre os grupos de participantes mais experientes e menos experientes, o valor da mediana dos caracteres digitados para o grupo de mais experientes é superior ao do grupo de menos experientes; no entanto, aplicando-se o teste de Mann-Whitney, observa-se que a diferença não é estatisticamente significativa ($p = 0,443$).

Na Tabela 16, a seguir, por mais que os dados não tenham apresentado diferenças estatisticamente significativas, podemos observar que a produção de caracteres dos participantes mais experientes foi maior em relação aos menos experientes durante a fase de redação e de produção do TA.

Tabela 16 – Medianas por grupos e fases

Caracteres	Tradução Libras→PT			
	CTA	CARd	CARv	Total de caracteres
G1	899,0	213,5	2,0	1434,0
G2	866,5	137,5	8,0	1212,0
Total	885,0	141,0	2,0	1341,0

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

4.3.2.2 Tradução na direção PT→Libras

Na tradução PT→Libras, como medidas para mensurar o esforço técnico despendido pelos participantes, consideramos as produções de sinais na fase de redação, na fase de revisão e o total de sinais produzidos no TA, conforme a Tabela 17 com os dados brutos da produção da tradução PT→Libras pelos participantes:

Tabela 17 – Produção/ sinalização do texto alvo

Participantes	Tradução PT→Libras			
	STA	SRd	SRv*	Total de sinais
G1-P1	108	135	213	348
G1-P2	159	172	746	918
G1-P3	109	109	0	109
G1-P4	189	189	0	189
G2-P1	90	93	0	93
G2-P2	79	134	79	213
G2-P3	66	125	133	258
G2-P4	87	167	258	425

STA = total de sinais no texto alvo; SRd = total de sinais produzidos na fase de redação; SRv = total de sinais produzidos na fase de revisão (*o valor de SRv, e, em alguns casos, o de SRd, inclui também os sinais do TA, portanto o total de sinais é igual à soma de SRd + SRv.)

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

A primeira coluna, STA, apresenta a quantidade total de sinais do TA produzidos por cada participante. A coluna SRd mostra o total de sinais produzidos por cada participante na fase de redação e, na coluna SRv, o total de sinais produzidos na fase de revisão. Por efeito da modalidade das línguas de sinais, na tradução PT→Libras, o texto produzido deve ser registrado em vídeo, tornando mais difícil, durante a fase de revisão, realizar pequenas correções pontualmente, o que força o TILS a refazer parte da ou mesmo toda a tradução. Por isso, durante a fase de revisão, os sinais produzidos para a versão final do TA estão incluídos. No caso dos participantes G1-P3, G1-P4 e G2-P1, que não realizaram a revisão, encerrando o TA na fase de redação, o total de sinais está incluído em SRd.

Com a aplicação dos testes estatísticos não paramétricos de Wilcoxon e de Mann-Whitney, alguns dados apresentaram diferenças significativas. Entre o grupo de TILS mais experientes e menos experientes, o que se diferenciou foi em relação ao total de sinais no TA (STA) e a outra diferença significativa identificada foi na comparação entre o total de sinais produzidos na fase de redação (SRd) e o total de sinais produzidos no TA (STA), conforme as Tabelas 18 e 19:

Tabela 18 – Valores de p para as comparações entre os grupos e entre as categorias de sinalização

Valor p	Tradução PT→Libras					
	STA	SRd	SRv	Total de sinais	G1	G2
G1 x G2	0,014	0,171	0,443	0,253		
SRd x SRv				0,422	0,625	0,438
SRd x STA				0,016	0,250	0,375
SRv x STA				0,406	0,563	0,063

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Tabela 19 – Medianas por grupo e geral

Sinais	Tradução PT→Libras			
	STA	SRd	SRv	Total de sinais
G1	134,0	153,5	106,5	153,5
G2	83,0	129,5	106,0	129,0
Total	99,0	134,5	106,0	133,5

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Analisando a Tabela 18, coluna STA, temos o valor de $p=0,014$ ($n=4$; $dp=3,464$; teste não pareado) apresentando como significativa a diferença entre os grupos de participantes mais experientes e os menos experientes com relação à quantidade de sinais observada no TA. Ainda sobre isso, na Tabela 19, na coluna STA, observaremos os valores das medianas, pois estamos trabalhando com testes estatísticos não paramétricos; dessa maneira, temos os seguintes valores: G1: 134,0 sinais e G2: 83,0 sinais. Esse resultado estatístico atesta que o total de sinais produzidos no TA pelos participantes mais experientes é significativamente maior (134,0) que a produção de sinais no TA realizado pelos participantes menos experientes (83,0).

Com essa informação, podemos supor que uma maior produção de sinais realizada pelos participantes mais experientes poderia ter relação com uma melhor contextualização na tradução e possível fuga da literalidade, indicando certo nível de *expertise*. Todavia, esse tipo de suposição precisa ser verificado em uma análise qualitativa dos produtos tradutórios, o que não foi proposto para esta pesquisa e que poderá ser explorado em trabalhos futuros.

No que se refere à diferença do total de sinais produzidos na fase de redação (SRd) *versus* o total de sinais no TA (STA), na Tabela 18, na coluna total de sinais, observamos o valor $p=0,016$ ($\alpha=0,05$; $n=8$; $dp=4,770$; teste pareado), indicando significância estatística na comparação entre os dois conjuntos de medidas. Na Tabela 19, na linha Total, os valores destacados são as medianas 99,0 e 134,5, indicando que a quantidade de sinais produzidos no TA (STA) é significativamente menor que os sinais produzidos na fase de redação (SRd).

Esse resultado aponta para uma tendência previsível — a produção de um texto traduzido sempre demandará algum tipo de edição e revisão, que se traduz em esforço técnico na fase de redação, o que naturalmente faz com que o total de unidades de esforço técnico (caracteres ou sinais) sejam maiores na contagem da fase de redação em comparação com o número de unidades no TA finalizado.

4.4 PROPOSTA EXPLORATÓRIA DE DEFINIÇÃO MÉTRICA DO ESFORÇO TEMPORAL E TÉCNICO NA TRADUÇÃO INTERMODAL

Como dito anteriormente, devido às medidas de prevenção e isolamento social causadas pela pandemia, este trabalho teve que se adaptar à nova realidade de distanciamento social e, com isso, foram necessárias novas estratégias para que o trabalho continuasse com o mesmo propósito experimental, porém de forma remota. Além dos cuidados para que o experimento fosse aplicado da forma mais coerente possível, nos parâmetros éticos e científicos, outra preocupação foi em relação à forma de quantificar os dados. Após a aplicação do experimento, a partir da gravação realizada em vídeo, todos os dados da tradução Libras→PT e PT→Libras foram contabilizados manualmente, não sendo possível a contabilização de medidas comumente utilizadas em trabalhos experimentais do processo de tradução, como pausas, movimento do mouse, duração média de fixação, contagem de fixações, entre outras.

Com o objetivo de parametrizar as medidas de esforço temporal e esforço técnico de forma ponderada e coerente com as tarefas tradutórias em foco, elaboramos uma proposta exploratória de definição métrica e, a partir dos resultados, foram aplicados testes estatísticos para verificarmos se haveria diferenças significativas entre as amostras. A proposta exploratória de definição métrica foi pensada a fim de possibilitar algum tipo de comparação levando em consideração as diferenças entre as modalidades das línguas envolvidas, como por exemplo a diferença entre contabilizar sinais produzidos em Libras e caracteres ou palavras no português, com o foco no conjunto de participantes no contexto deste desenho experimental.

4.4.1 Proposta de parametrização do Esforço Temporal (ETp)

Para quantificar o esforço temporal despendido pelos participantes e verificar se houve algum tipo de padrão ou diferença entre os grupos de TILS mais experientes e menos experientes, elaboramos uma equação, com base nos tempos despendido durante o processo de tradução. O cálculo do esforço temporal ($RTTM + RTPF = ETp$) é formado pela relação entre o tempo total de cada participante e o maior tempo despendido na tarefa (RTTM) somados à relação de tempo ponderado das fases (RTPF). Sobre o tempo das fases, fizemos uma ponderação considerando uma suposta diferença na intensidade do esforço despendido em cada fase, sendo que a fase de orientação recebeu peso 1, a fase de redação peso 2 e a fase de revisão peso 3.

Para o cálculo do ET_p, a mudança de peso entre as fases de redação e revisão foi definida com base no conceito de durabilidade textual proposta por Alves e Gonçalves (2013), uma vez que a versão apresentada no final da fase de redação terá maior durabilidade textual, possivelmente na proporção da *expertise* tradutória. Ou seja, mais tempo proporcionalmente dedicado à fase de revisão pode indicar um nível de esforço maior, por questões não resolvidas durante a fase de redação e por lidarem com problemas transacionais, como a articulação de argumentos no nível macrotextual, por exemplo. Com isso, temos a seguinte proposta para a métrica do esforço temporal:

$$\mathbf{RTTM + RTPF = ETp}$$

↓

$$\mathbf{TT/ TTM + (TO/TT + 2x TRd/TT + 3x TRv/TT) = ETp}$$

RTTM = relação entre o tempo total de cada participante e o tempo máximo da tarefa (indica, no conjunto de participantes, uma medida temporal “genérica” relativa de esforço com base no tempo despendido; será sempre maior que 0 e poderá alcançar o máximo de 1 somente para o participante que despendeu maior tempo na tarefa)

RTPF = relação de tempo ponderado das fases (peso 1 para a orientação, peso 2 para a redação e peso 3 para a revisão – pesos definidos arbitrariamente, com base na suposta quantidade de esforço destinada a cada fase; terá sempre valores maiores que 1 e menores que 3)

TT = tempo total de cada participante em cada tarefa

TTM = tempo total máximo (TT do participante que demorou mais tempo)

TO = tempo da fase de orientação

TRd = tempo da fase de redação

TRv = tempo da fase de revisão

Como apresentado na equação, para calcular a relação entre o tempo total de cada participante e o tempo máximo da tarefa (RTTM), é feita a divisão entre o tempo total de cada participante em cada tarefa (TT) com o tempo total máximo, que se refere ao tempo do participante que mais demorou a realizar a tarefa (TTM).

Para calcular a relação do tempo ponderado das fases (RTPF), o tempo despendido em cada fase (orientação, redação e revisão) é multiplicado pelo peso aplicado em cada fase e dividido pelo total de tempo de cada participante (TT). Assim, os valores resultantes de RTTM e RTPF são somados e, então, temos a proposta para o cálculo do esforço temporal (ET_p) para as duas direções de tradução. Na Tabela 20, temos o esforço temporal nas duas direções variando entre os valores maiores que zero e menores que quatro. A partir dos valores da Tabela 20, foram extraídos: total de esforço temporal, médias e medianas por grupo, conforme Tabela 21:

Tabela 20 – ETp nas duas direções

Esforço temporal	ETp-Libras→PT	ETp-PT→Libras
G1-P1	2,762	1,622
G1-P2	2,780	2,461
G1-P3	1,342	2,212
G1-P4	1,593	0,963
G2-P1	2,202	2,160
G2-P2	2,544	1,959
G2-P3	3,044	1,885
G2-P4	2,190	2,933

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Tabela 21 – Total, médias e medianas por grupo

Esforço temporal		ETp-Libras→PT	ETp-PT→Libras
G1	Total	8,477	7,258
	Média	2,119	1,815
	Mediana	2,178	1,917
G2	Total	9,980	8,937
	Média	2,495	2,234
	Mediana	2,373	2,060
Total	Total	18,457	16,195
	Média	2,307	2,024
	Mediana	2,373	2,060

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Na Tabela 22, a seguir, é apresentada a síntese da aplicação de testes estatísticos, que, neste caso, constata a normalidade das amostras, que foram – Testes T de Student para as amostras dependentes (Libras→PT x PT→Libras) e independentes (G1 x G2). Como podemos observar, os valores não apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre as direções ou entre os grupos. Para que as diferenças fossem consideradas significativas, os valores deveriam ser menores que 0.05.

Tabela 22 – Síntese dos testes estatísticos (valores de p)

Esforço temporal	Libras→PT	PT→Libras	Libras→PT x PT→Libras	Geral
G1 x G2	0,208	0,173		0,093
G1			0,263	
G2			0,283	
Geral			0,167	

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Realizando-se, ainda, o teste de correlação de Pearson para os valores apresentados na Tabela 20, a fim de comparar o esforço temporal da Libras→PT com PT→Libras de todos os

participantes conjuntamente, o resultado encontrado para r foi de 0,148, o que indica uma correlação desprezível entre as duas amostras. Fazendo-se o teste de correlação para os grupos separadamente, encontrou-se $r = 0,291$ (correlação desprezível) para o grupo de mais experientes e $r = -0,686$ (correlação negativa moderada) para o grupo de menos experientes.

Tais resultados podem reforçar a hipótese de que não há um padrão consistente entre os grupos, que parecem ter tido uma formação muito limitada ou reduzida em relação às atividades de tradução, seja Libras→PT, seja PT→Libras. No caso da correlação negativa moderada para o grupo de menos experientes, pode-se argumentar que o fato de apresentarem uma tendência de menor esforço temporal na tradução PT→Libras seria um indício de que a tarefa nessa direção foi tratada de forma muito próxima à atividade de interpretação. Apesar de os valores das médias e medianas do grupo de mais experientes também ter apresentado essa tendência, o participante G2-P3 apresentou um comportamento distinto, o que influenciou no resultado do teste de correlação.

4.4.2 Proposta de parametrização do Esforço Técnico (ETc)

Conforme mencionado na seção 4.3.2, pelo fato de o esforço técnico envolver a produção de caracteres na tradução para o português e de sinais na tradução para a Libras, o cálculo para as duas direções foi realizado separadamente.

4.4.2.1 Esforço Técnico na tradução Libras→PT (ETcTLP)

Para uma tentativa exploratória para quantificação do esforço técnico na tradução Libras→PT (ETcTLP), considerando a unidade caracteres, decidimos multiplicar a relação de esforço mecânico de digitação (REMD) pelo valor da relação de esforço de busca de auxílio externo (REAE_x), para, assim, com a inclusão de ações de busca/pesquisa na tradução, obtermos uma proposta do esforço técnico mais plausível e abrangente em relação à tradução Libras→PT (ETcTLP). Vejamos a seguir:

$$\mathbf{REMD} \times \mathbf{REAE}_x = \mathbf{ETcTLP}$$

⇓

$$(\mathbf{CTA} + 2x \mathbf{CAR}_d + 2x \mathbf{CAR}_v) = \mathbf{EMD}$$

CTA = total de caracteres do texto alvo

CAR_d = total de caracteres apagados na fase de redação

CAR_v = total de caracteres apagados na fase de revisão

EMD = esforço mecânico de digitação: total de teclas acionadas na tarefa

$$\text{EMD}/\text{EMD}_{\text{max}} = \mathbf{REMD}$$

EMD_{max} = valor máximo para o esforço mecânico de digitação entre os participantes

REMD = relação de esforço mecânico de digitação (nº de teclas acionadas / nº máximo de teclas acionadas; varia de >0 a 1)

Para conseguirmos o valor de REMD, primeiro precisamos saber o valor do esforço mecânico de digitação (EMD), que é equivalente ao total de teclas acionadas na tarefa e, para isso, calculamos o total de caracteres do TA (CTA) somado a duas vezes (duas vezes, porque indicam uma tecla que foi apagada e depois o acionamento de uma tecla de apagamento) o valor do total de caracteres apagados na fase de redação (CARd), somados a duas vezes o valor do total de caracteres apagados na fase de revisão (CARv) $[(\text{CTA} + 2x \text{CARd} + 2x \text{CARv}) = \text{EMD}]$. Achado o valor de EMD, divide-se esse pelo maior valor de esforço mecânico de digitação entre os participantes (EMD_{max}) e assim teremos o valor de REMD ($\text{EMD}/\text{EMD}_{\text{max}} = \text{REMD}$). Para o cálculo de REAEx, temos o seguinte:

$$(1 + \text{AEx}/\text{AEx}_{\text{max}}) = \mathbf{REAEx}$$

AEx = total de sites (telas) acessados em buscas por apoio externo, consultas em conversas no WhatsApp (por conversa\ interação)

AEx_{max} = valor do maior AEx entre os participantes; AEx Máximo (variará de 0 a 1)

REAEx = relação de esforço de busca de auxílio externo (variará de 1 a 2)

No cálculo para a medida de REAEx, que é a medida de esforço de busca de auxílio externo ponderado em relação ao conjunto de participantes, é proposta a divisão do total de sites acessados em buscas de apoio externo (AEx) pelo maior valor de busca de auxílio externo entre os participantes (AEx_{max}). Como alguns participantes não realizaram pesquisas externas e para que o valor não resulte num valor final igual a zero, sua proposição inclui a soma a um, para que varie entre um e dois. Com tudo isso, ao final, teremos o valor de REMED que, multiplicado ao valor de REAEx, resultará no ETcTLP ($\text{REMED} \times \text{REAEx} = \text{ETcTLP}$, que terá a variação de >0 a 2). As tabelas com os resultados serão expostas ao final da próxima seção, junto com os valores do esforço técnico na tradução PT→Libras (ETcTPL).

4.4.2.2 Esforço Técnico na tradução PT→Libras (ETcTPL)

Na tradução PT→Libras, o valor de medida de esforço técnico se apresenta na unidade sinais e consideramos, para o cálculo, a relação de esforço mecânico de sinalização (REMS) multiplicada à relação de esforço de busca de auxílio externo, gravações de áudio e de

signalizações (REAE*x-i*) com o resultado temos o esforço técnico na tradução PT→Libras (ETcTPL) para esta proposta exploratória, conforme detalhado a seguir:

$$\mathbf{REMS} \times \mathbf{REAE}_{x-i} = \mathbf{ETcTPL}$$

↓

$$\mathbf{EMS/EMS}_{\max} = \mathbf{REMS}$$

$$(\mathbf{SRd} + \mathbf{SRv}) = \mathbf{EMS}$$

SRd = total de sinais produzidos na fase de redação

SRv = total de sinais produzidos na fase de revisão

EMS = esforço mecânico de sinalização: sinais produzidos em diferentes fases da tarefa, que já incluem os sinais do produto traduzido - STA

STA = total de sinais no texto alvo

EMS_{max} = valor maior do esforço mecânico de sinalização entre os participantes

REMS = relação de esforço mecânico de sinalização (nº de sinais produzidos / nº máximo de sinais produzidos; variará de >0 a 1)

Assim como apresentado na tradução Libras→PT, para conseguirmos o valor de REMS na tradução PT→Libras, primeiro precisamos saber o valor do esforço mecânico de sinalização (EMS), que é equivalente aos sinais produzidos em diferentes fases da tarefa, incluindo o produto traduzido. Dessa forma, somamos o total de sinais produzidos na fase de redação (SRd) ao total de sinais produzidos na fase de revisão (SRv) [(SRd + SRv = EMS)]. Achado o valor de EMS, dividimos pelo maior valor de esforço mecânico de sinalização entre os participantes (EMS_{max}) e assim teremos o valor de REMS (EMS/EMS_{max} = REMS).

Para o cálculo de REAE*x-i*, temos o seguinte:

$$(1 + \mathbf{AEx/AEx}_{\max} + \mathbf{GA} + \mathbf{GS/GS}_{\max}) = \mathbf{REAE}_{x-i}$$

AEx = total de sites (telas) acessados em buscas por apoio externo

AEx_{max} = valor do maior AEx entre os participantes; AEx Máximo

GA = gravação de áudio do texto em português (1 = sim; 0 = não)

GS = número de gravações de sinalizações do TA

GS_{max} = valor do maior GS entre os participantes; GS máximo

REAE*x-i* = relação de esforço de busca de auxílio externo, gravações de áudio e de sinalizações; variará de 1 a 4

Para chegar ao valor da relação de esforço de busca de auxílio externo (REAE*x-i*), propomos que o valor do total de sites (telas) acessados em busca de apoio externo (AEx) seja dividido pelo maior valor de AEx entre os participantes (AEx_{max}), soma-se a isso o valor estabelecido (1 ou 0) para a gravação de áudio do texto em português (GA), somado ainda à divisão entre o número de gravações de sinalizações do TA (GS) e o maior valor de GS entre os participantes (GS_{max}).

Como ponderação, para que o valor não resulte num valor final igual a zero, caso algum participante não realize nenhuma das ações mencionadas, inclui-se a soma a um, para que, no fim, varie entre um e quatro. Depois de todo esse processo, teremos o valor de REAEx-i. $[(1 + AEx/AExM + GA + GS/GS_{max}) = REAEx-i]$. Por fim, multiplicados os valores encontrados para REMS e REAEx-i, temos o esforço técnico na tradução PT→Libras (ETcTPL) ($REMS \times REAEx-i = ETcTPL$).

Na Tabela 23, temos os valores do esforço técnico despendido nas duas direções, que pode variar, com base nesta proposta exploratória, entre os valores >0 a 4. A partir dos valores da Tabela 23, foram extraídos o total de esforço técnico, médias e medianas por grupo, conforme Tabela 24.

Tabela 23 – ETc nas duas direções

Esforço técnico	ETcTLP	ETcTPL
G1-P1	0,978	1,604
G1-P2	1,385	1,615
G1-P3	0,789	0,237
G1-P4	0,499	0,253
G2-P1	0,573	0,405
G2-P2	0,930	0,464
G2-P3	1,959	1,124
G2-P4	0,630	1,852

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Tabela 24 – Total, médias e medianas por grupo

Esforço técnico		ETcTLP	ETcTPL
G1	Total	3,651	3,710
	Média	0,913	0,928
	Mediana	0,884	0,929
G2	Total	4,092	3,845
	Média	1,023	0,961
	Mediana	0,780	0,794
Total	Total	7,743	7,555
	Média	0,968	0,944
	Mediana	0,860	0,794

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Na Tabela 25, a seguir, temos a síntese da aplicação de testes estatísticos, Teste T de Student para as amostras dependentes (Libras→PT x PT→Libras) e independentes (G1 x G2) e, assim como no esforço temporal, as amostras do esforço técnico não apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre as direções ou entre os grupos. Para que as diferenças fossem consideradas significativas, os valores deveriam ser menores que 0.05.

Tabela 25 – Síntese dos testes estatísticos (valores de p)

Esforço técnico	Libras→PT	PT→Libras	Libras→PT x PT→Libras	Geral
G1 x G2	0,388	0,475		0,405
G1			0,479	
G2			0,450	
Geral			0,462	

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Nesta análise, é importante destacar que os valores de ETcTLP podem alcançar o máximo de 2,0, enquanto os de ETcTPL podem alcançar até 4,0. Com esta proposta de parametrização exploratória, estamos partindo do pressuposto de que o esforço técnico na tradução PT→Libras tende naturalmente a ser superior ao da tradução Libras→PT.

Tal diferença de parâmetros se deve ao fato de a tradução na direção PT→Libras demandar mais ações que envolvem o esforço técnico — além da sinalização, como forma de produção de língua nessa modalidade, e das consultas externas, houve a produção de uma versão recodificada do TF escrito em português, realizada por alguns dos participantes, e, finalmente, a gravação do TA em Libras no celular do participante.

Apesar de haver essa possibilidade de diferença na amplitude dos valores dos dois parâmetros propostos para o esforço técnico (máximo de 2 para ETcTLP e de 4 para ETcTPL), o que se observou na prática foram valores bem próximos para esse tipo de esforço nas duas direções desta proposta exploratória, o que resultou na ausência de significância estatística na comparação das amostras entre as direções ou entre os grupos. Mais uma vez, como foi discutido para o esforço temporal, anteriormente, parece ter havido um comportamento errático entre os participantes em relação a esta proposta para o esforço técnico, sem um padrão recorrente nos resultados.

Explorando também o teste de correlação de Pearson para os valores de ETc no esforço técnico entre a tradução Libras→PT e PT→Libras para todos os participantes conjuntamente, o resultado encontrado para r foi de 0,360, o que indica uma correlação fraca entre as duas amostras. Fazendo-se o teste de correlação para os grupos separadamente, encontrou-se $p = 0,835$ (correlação forte) para o grupo mais experiente e $p = 0,076$ (correlação desprezível) para o grupo menos experiente.

Pode-se supor que não haja um padrão recorrente entre os menos experientes e, com relação aos mais experientes, observou-se que dois participantes tiveram uma diminuição no valor desse parâmetro na tradução PT→Libras em relação à Libras→PT, enquanto dois outros

apresentaram a tendência oposta. Em termos de análise dos fenômenos observados, não podemos afirmar que haja um padrão comum nesse grupo, havendo a necessidade de análises mais aprofundadas e de estudos com maior número de participantes a fim de se obterem dados que apontem de forma mais consistente e confiável possíveis padrões e tendências.

4.4.3 Proposta de parametrização para síntese do Esforço Temporal e Técnico (ETT)

Com base nas explorações anteriores, decidimos apresentar um parâmetro que sintetizasse os dois esforços abordados nesta pesquisa. Assim, considerando que os valores dos dois parâmetros de esforço têm grandezas próximas, decidimos propor a síntese de ambos por meio da seguinte equação:

$$\mathbf{ETT = ETp + ETc}$$

$$\Rightarrow \mathbf{ETTTLP = ETpTLP + ETcTLP; ETTTPL = ETpTPL + ETcTPL}$$

Desse modo, o parâmetro de esforço temporal e técnico para a Libras→PT variará de >0 até 6,0 e para a PT→Libras variará de >0 até 8,0, tendo em vista que ETcTLP pode ter o valor máximo de 2,0, enquanto ETcTPL pode chegar até 4,0.

Abaixo, apresentamos a síntese dos valores de ETT nas duas direções para todos os participantes.

Tabela 26 – ETT nas duas direções

Esforço temporal e técnico	ETT-TLP	ETT-TPL
G1-P1	3,740	3,226
G1-P2	4,165	4,076
G1-P3	2,131	2,449
G1-P4	2,092	1,216
G2-P1	2,775	2,565
G2-P2	3,474	2,423
G2-P3	5,003	3,009
G2-P4	2,820	4,785

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Tabela 27 – Total, médias e medianas por grupo

Esforço temporal e técnico		ETT-TLP	ETT-TPL
G1	Total	12,128	10,967
	Média	3,032	2,742
	Mediana	0,884	0,929
G2	Total	14,072	12,782
	Média	3,518	3,196
	Mediana	0,780	0,794
Total	Total	26,200	23,749
	Média	3,275	2,969
	Mediana	3,147	2,787

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Tabela 28 – Síntese dos testes estatísticos (valores de p)

Esforço técnico	Libras→PT	PT→Libras	Libras→PT x PT→Libras	Geral
G1 x G2	0,270	0,299		0,190
G1			0,172	
G2			0,364	
Geral			0,239	

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

No estudo de correlação de Pearson para os valores apresentados para o parâmetro ETT, a fim de comparar essa proposta de síntese de esforços entre as duas direções para todos os participantes conjuntamente, o resultado encontrado para p foi de 0,400, o que indica uma correlação fraca entre as duas amostras. Fazendo-se o teste de correlação para os grupos separadamente, encontrou-se $p = 0,905$ (correlação fortíssima) para o grupo de mais experiente e $p = -0,260$ (correlação negativa desprezível) para o grupo de menos experiente.

Pode-se supor que não haja um padrão recorrente entre os participantes menos experientes e, com relação aos mais experientes, observou-se que dois participantes tiveram uma diminuição no valor desse parâmetro na tradução PT→Libras em relação à Libras→PT, enquanto dois outros apresentaram a tendência oposta. Em termos de análise dos fenômenos observados, não podemos afirmar que haja um padrão comum nesse grupo, havendo a necessidade de análises mais aprofundadas e de estudos com maior número de participantes a fim de se obterem dados que apontem de forma mais consistente e confiável possíveis padrões e tendências.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, faremos a discussão dos resultados a partir dos dados apresentados e analisados no capítulo 4. Para isso, retomaremos as questões iniciais da pesquisa e as hipóteses formuladas.

5.1 A PREFERÊNCIA DE DIRECIONALIDADE E A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA TRADUÇÃO INTERMODAL

Pesquisas que investigam a direcionalidade na tradução intramodal, isto é, entre línguas vocais pertencentes à mesma modalidade, mostram que, por questões históricas, a maioria dos tradutores intramodais vocais-auditivos prefere traduzir de sua L2 para sua L1 e são treinados e formados para atuar especialmente nessa direção, como podemos verificar nas pesquisas empírico-experimentais de Pavlović e Jensen (2009), Ferreira (2010) e Pavlović (2013).

Por outro lado, ao investigarem as questões sobre direcionalidade no processo interpretativo intermodal (envolvendo uma língua gestual-visual e outra vocal-auditiva), autores como Napier, Rohan e Slatyer (2005), no par linguístico inglês/Auslan (*Australian Sign Language*), Nicodemus e Emmorey (2013), no par linguístico inglês-ASL (*American Sign Language*) e, mais recentemente, Silva (2021), no par linguístico Libras-português, identificaram, a partir de suas pesquisas empírico-experimentais, que existe uma tendência de preferência para a direção da L1 para a L2 na interpretação intermodal, diferentemente do que ocorre com os tradutores intramodais vocais-auditivos.

Nesse sentido, ao observar a existência de uma indicação de tendência de preferência para o processo interpretativo intermodal, que é o processo mais comum de atuação entre os TILS, uma das perguntas desta pesquisa é justamente se, assim como ocorre na interpretação, na tradução intermodal do par linguístico Libras-português, haveria uma tendência de preferência de direcionalidade. Para essa pergunta, com base nos achados dos demais pesquisadores, hipotetizamos que, por ser a direção na qual mais comumente trabalham em atividades de interpretação, a maioria dos TILS preferirá traduzir também na direção PT→Libras.

Antes de prosseguirmos com as discussões dos resultados desta pesquisa, é importante ressaltar que:

- i) o foco deste trabalho é sobre as tarefas de tradução nas direções Libras→PT e PT→Libras;
- ii) entendemos que a tradução e a interpretação são atividades cognitivamente e operacionalmente diferentes;
- iii) sabemos que a tradução não é a prática mais comum entre os TILS intermodais;
- iv) os participantes desta pesquisa empírico-experimental não atuam exclusivamente como tradutores — na maior parte do Brasil, os TILS são profissionais que atuam como tradutores e intérpretes de Libras-português e realizam as atividades de tradução e interpretação conforme necessidade e demanda das instituições; e
- v) entendemos que as direções de atuação Libras→PT e PT→Libras possuem características específicas e exigem dos tradutores e intérpretes habilidades e esforços diferentes, especialmente nos processos intermodais.

Para verificar uma possível tendência de preferência de direcionalidade na tradução intermodal, utilizamos o questionário prospectivo de perfil. Perguntamos inicialmente aos respondentes quais eram a sua L1 e a sua L2. Todos os 116 respondentes responderam que tinham o português como L1 e 111 respondentes indicaram que tinham a Libras como L2. Dessa forma, os 5 respondentes que não indicaram a Libras como L2 (indicando a Libras também como sua L1 ou indicando a Libras como L3) não foram considerados nas análises específicas para esta questão.

Conforme o Gráfico 17, a seguir, 52,3% (58 respondentes) disseram preferir traduzir da sua L1 para sua L2, ou seja, mostraram preferência pela tradução PT→Libras. Considerando que todos esses respondentes declararam o português como L1 e a Libras como L2, podemos inferir, a partir dos dados e considerando o limite do nosso escopo, que atualmente existe, sim, uma tendência de preferência para a direção PT→Libras na tradução intermodal, corroborando nossa hipótese de que, diferentemente da tradução intramodal com línguas vocais-auditivas, na tradução do par linguístico Libras-português, haveria uma tendência de direcionalidade para a direção PT→Libras.

Além de serem questionados sobre a direção que preferem traduzir, perguntamos também em qual direção preferem interpretar, conforme gráficos a seguir:

Gráfico 17 – Direção de preferência para traduzir



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Gráfico 18 – Direção de preferência para interpretar



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Com relação à preferência para a interpretação para a ASL no par linguístico inglês-ASL, Nicodemus e Emmorey (2013, 2015) apresentam alguns fatores linguísticos e não linguísticos que podem influenciar essa preferência. Conforme as autoras, os intérpretes, durante a produção da interpretação simultânea em línguas de sinais, ao se depararem com um problema, possivelmente recorrem a alguns recursos facilitadores que não ocorrem na interpretação na direção Libras→PT, como o uso da datilologia (alfabeto manual), da transliteração (sinalização palavra por palavra) e da produção de *mouthing* (articulação labial de palavras).

A preferência pela direção PT→Libras também pode estar relacionada com a maior demanda e a ênfase nos cursos de formação nessa direção, causando assim uma sensação de maior conforto ao atuarem. Como mostra o Gráfico 18, a maior parte dos TILS respondentes, 67,6% (75 respondentes) prefere interpretar da L1 para sua L2, ou seja, do português para a Libras.

Ainda nos Gráficos 17 e 18, podemos destacar a diferença, mesmo que pequena na porcentagem, entre os respondentes ao preferirem a direção PT→Libras na tradução e na

interpretação. Na tradução, apesar de a maioria preferir a direção PT→Libras, a porcentagem é menor que na interpretação e percebermos ainda que a opção “eu não tenho uma preferência por direção ao traduzir” se sobressai em relação à interpretação. Como abordado na seção 4.1, mesmo de forma especulativa, podemos inferir que os TILS respondentes compreendem que existem diferenças inerentes à atividade de tradução e à atividade de interpretação, considerando, por exemplo, que o tradutor não sofre tanto com a pressão do tempo como na interpretação simultânea, podendo despender de tempo durante as fases de orientação, redação e revisão e, ainda, contar com o apoio externo e com a consulta aos pares.

No questionário de perfil, selecionamos as respostas sobre a preferência de direção na tradução dos 8 TILS participantes do experimento remoto. Inicialmente, tivemos as seguintes respostas:

Tabela 29 – preferência de direção na tradução dos participantes do experimento

Participantes	Em qual direção você prefere traduzir?
G1-P1	Eu não tenho preferência de direção para traduzir
G1-P2	Da minha primeira língua (L1) para minha segunda língua (L2)
G1-P3	Da minha primeira língua (L1) para minha segunda língua (L2)
G1-P4	Eu não tenho preferência de direção para traduzir
G2-P1	Eu não tenho preferência de direção para traduzir
G2-P2	Da minha primeira língua (L1) para minha segunda língua (L2)
G2-P3	Da minha primeira língua (L1) para minha segunda língua (L2)
G2-P4	Eu não tenho preferência de direção para traduzir

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Ao pensarmos sobre a seleção de participantes para o experimento remoto, para que não houvesse influências, pretendíamos selecionar participantes menos experientes e mais experientes que não tivessem preferência de direção para traduzir. Porém, a pouca quantidade de respondentes sem preferência de direção na tradução, a indisponibilidade de alguns respondentes que estavam no perfil e a necessidade de realizarmos as coletas de dados em um determinado prazo, tudo isso incidiu na impossibilidade desse critério na seleção. Contudo, como alternativa para que as preferências ficassem equilibradas entre os participantes mais experientes e os menos experientes, escolhemos 2 participantes que declararam preferir traduzir de sua L1 para sua L2 e 2 participantes sem preferência de direção para cada grupo, como exposto na anterior Tabela 29.

Para compreendermos alguns fatores que motivam a preferência de direção na tradução intermodal entre os TILS participantes do experimento, por meio do protocolo verbal retrospectivo, perguntamos novamente em qual direção os participantes preferem traduzir e tivemos as seguintes declarações:

Do português para libras é mais rápido, então, se for pensar nessa questão de agilidade você fazer uma coisa mais rápida, mais dinâmica, que você não fica preso, então, eu prefiro essa direção do português para a Libras.

G1-P1

Prefiro sinalizar mesmo. Porque [na tradução Libras→PT] vai depender muito do surdo, sabe. A sinalização, depende mais de mim.

G1-P2

Eu me sinto mais confortável, mesmo sabendo que as duas direções têm bastante responsabilidade, mas eu me sinto melhor, quando passo para os surdos, para a língua de sinais. Se eu pegar um texto em língua portuguesa, eu tenho meu melhor desempenho em transmitir para a língua de sinais. Eu penso que eu consigo ser melhor para os surdos, porque é uma forma mais fácil, eu jogar com maior liberdade ali na minha tradução. Agora, fazendo o inverso, da língua de sinais para a língua portuguesa, eu sei que eu vou atender os ouvintes e os ouvintes têm todo tipo de profissional que vai avaliar, entende?! Aqui [tradução PT→Libras] eu vou alcançar o surdo e vou passar a mensagem, aqui [tradução Libras→PT] vou alcançar ouvinte que sempre vai ser crítico.

G1-P3

Não tenho preferência não, porque como a gente trabalha com isso, então, eu sempre procuro colocar na minha cabeça de que a gente tem que estar treinado né, capacitado para fazer as duas coisas. O que acontece mesmo é que uma [direção] tenho mais dificuldade que a outra, mas preferência não.

G1-P4

Prefiro traduzir do português escrito para libras, acho bem mais fácil do que da Libras para o português escrito.

G2-P1

Do português para a língua de sinais é mais fácil e mais rápido. Prefiro sinalizar porque você lê e consegue fazer rápido as trocas. A gente usa mais de um sinal para exemplificar e para deixar claro a ideia geral. No processo contrário, da Libras para a língua portuguesa exige muito do tradutor porque vai ter sinais e expressões próprias da língua, próprios da cultura e você vai precisar fazer essa troca né, trazer para a estrutura da língua portuguesa. Aí você tem que ficar muito atento para poder passar exatamente o que o surdo está querendo dizer, então, às vezes você substitui uma palavra porque aquele sinal não é mais próximo do que ele está querendo dizer, aí você olha mais de uma vez para ver se aquela frase está mais próxima do que realmente seria o que ele está querendo dizer. As vezes três ou quatro sinais dá uma frase imensa na língua portuguesa. Então essa demanda é bem desgastante...é um desgaste mental que a gente faz e aí fica voltando...talvez o hábito e a prática vão facilitando.

G2-P2

Prefiro sinalizar. Eu acho um pouco mais confortável.

G2-P3

Não tenho preferência, mas acho que é um tipo de prática que nós não fazemos tanto e aí é você pensa assim... nossa, mas a língua portuguesa é a nossa língua... mas uma coisa é você escrever a sua escrita outra coisa é você fazer a escrita da fala de alguém sem inferências, realmente tentando escrever aquilo que o surdo quis dizer e aí acho que falta mais essa prática.

G2-P4

Os participantes G1-P1 e G2-P1, ao declararem no experimento que preferem uma direção para traduzir, contradizem a resposta dada inicialmente no questionário de perfil, na qual indicaram “eu não tenho preferência de direção para traduzir”. Com as declarações dos TILS mais experientes e menos experientes sobre a preferência por uma direção, identificamos nos comentários que alguns fatores os motivam a preferirem a tradução na direção PT→Libras.

De acordo com os participantes que declararam preferir a tradução na direção PT→Libras, de forma geral, temos os seguintes motivos: i) mais rapidez e agilidade para produzir e fazer escolhas na tradução para a Libras; ii) sensação de conforto ao traduzir do português para a Libras; iii) falta de prática na tradução da Libras para o português; iv) sensação de maior desgaste mental (esforço cognitivo) na tradução da Libras para o português; e v) na tradução da Libras para o português, os ouvintes são mais críticos e avaliativos.

A partir das considerações dos participantes e dos fatores relatados sobre a preferência pela tradução na direção PT→Libras, em relação ao argumento de mais rapidez e agilidade na tradução para a Libras, ao triangularmos com a análise quantitativa, os dados sobre essa direção ser mais rápida realmente aparecem. Conforme exposto na seção 4.3.1, ao compararmos o dispêndio de esforço temporal nas duas direções, apesar de a tradução PT→Libras demandar mais procedimentos, como, por exemplo, a gravação do TA em vídeo pelos TILS, ainda assim, os dois grupos despenderam menos tempo nessa direção.

Isso pode indicar que os TILS participantes do experimento possuem uma maior automatização com a direção PT→Libras, principalmente pela prática recorrente na interpretação, podendo influenciar, ainda, na sensação de maior conforto ao traduzirem nessa direção, como relatado por alguns participantes. Ao discutirmos mais adiante sobre as estratégias utilizadas pelos TILS durante a tradução PT→Libras, observaremos que a maioria dos participantes do experimento recorreu, em alguns momentos do processo tradutório, ao *modus operandi* da interpretação.

Um outro ponto destacado pelos participantes sobre a tradução Libras→PT é a falta de prática com essa direção. No questionário prospectivo, a maioria dos TILS respondeu que ocasionalmente realiza a tradução da sua L2 para sua L1, mas o contrário, da sua L1 para sua L2, a maioria indicou que realiza esse tipo de tradução com frequência.

O mesmo aconteceu ao serem perguntados em qual direção receberam mais formação, e a direção Libras→PT teve apenas 11,7% (13 respondentes); em compensação, da L2 para a L1, a porcentagem foi de 67,6% (75 respondentes). A falta de prática e de formação nessa direção poderia ser considerada o principal fator a acarretar a dificuldade e a não preferência entre TILS e, ainda, incidir em um maior esforço cognitivo, como relata o participante G2-P2. Entretanto, essas considerações são apenas especulativas, considerando o escopo da nossa pesquisa e a necessidade de pesquisas com ênfase no esforço cognitivo no processo tradutório intermodal com foco na direcionalidade.

Nicodemus e Emmorey (2013), ao analisarem as questões de preferência de direção entre intérpretes bimodais (intermodais) experientes e novatos, mencionam que os consumidores também podem influenciar a direção de preferência. Na atuação de sua L1 para sua L2, intérpretes, ao se depararem com um problema de interpretação, utilizam do recurso da transliteração, podendo produzir um produto agramatical, o que chamamos de interpretação palavra-sinal. Erros gramaticais cometidos no produto são facilmente detectados pelos consumidores ouvintes e considerados inaceitáveis, enquanto, na interpretação da L1 para sua L2, os consumidores surdos reagem com certo grau de aceitação nessas situações. O participante G1-P3, em seu relato sobre a preferência em traduzir de sua L1 para L2 (PT→Libras), usa justificativas semelhantes ao que Nicodemus e Emmorey (2013) apresentam, ao dizer que prefere traduzir para a Libras, pois os consumidores da tradução para o português, os ouvintes, costumam ser mais “avaliativos” e “críticos”. Para o participante, é possível ter mais liberdade para traduzir ao atuar para a Libras.

Nesta pesquisa, trabalhamos com a preferência de direcionalidade sendo a variável independente e a experiência profissional dos TILS como a variável dependente. Nesse sentido, a seguinte questão de pesquisa foi levantada: em que medida a preferência de direcionalidade se correlaciona com a experiência profissional do TILS? Nicodemus e Emmorey (2015) apontam em seus estudos sobre a performance de intérpretes novatos e experientes da L1 para a L2, em que os intérpretes que relataram não possuir preferência de direção possuíam maior equilíbrio de proficiência bilíngue, podendo esse fator diminuir a preferência por uma direção.

No contexto dos intérpretes de língua de sinais australiana, Wang e Napier (2015) sugerem que intérpretes que possuem um equilíbrio na qualidade bilíngue estão menos sujeitos aos efeitos da direcionalidade. Com base nesses autores, temos a seguinte hipótese: quanto maior a experiência dos TILS, menor será a tendência de preferência de direção. Na Tabela 30, a seguir, considerando as respostas dos 111 participantes que indicaram ter a L1 o português e a L2 a Libras, quantificamos, a partir do tempo de atuação profissional de cada um, os participantes que preferem traduzir da sua L1 para sua L2, os que preferem traduzir da sua L2 para sua L1 e os que não têm preferência de direcionalidade.

Tabela 30 – Preferência *versus* experiência

Tempo de atuação profissional como TILS	Quantidade de TILS que declararam preferir traduzir da L1→L2	Quantidade de TILS que declararam preferir traduzir da L2→L1	Quantidade de TILS que declararam não ter preferência de direcionalidade	Total de respondentes
1 a 2 anos	6	2	2	10
2 a 4 anos	5	1	2	8
4 a 6 anos	9	2	2	13
6 a 8 anos	6	1	6	13
8 a 10 anos	15	3	12	30
Mais de 12 anos	17	3	17	37
Total de respondentes	58	12	41	111

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

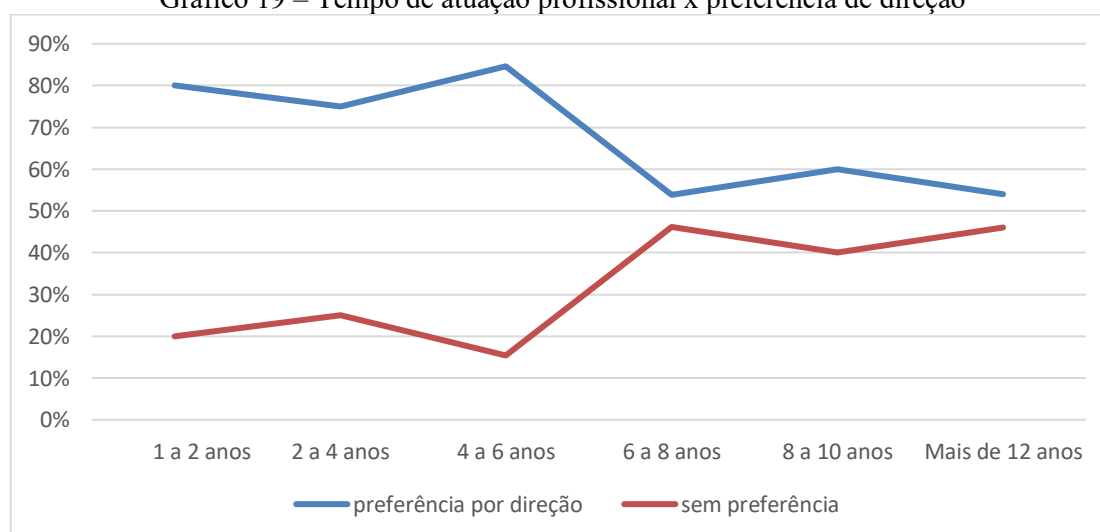
Para facilitar a comparação das faixas de tempo de experiência, convertemos os valores da anterior Tabela 30 em porcentagens e, assim, apresentamos a Tabela 31 e o Gráfico 19, seguintes.

Tabela 31 – Porcentagem da preferência por tempo de atuação profissional

Tempo de atuação profissional como TILS	TILS que declararam ter preferência de direção	TILS que declararam não ter preferência de direcionalidade	Total de respondentes
1 a 2 anos	80,0%	20,0%	100,0%
2 a 4 anos	75,0%	25,0%	100,0%
4 a 6 anos	84,6%	15,4%	100,0%
6 a 8 anos	53,8%	46,2%	100,0%
8 a 10 anos	60,0%	40,0%	100,0%
Mais de 12 anos	54,1%	45,9%	100,0%
Média	59,0%	41,0%	100,0%

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Gráfico 19 – Tempo de atuação profissional x preferência de direção



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Para verificar se havia alguma correlação entre a preferência de direção e o tempo de experiência profissional como TILS, foi realizado o teste de Spearman, que verifica a correlação entre duas variáveis qualitativas ordinais (para a preferência de direção, definimos 2 ordens – 0 = sem preferência, 1 = preferência por uma das direções (para L1 ou para L2) – e para o tempo de experiência como TILS, definimos 7 ordens – 1 a 2 anos = 1; 2 a 4 anos = 2; 4 a 6 anos = 6; ... mais de 12 anos = 12). O resultado para a correlação entre essas duas variáveis para os 111 respondentes do questionário prospectivos foi $r = -0,19368$, que representa uma correlação negativa fraca, e um $p = 0,042$, o que indica que houve significância estatística, ou seja, há uma tendência de que se reduza, com o aumento do tempo de experiência profissional, a preferência por alguma das direções, corroborando com a nossa hipótese de que, quanto maior a experiência dos TILS, menor seria a tendência de preferência de direção.

Apesar de não fazer parte das perguntas e hipóteses elaboradas para essa pesquisa, aplicamos o teste de correlação de Spearman para verificar uma possível correlação entre a preferência de direção entre os respondentes e as suas autoavaliações de proficiência em Libras, conforme mostra o Gráfico 2, apresentado na subseção 4.1. A correlação de Spearman entre a preferência de direção (0 e 1) e o nível de proficiência em Libras (de 1 a 7) não apresentou resultado significativo: $r = -0,14742$, que representa também uma correlação negativa fraca, e um $p = 0,061$, indicando ausência de significância estatística.

Nesse sentido, foi realizado o mesmo teste de correlação entre o tempo de experiência como TILS com a autoavaliação de proficiência em Libras. A correlação de Spearman entre o tempo de experiência como TILS (1, 2, 4, 6, 8, 10 ou 12) e o nível de proficiência em Libras (de 1 a 7) apresentou um resultado significativo: $r = -0,478048$, que representa uma correlação positiva moderada, e um $p < 0,001$, indicando significância estatística. A interpretação, neste caso, é que, quanto maior o tempo de experiência profissional, maior será o nível de autoavaliação em relação à proficiência em Libras.

5.2 ESTRATÉGIAS NAS DIREÇÕES LIBRAS→PT E PT→LIBRAS NO PROCESSO DE TRADUÇÃO INTERMODAL

Na seção 4.2 da análise qualitativa do experimento remoto, apresentamos os procedimentos e as estratégias utilizadas pelos participantes durante cada fase do processo tradutório (orientação, redação e revisão), nas direções Libras→PT e PT→Libras. Aqui, trataremos da síntese desse processo a fim de responder a seguinte pergunta: quais as estratégias

utilizadas pelos TILS menos experientes e pelos mais experientes na execução das tarefas de tradução intermodal?

A tradução intermodal é uma realidade entre os TILS e, apesar de não ser a atividade mais recorrente, existe uma crescente demanda principalmente no contexto educacional. Com o início da pandemia, no Brasil, no ano de 2020, muitas das atividades e das comunicações foram transformadas e disponibilizadas no formato assíncrono para facilitar o acesso de todos a qualquer tempo. Por conseguinte, a atuação dos TILS também sofreu impacto, demandando desses profissionais uma nova forma de atuação, seja com a interpretação simultânea de forma remota, seja com a gravação de traduções do português escrito para a Libras em vídeo e da Libras em vídeo para o português escrito, por exemplo.

Perguntamos aos respondentes do questionário prospectivo de perfil, conforme Gráfico 13, exposto na seção 4.1, se, em decorrência da pandemia, consideravam que a atuação com a tradução havia aumentado e 83,8% (93 respondentes) disseram que sim, aumentou. Perguntados em qual direção houve o aumento de demanda, 61,3% (57 respondentes) declararam que foi da sua L1 para sua L2 (tradução PT→Libras) e 29% (27 respondentes) declararam que a demanda de tradução aumentou em ambas as direções com a pandemia.

Entendendo que a tradução intermodal realmente acontece entre os TILS, aproveitamos do experimento remoto para observar e descrever de que maneira essa tradução acontece entre os TILS e se existe um padrão ou distinção nas estratégias utilizadas entre os participantes menos experientes e os mais experientes e quais são as suas impressões sobre a atividade de tradução nas direções Libras→PT e PT→Libras.

A tradução Libras→PT deste experimento consistiu na tarefa de tradução de um texto em Libras para o português escrito sobre o tema “manipulação”. As principais estratégias utilizadas e relatadas pelos participantes foram: i) assistir ao vídeo do TF mais de uma vez; ii) utilizar o apoio externo; e iii) observar a articulação labial realizada pelo autor (*mouthing*). A tarefa de tradução PT→Libras consistiu na tradução de um texto em português escrito para a Libras em vídeo, tendo a mesma temática de manipulação. As estratégias apontadas pelos participantes para a tradução PT→Libras foram: i) utilizar o apoio externo; ii) gravar em áudio o TF escrito (recodificação); e iii) utilizar o sinal [INFLUENCIAR] como substituto para a palavra “manipular”.

Sobre a estratégia de assistir ao vídeo do TF mais de uma vez na tradução Libras→PT, durante a fase de orientação, na qual o participante se prepara para iniciar a tradução de fato, observamos que os TILS mais experientes dedicaram mais tempo e com certo grau de

padronização. Os TILS mais experientes assistiram em média a 3 vezes o texto em vídeo antes de iniciar a tradução escrita. Os TILS menos experientes não apresentaram um padrão nessa fase, sendo que um dos participantes menos experientes (G2-P3) não assistiu ao vídeo do TF e já iniciou a tradução escrita de imediato; os demais assistiram entre 1 vez e 3 vezes. Na tradução PT→Libras, o tempo dedicado à leitura do TF em português não foi relatado pelos participantes como uma estratégia, mas observamos que os participantes mais experientes também se dedicaram mais a essa etapa em relação aos menos experientes. Esse dado coincide com o estudo de Jakobsen (2002, 2003) com tradutores intramodais vocais-auditivos, indicando que os tradutores expertos despendem mais tempo na fase de orientação em relação aos tradutores em formação.

Tabela 32 – Tempo assistindo/lendo o TF nas duas tarefas

Participantes	Tradução Libras→PT Tempo em segundos assistindo ao texto fonte	Tradução PT→Libras Tempo em segundos lendo o texto fonte
G1-P1	193	228
G1-P2	182	473
G1-P3	135	62
G1-P4	195	381
G2-P1	67	70
G2-P2	219	148
G2-P3	0	147
G2-P4	131	120

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Despender um pouco mais de tempo assistindo ao TF como estratégia na tradução Libras→PT, possivelmente contribuiu para a compreensão do texto e melhor desempenho na tradução de maneira geral. Este trabalho não tem como objetivo analisar o produto de tradução realizado pelos participantes, mas pudemos verificar que a ausência dessa fase, por exemplo, na tarefa do participante G2-P3, gerou uma perceptível dificuldade de compreensão de alguns sinais durante o experimento, cometendo inclusive um erro de significado na tradução, que, talvez, pudesse ter sido minimizado caso fossem observados os sinais no contexto geral.

Outra estratégia apontada pelos participantes nas duas direções de tradução foi valer-se do apoio externo para a solução de problemas encontrados. Alves, Magalhães e Pagano (2000) argumentam que a busca pelo apoio externo é considerada uma “operação envolvendo conhecimentos procedimentais, ou seja, estratégias sobre como e onde procurar soluções para informações não disponíveis” (ALVES, MAGALHÃES E PAGANO, 2000, p. 116). Ainda conforme os autores, essa capacidade de operar os instrumentos externos deve ser adquirida pelo tradutor.

Podemos observar na Tabela 33, adiante, que os participantes menos experientes realizaram mais pesquisas para a tradução Libras→PT, em relação aos mais experientes e, na tradução PT→Libras, o contrário acontece, pois os TILS mais experientes despendem mais tempo de pesquisa em relação aos menos experientes. Na direção Libras→PT, os participantes menos experientes G2-P1 e G2-P3 recorreram à consulta aos pares via WhatsApp para esclarecer dúvidas sobre alguns sinais específicos feitos pelo autor do TF, como, por exemplo, o sinal de manipulação. Apesar de pesquisarem o sinal de “manipulação em Libras” na internet, nenhum participante realizou o sinal sugerido, justificando não terem sentido confiança nas opções que estavam disponíveis, e utilizaram o sinal [INFLUENCIAR]²⁴ como alternativa. Alguns participantes experientes disseram que não realizaram pesquisas a respeito desse sinal prevendo que não encontrariam uma solução na internet. Na direção PT→Libras, as pesquisas externas se basearam na busca pelo significado e pelos sinônimos da palavra “tendenciosa”. Nessa direção, os participantes mais experientes dedicaram mais tempo com as pesquisas em relação aos menos experientes.

Foi percebido pelos relatos e pela observação dos procedimentos de tradução que existe uma dificuldade na direção Libras→PT para a pesquisa de sinais na internet, principalmente daqueles sinais de que o TILS não têm a referência do seu significado. Ainda são limitadas e pouco difundidas as opções de glossários e/ou sites na internet, nas quais o TILS pode inserir um parâmetro da Libras (configuração de mão, movimento e localização) e encontrar o significado do sinal que procura, como o exemplo do glossário²⁵ em Libras disponível no site da UFSC.

No caso do sinal de “manipulação”, os TILS mais experientes resolveram facilmente esse problema, pela compreensão contextual (macrotextual) e pelo apoio da articulação labial (*mouthing*). Já os TILS menos experientes, não encontrando uma forma de busca em sites da internet, recorreram ao apoio dos pares especialistas via WhatsApp. Dois participantes menos experientes, ao utilizarem da estratégia de observar a produção de *mouthing* do autor do TF, focaram na compreensão lexical (microtextual) e não alcançaram o efeito esperado, incidindo em um erro de tradução, indicando que o uso dessa estratégia pode requerer certo grau de *expertise* dos TILS e habilidades na percepção das expressões não manuais, adquiridas com a experiência ao longo do tempo.

²⁴ Mão esquerda em 1 com o dedo indicador, mão direita aberta com os dedos separados e curvados com movimento reto em direção à mão esquerda para frente e para trás.

²⁵ Disponível em: <https://glossario.libras.ufsc.br/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

Na Tabela 33, abaixo, temos o tempo despendido em apoio externo pelos grupos em cada direção.

Tabela 33 – Tempo em segundos despendido em apoio externo

Participantes	Tradução Libras→PT Tempo em segundos em apoio externo	Tradução Libras→PT Tempo em segundos em apoio externo
G1-P1	0	192
G1-P2	75	245
G1-P3	0	0
G1-P4	0	80
G2-P1	42	273
G2-P2	30	0
G2-P3	445	0
G2-P4	0	0

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

A utilização do apoio externo pode indicar que o participante se deparou com um problema a ser resolvido durante a tradução, mas pode também demonstrar a preocupação do tradutor com relação ao produto a ser entregue ao público, verificando as necessidades específicas dos usuários nas duas direções, buscando os melhores termos e cuidando dos detalhes da escrita e da produção de sinais, ou seja, aponta para uma característica desejável em relação à *expertise* na tradução que é a capacidade de melhor contextualização do TA para o respectivo público.

Na direção PT→Libras, uma estratégia utilizada pela maioria dos participantes foi a gravação em áudio do TF escrito. A recodificação do texto, como decidimos chamar nesta pesquisa, aproxima os TILS da experiência com a interpretação simultânea, na qual estão mais acostumados a atuar. Os principais motivos relatados pelos TILS menos experientes e mais experientes em realizar a recodificação foram:

- i) produção do TA com mais fluidez;
- ii) mais agilidade na produção do TA;
- iii) falta de prática em trabalhar com a tradução;
- iv) dificuldade em lidar com a modalidade do texto escrito;
- v) preocupação com a direção do olhar no momento da gravação em vídeo da produção do TA; e
- vi) falta de auxílio de um colega durante o processo.

Dos 8 TILS participantes do experimento, apenas 2 não realizaram a recodificação do texto, sendo eles TILS mais experientes. Perguntados sobre essa questão no protocolo verbal retrospectivo, um dos participantes que não realizou a recodificação disse que não sabia que

poderia ter utilizado esse recurso durante o experimento e que, se soubesse, teria feito para facilitar a produção do TA.

É oportuno frisar que nenhum participante foi informado ou induzido a realizar a recodificação, e os participantes que o fizeram agiram de forma espontânea. Antes de iniciar o experimento, todos os participantes foram orientados apenas que a tradução era para ser realizada de forma livre, sem pressão de tempo e da forma que eles normalmente realizam, sem interferências ou sugestões por parte da pesquisadora. O outro participante que também não fez a recodificação disse que preferiu seguir a forma como entendia que deveria ser feita a tradução, demandando leitura e estudo do TF, pesquisas externas e a preparação antes da produção final.

Não pretendemos (e não é objeto de pesquisa deste trabalho) responder se a estratégia de recodificação do texto para fins de tradução causa impactos negativos ou positivos no TA traduzido. O que observamos no experimento é que a recodificação na tradução PT→Libras implica um caráter de interpretação, configurando-se em um processo híbrido, mesclando aspectos do processo tradutório com aspectos da interpretação. Pesquisas que abordam as questões da tradução e da interpretação intermodal no par linguístico Libras-português, como as de Silvério *et al.* (2012) e Rodrigues (2018), reconhecem que a tradução na direção PT→Libras demanda diversos procedimentos aos TILS e, ao mencionarem esse tipo de tradução, denominam de *tradução-interpretação* para a Libras, evidenciando essa característica híbrida do processo.

A falta de formação e orientação sobre as ações e as estratégias empregadas no processo tradutório intermodal, principalmente na tradução PT→Libras, causa uma variação nos procedimentos utilizados pelos TILS, tanto para o grupo de menos experientes quanto aos mais experientes. Apesar de elencarmos algumas das estratégias utilizadas pelos participantes durante o experimento, não houve um padrão consistente seguido pelos grupos ou pelos participantes de forma geral. Cada participante se apropriou de uma ou mais estratégias conforme necessidade e de maneira idiossincrática.

5.3 ESFORÇO TEMPORAL E TÉCNICO NAS DIREÇÕES LIBRAS→PT E PT→LIBRAS NA TRADUÇÃO INTERMODAL

Nessa última subseção da discussão dos resultados, abordaremos a seguinte questão de pesquisa: qual o efeito da direcionalidade em situação de tradução intermodal entre TILS mais experientes e menos experientes em relação aos esforços temporal e técnico? Considerando a

variável experiência, formulamos a seguinte hipótese: haverá maior dispêndio de esforço temporal e esforço técnico para os TILS menos experientes nas duas direções.

Independente da modalidade das línguas envolvidas no processo de tradução, a direcionalidade exige do tradutor habilidades e competências específicas para lidar com cada direção de atuação, sendo que cada direção apresenta características específicas. Na tradução intermodal, a modalidade é um fator importante a ser considerado, pois influencia a direcionalidade.

Nesta pesquisa, para a tradução Libras→PT, o TILS lida com o TF na modalidade gestual-visual, exigindo compreensão das informações dispostas quadridimensionalmente em um discurso sinalizado que, embora registrado, não está escrito. A Libras é uma língua enriquecida com classificadores, exploração do uso do espaço, apontamentos e informações dispostas de forma simultânea e em movimento, cabendo ao TILS “desempacotar” e traduzir para o português escrito de forma estática. Além das dificuldades inerentes ao processo tradutório, os participantes relatam dificuldade ao lidarem com a produção e a estruturação do texto escrito e com a pouca prática nessa direção. Na tradução PT→Libras, o TILS trabalha com o TF em português escrito, estático, e deve traduzi-lo para a Libras de forma sinalizada, oral, além de lidar com todo o processo de gravação do TA.

O dispêndio de esforço temporal foi realizado a partir da contabilização do tempo gasto nas fases de orientação, redação e revisão de cada direção; e o dispêndio de esforço técnico foi feito a partir da contabilização do esforço mecânico aplicado em cada fase nas duas direções. As fases do processo de tradução (orientação, redação e revisão) foram compostas por etapas diferentes, considerando as especificidades de cada direção e a categorização foi baseada na proposta de Jakobsen (2002) para a tradução intramodal envolvendo apenas línguas vocais-auditivas.

A partir da análise qualitativa e quantitativa do esforço temporal, no Quadro 4, a seguir, apresentaremos uma síntese das principais observações do experimento remoto realizado nesta pesquisa. Para o dispêndio de esforço temporal, mesmo algumas evidências tendo sido apontadas, não houve diferenças significativas entre os grupos ou entre as fases a partir dos testes estatísticos.

Quadro 4 – Síntese do resultado das análises do esforço temporal

Esforço Temporal		
Fases do processo de tradução	Tradução Libras→PT	Tradução PT→Libras
Fase de Orientação	Os TILS mais experientes dedicaram mais tempo na fase de orientação em relação aos menos experientes.	Os TILS mais experientes dedicaram mais tempo na fase de orientação em relação aos menos experientes.
Fase de Redação	Os dois grupos de TILS despenderam mais tempo na fase de redação em relação às fases de orientação e de revisão.	Não houve padrão ou diferença significativa entre os grupos de TILS na fase de redação.
Fase de Revisão	Os TILS mais experientes dedicaram menos tempo na fase de revisão em relação aos menos experientes.	Não houve padrão ou diferença significativa entre os grupos de TILS na fase de revisão.
Dispêndio total	De forma geral os dois grupos de TILS despenderam mais tempo no processo de tradução Libras→PT.	De forma geral os dois grupos de TILS despenderam menos tempo no processo de tradução PT→Libras.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Podemos observar, no anterior Quadro 4, que, de forma geral, os dois grupos de TILS despenderam mais tempo no processo de tradução Libras→PT. Esse resultado é interessante, pois a tradução PT→Libras possui uma maior quantidade de etapas e a manipulação de mais recursos tecnológicos para a produção do TA. Porém, como relatado pela maioria dos participantes, a tradução Libras→PT exigiu maior esforço pela dificuldade em lidar com a produção e com a estruturação do texto escrito em português. Já na tradução PT→Libras, foi possível usar estratégias para aproximar a tradução da interpretação simultânea, prática mais usual entre os TILS. Essa diferença no dispêndio de esforço temporal mostra o efeito da direcionalidade na tradução intermodal para o perfil de TILS participantes desta pesquisa. Todos os dados apresentados no Quadro 4 são tendências observadas a partir dos dados brutos em cada fase e em cada direção, não havendo significância estatística entre os dados.

No Quadro 5, a seguir, fizemos o mesmo tipo de síntese para observarmos os principais dados do esforço técnico despendido pelos grupos de TILS. No esforço técnico, temos o esforço mecânico de ações de produção e/ou apagamentos durante o processo de tradução Libras→PT e PT→Libras. Durante cada fase, os caracteres na tradução Libras→PT e os sinais na tradução PT→Libras foram contabilizados e, com isso, tendências foram apontadas. Contudo, apenas o seguinte dado foi estatisticamente confirmado: i) Na tradução PT→Libras, os TILS mais experientes produziram uma maior quantidade de sinais no TA em relação aos menos experientes.

Quadro 5 – Síntese do resultado das análises do esforço técnico

Esforço Técnico			
Tradução Libras→PT		Tradução PT→Libras	
CARD total de caracteres apagados na fase de redação	Os dois grupos de TILS apresentaram maior ação de apagamento na fase de redação.	SRd total de sinais produzidos na fase de redação	Os TILS mais experientes produziram uma maior quantidade de sinais na fase de redação em relação aos menos experientes.
CARv total de caracteres apagados na fase de revisão	Os TILS mais experientes realizaram menos ações de revisões em relação aos menos experientes.	SRv total de sinais produzidos na fase de revisão	Os dois grupos de TILS não apresentaram diferenças significativas de produção na fase de revisão
CTA total de caracteres do texto alvo	Maior produção de caracteres no TA pelos TILS mais experientes em relação aos menos experientes.	STA total de sinais do texto alvo	Os TILS mais experientes produziram uma maior quantidade de sinais no TA em relação aos menos experientes. (confirmado estatisticamente)
Total de caracteres	Maior ação de produção/edição total de caracteres pelos TILS mais experientes em relação aos menos experientes	Total de sinais	Maior produção no total de sinais pelos TILS mais experientes em relação aos menos experientes

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Vimos que os dados se comportam de maneira diferente entre as duas direções, indicando os efeitos da direcionalidade sobre a tradução. A hipótese de que os TILS menos experientes despenderiam mais esforço técnico e temporal nas duas direções não foi corroborada. Inclusive, os dados apontaram que os TILS mais experientes despenderam mais esforço, principalmente na tradução PT→Libras com a produção do TA, realizando uma maior quantidade de sinais em relação aos menos experientes.

5.4 PROPOSTA EXPLORATÓRIA DE PARAMETRIZAÇÃO DO ESFORÇO TEMPORAL E TÉCNICO

Nas análises qualitativa e quantitativa deste trabalho, realizamos a divisão do processo tradutório nas fases de orientação, redação e revisão, conforme Jakobsen (2002). Com as fases delimitadas, realizamos então um mapeamento dos indicadores de esforço temporal e técnico, adaptando para a tradução a proposta para a pós-edição apresentada por Krings (2001). Definimos, como medida de esforço temporal, o tempo total despendido em cada fase e em cada direção.

Como dito anteriormente, para o esforço técnico, as medidas foram definidas separadamente para a tradução Libras→PT e para a tradução PT→Libras, devido às diferenças

de modalidade entre as línguas e os produtos dos TA. Para a métrica do esforço técnico na tradução Libras→PT, foram consideradas as ações de produção e edição como medidas, sendo elas: i) total de caracteres produzidos no TA (CTA); ii) caracteres apagados na fase de redação (CARd); e iii) caracteres apagados na fase de revisão (CARv). Para calcularmos o total de caracteres, definimos a fórmula $2x \text{ CARd} + 2x \text{ CARv} + \text{CTA}$. Para a tradução PT→Libras, as medidas para a quantificação do esforço técnico foram: i) total de sinais produzidos no TA (STA); ii) total de sinais produzidos na fase de redação (SRd); e total de sinais produzidos na fase de revisão (SRv). Para calcularmos o total de sinais, consideramos a soma de SRd + SRv, considerando que no valor de SRv e, em alguns casos, o de SRd inclui também os sinais do TA.

Com isso, tivemos um esforço temporal e técnico digamos que “fracionado”, levando em consideração o dispêndio de esforço nas fases do processo tradutório. A fim de possibilitar algum tipo de comparação e metrificação de forma mais generalizada entre o esforço temporal e técnico, levando em consideração as diferenças entre as modalidades das línguas envolvidas, elaboramos uma proposta exploratória de definição métrica com o objetivo de parametrizar as medidas de esforço temporal (ETp) e esforço técnico (ETc) de forma ponderada e coerente com as tarefas tradutórias em foco.

Para o esforço temporal e para o esforço técnico nas direções Libras→PT e PT→Libras, criamos fórmulas ponderadas a partir de um conjunto de esforços despendidos para além das fases de orientação, redação e revisão. O cálculo do esforço temporal ($\text{RTTM} + \text{RTPF} = \text{ETp}$) foi formado pela relação entre o tempo total de cada participante e o maior tempo despendido na tarefa (RTTM) somada à relação de tempo ponderado das fases (RTPF). O cálculo do esforço técnico na tradução Libras→PT ($\text{REMD} \times \text{REAE} = \text{ETcTLP}$) foi formado pela relação de esforço mecânico de digitação (REMD) multiplicado pelo valor da relação de esforço de busca de auxílio externo (REAE) e o cálculo do esforço técnico na tradução PT→Libras ($\text{REMS} \times \text{REAE-i} = \text{ETcTPL}$) é formado pela relação de esforço mecânico de sinalização (REMS) multiplicado à relação de esforço de busca de auxílio externo, de gravações de áudio e de sinalizações (REAE-i). Foram aplicados testes estatísticos aos resultados do esforço temporal (ETp) e do esforço técnico (ETc), separadamente, e, em nenhum dos casos, houve diferenças significativas entre as amostras.

Após os cálculos do esforço temporal (ETp) e do esforço técnico (ETc) de forma isolada, criamos uma proposta de parametrização para a síntese dos esforços temporal e técnico (ETT). Desse modo, considerando que, a partir da ponderação realizada, os valores dos dois parâmetros de esforço apresentam grandezas próximas, decidimos propor a síntese de ambos pela seguinte

equação: $ETT = ETp + ETc$. Com isso, aplicamos um teste de correlação a fim de comparar essa proposta de síntese de esforços entre as duas direções para todos os participantes conjuntamente. Para o grupo de menos experientes não foi encontrado um padrão recorrente e, com relação aos mais experientes, foram apresentadas poucas evidências em termos de análise dos fenômenos observados. Portanto, não podemos afirmar que haja um padrão comum nesse último grupo, havendo a necessidade de análises mais aprofundadas e de estudos com maior número de participantes a fim de se obterem dados que apontem de forma mais consistente e confiável possíveis padrões e tendências. Os resultados apresentados no decorrer das análises, considerando a limitação dos dados, reforçam a hipótese de que não há um padrão consistente entre os participantes, que parecem ter tido uma formação muito limitada ou reduzida em relação às atividades de tradução, seja Libras→PT ou PT→Libras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebendo que a tradução intermodal no par linguístico Libras-português é uma demanda existente nas funções exercidas pelos TILS no Brasil, esta pesquisa se propôs a investigar, de forma empírico-experimental, a influência da direcionalidade e de alguns outros fatores no processo tradutório intermodal. Adicionamos a variável experiência, para observarmos preferências, estratégias, padrões e/ou distinções, comportamentos e tendências realizadas pelos TILS menos experientes e pelos mais experientes no contexto de tradução Libras→PT e de tradução PT→Libras.

O objetivo geral desta pesquisa foi atingido com a aplicação do experimento de forma remota, solicitando aos grupos de TILS que realizassem duas tarefas: uma tradução na direção Libras→PT e uma tradução na direção PT→Libras. Os resultados foram desenvolvidos a partir da observação do processo tradutório, da análise dos dados produzidos e das verbalizações dos participantes no protocolo verbal retrospectivo. Os objetivos específicos também foram alcançados, uma vez que investigamos se, para as tarefas de tradução intermodal, haveria uma tendência de preferência de direcionalidade entre os TILS menos experientes e os mais experientes; analisamos e descrevemos o uso de estratégias tradutórias intermodais nas direções Libras→PT e PT→Libras; mapeamos os indicadores de esforços temporal e técnico durante as tarefas de tradução intermodal Libras→PT e PT→Libras; e elaboramos uma proposta exploratória de definição métrica do esforço temporal e técnico na tradução intermodal.

Para tanto, com a intenção de alcançar os objetivos supracitados, as seguintes perguntas de pesquisa foram propostas: i) assim como na interpretação, na tradução intermodal do par linguístico Libras-português, haveria uma tendência de preferência de direcionalidade?; ii) em que medida a preferência de direcionalidade se correlaciona com a experiência profissional do TILS?; iii) quais as estratégias utilizadas pelos TILS na execução das tarefas de tradução intermodal?; iv) qual o efeito da direcionalidade em situação de tradução intermodal entre TILS menos experientes e mais experientes em relação ao esforço temporal e técnico? As hipóteses vinculadas às perguntas são: i) diferentemente da tendência observada na tradução intramodal com as línguas vocais-auditivas, a maioria dos TILS preferirá realizar a tradução do português para a Libras; ii) quanto maior a experiência dos TILS, menor será a tendência de preferência de direção; e iii) haverá maior dispêndio de esforço temporal e técnico para os TILS menos experientes nas duas direções.

Para responder a primeira pergunta, se, assim como na interpretação, na tradução intermodal do par linguístico Libras-português haveria uma tendência de preferência de direcionalidade, utilizamos as respostas dos 111 respondentes que indicaram no questionário prospectivo de perfil ter como a sua L1 o português e a como L2 a Libras. A pergunta realizada foi: em qual direção você prefere traduzir? Como resultado tivemos 52,3% (58 respondentes) indicando preferir traduzir da sua L1 para sua L2, ou seja, a tradução PT→Libras. Os demais respondentes, 36,9% (41 respondentes) indicaram não ter preferência de direção para traduzir e 10,8% (12 respondentes) indicaram preferir traduzir da sua L2 para sua L1, ou seja, a tradução Libras→PT. Dessa forma, nossa hipótese foi corroborada indicando que, diferentemente da tendência observada na tradução intramodal com línguas vocais-auditivas, a maioria dos TILS preferirá realizar a tradução na direção PT→Libras.

As respostas dos 111 respondentes que disseram ter como a sua L1 o português e como a sua L2 a Libras no questionário prospectivo de perfil também foram utilizadas para discutir a segunda pergunta de pesquisa, que foi a seguinte: em que medida a preferência de direcionalidade se correlaciona com a experiência profissional do TILS. Para isso, separamos os respondentes pelo tempo de experiência (1 a 2 anos; 2 a 4 anos; 4 a 6 anos; 6 a 8 anos; 8 a 10 anos; 10 a 12 anos; mais de 12 anos) com o tipo de preferência (preferência por alguma direção ou sem preferência) indicado no questionário. Em seguida, para verificar se existia uma correlação entre as variáveis, quantificamos e aplicamos o teste de correlação de Spearman.

Conforme discutido e apresentado na subseção 5.1, o resultado para a correlação entre essas duas variáveis para os 111 respondentes do questionário apresentou uma significância estatística, ou seja, há uma tendência de que se reduza, com o aumento do tempo de experiência profissional, a preferência por alguma das direções, corroborando assim com a nossa hipótese de que, quanto maior a experiência dos TILS, menor seria a tendência de preferência de direção.

Para responder a terceira pergunta de pesquisa, sobre quais as estratégias utilizadas pelos TILS na execução das tarefas de tradução intermodal nas direções Libras→PT e PT→Libras, utilizamos os dados do experimento remoto realizado com TILS selecionados por meio do questionário prospectivo de perfil. Participaram do experimento remoto quatro TILS com experiência profissional de quatro a seis anos de atuação, considerados menos experientes, e quatro TILS com experiência profissional de mais de 12 anos de atuação, considerados mais experientes.

Para que tivéssemos um perfil de participantes razoavelmente homogêneo, selecionamos os participantes que declararam: i) ter a tradução e a interpretação de Libras-

português como a principal atividade profissional; ii) ter experiência com a tradução no par linguístico Libras-português e com trabalho de tradução publicado em sites oficiais ou na grande mídia; iii) possuir certificado de proficiência emitido pelo Ministério da Educação (ProLibras) ou avaliação de proficiência emitido por instituições de ensino superior ou instituições credenciadas por Secretarias de Educação ou bacharelado em Letras-Libras; e iv) ter o português como L1 e a Libras como L2.

Os TILS menos experientes e os mais experientes selecionados, realizaram as tarefas de tradução Libras→PT e de tradução PT →Libras em contexto de interação remota e, ao finalizarem as traduções, responderam ao protocolo verbal retrospectivo semiguiado. Pelo protocolo verbal retrospectivo e por observações da gravação, conseguimos elencar as principais estratégias para cada direção. Para a tradução Libras→PT, tivemos as seguintes estratégias: i) assistir ao vídeo do TF mais de uma vez; ii) utilizar apoio externo; e iii) observar a articulação labial realizada pelo autor (*mouthing*). Para a tradução PT→Libras, tivemos como procedimento: i) utilizar o apoio externo; ii) gravar em áudio o TF escrito (recodificação); e iii) utilizar o sinal [INFLUENCIAR] como sinônimo para a palavra “manipular”. Todas as estratégias mencionadas foram verbalizadas pelos TILS durante o protocolo verbal retrospectivo, mas não necessariamente utilizadas por todos os participantes. Dessa maneira, pudemos perceber que os TILS menos experientes e mais experientes do experimento apresentaram um comportamento errático em relação ao uso dessas estratégias. Não conseguimos verificar um padrão entre os participantes e/ou entre as direções Libras→PT e PT→Libras.

Quanto à última pergunta proposta para esta pesquisa, sobre qual o efeito da direcionalidade em situação de tradução intermodal entre TILS menos experientes e mais experientes em relação ao esforço temporal e técnico, partimos da hipótese de que haveria maior dispêndio de esforço temporal e técnico para os TILS menos experientes nas duas direções. Após as análises qualitativas e quantitativas do esforço temporal e técnico, observamos que houve indícios de que a direcionalidade influenciou no esforço temporal e no esforço técnico, perpassada pela intermodalidade que envolve o processo tradutório. Observando os dados de forma bruta (sem confirmações estatísticas), verificamos um maior esforço temporal para os dois grupos na tradução Libras→PT em comparação com a tradução PT→Libras. Isso ocorreu possivelmente pela falta de prática dos TILS com a tradução na direção Libras→PT, pela dificuldade em lidar com o TA na forma escrita em português e pela falta de formação especialmente da tradução na modalidade escrita.

Na tradução PT→Libras, percebeu-se uma maior automatização dos processos, muito por influência da prática com a interpretação simultânea. Em relação ao esforço técnico, com base nos dados brutos, observamos que os TILS mais experientes tiveram maior dispêndio de esforço técnico nas duas direções, ou seja, na tradução Libras→PT os TILS mais experientes tiveram mais ações totais de produção/edição de caracteres em relação aos menos experientes e na tradução PT→Libras os participantes mais experientes tiveram uma maior produção total de sinais em relação aos menos experientes. Dessa forma, nossa hipótese de que haveria maior dispêndio de esforço temporal e técnico para os TILS menos experientes nas duas direções não foi corroborada e os resultados indicaram uma tendência oposta à hipótese.

Ainda nesse sentido, ao entendermos das diferenças de modalidades e a desproporcionalidade em comparar as medidas (caracteres e sinais) de uma direção para outra, realizamos, por fim, uma proposta exploratória de métrica para os esforços temporal e técnico para a tradução intermodal, incluindo outros procedimentos que envolveram o processo tradutório, com o objetivo de verificar tais esforços de forma ponderada e possivelmente comparáveis entre si. Para isso, definimos padrões métricos ponderados entre as medidas, com base na suposta diferença na intensidade de esforço em cada fase do processo tradutório (orientação, redação e revisão).

Foram aplicadas as fórmulas propostas e extraídos os valores das médias e medianas para cada grupo e para cada direção no esforço temporal e no esforço técnico. A partir disso, os resultados dos testes estatísticos do esforço temporal e do esforço técnico não apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre as direções ou entre os grupos. Foi realizada também uma proposta de parametrização da síntese do esforço temporal e esforço técnico e, após os testes estatísticos, não houve novamente diferenças estatísticas entre os grupos e as direções.

Consideramos aqui algumas hipóteses para os testes estatísticos aplicados à nossa proposta não apresentarem diferenças significativas: i) as ponderações da proposta exploratória de definição métrica podem não ser teoricamente confirmadas, carecendo de maiores reflexões e possíveis refinamentos; ii) o padrão dos participantes não criou uma distinção de comportamento entre as direções de tradução ou entre os grupos de participantes que pudesse gerar uma diferença estatística; iii) os textos fonte selecionados podem não ter sido complexos o suficiente para que emergisse uma distinção entre os grupos; e/ou iv) ao atingirem um certo nível de *expertise*, possivelmente não exista uma diferença de desempenho entre as direções, não apresentando um efeito de direcionalidade esperado entre os grupos e os participantes.

Sugerimos que pesquisas futuras possam aprimorar e testar para, assim, validar ou contestar a exploração realizada neste trabalho, contribuindo para novas análises.

Ressaltamos nossas limitações em relação ao quantitativo de participantes do experimento e, em se tratando de uma pesquisa empírico-experimental, este trabalho não pretende fazer generalizações e/ou afirmações. Sobre os resultados apresentados, são indícios de tendências a partir das análises qualitativas, análises quantitativas e da aplicação de testes estatísticos. Sobre nossas propostas de parametrização do esforço temporal e técnico, se trata de uma proposta exploratória experimental, pensada para os objetivos deste trabalho, podendo ser discutida e aplicada, com os devidos aprimoramentos, em pesquisas futuras.

Destacamos que este trabalho foi inicialmente pensado para ser desenvolvido presencialmente no Laboratório Experimental de Tradução – LETRA da UFMG, com o uso de tecnologias de captação de dados, como o equipamento de rastreamento ocular Tobii *EyeTracker TX 300*, seu respectivo software, *Tobii Studio*, e o programa de monitoramento de teclado e mouse *Translog II*. Porém, com a pandemia, algumas limitações nos foram impostas como a adaptação da pesquisa para o contexto remoto e a contabilização dos dados que eram possíveis ser cotejados de forma manual. Outra dificuldade encontrada para esta pesquisa foi a indisponibilidade dos participantes diante de tantas demandas geradas no início da pandemia. Participar de uma pesquisa experimental requer tempo e disponibilidade do participante em ser observado e gravado e, mesmo com os acordos éticos esclarecidos, tivemos dificuldade principalmente com o retorno dos TILS menos experientes para a participação voluntária na pesquisa, causando, assim, uma redução no quantitativo total de participantes.

Em síntese, foi possível observar, nesta pesquisa, que traduzir, por si só, ainda é uma tarefa desafiadora para os TILS, independentemente do tempo de experiência de atuação na área. Traduzir, especialmente para a direção Libras→PT, envolvendo um texto sinalizado, oral, que contém informações quadrimensionais, enriquecidas com classificadores, exploração espacial, entre outros, para um texto um texto escrito, estático e linear, demanda habilidades e, como observado por Rodrigues (2018), é necessária, nos cursos de formação, uma preparação para o desenvolvimento da competência tradutória intermodal para que os TILS lidem melhor com os efeitos da modalidade e, neste caso, interseccionados pela direcionalidade. Essa dificuldade com a tradução e mais especificamente com a tradução na direção Libras→PT foi relatada pelos participantes do experimento remoto por meio do protocolo verbal retrospectivo e comentado no questionário prospectivo de perfil por alguns respondentes.

Traduzir para a direção PT→Libras, além de ser a direção declarada como a preferida entre os TILS respondentes e participantes desta pesquisa, é a direção em que relataram se sentir mais confortáveis ao traduzir. Porém, nessa direção de tradução, TILS conseguem pela estratégia da recodificação (gravação em áudio do texto escrito), aproximar a tradução da interpretação simultânea, com a qual já estão mais acostumados, causando um efeito de “familiaridade” com o processo tradutório.

Percebemos, no decorrer desta pesquisa empírico-experimental, com a aplicação do questionário prospectivo de perfil, com os relatos do protocolo verbal retrospectivo e com os resultados apontados, que existe uma lacuna na formação dos TILS em relação aos aspectos e aos procedimentos da tradução intermodal, corroborando os argumentos de Rodrigues (2019). Apesar de algumas amostras indicarem tendências e outras serem confirmadas estatisticamente, de maneira geral, os TILS menos experientes e os mais experientes não apresentaram padrões consistentes e recorrentes, ou seja, apresentaram um comportamento errático no processo de tradução Libras→PT e PT→Libras.

Esperamos que o trabalho desenvolvido possa contribuir com o recente campo em ascensão dos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais – ETILS e com futuras pesquisas empírico-experimentais, gerando novos desdobramentos e análises sobre a direcionalidade na tradução intermodal que ainda está incipiente. Sabemos que lançamos luz a explorações iniciais; então, que possamos caminhar para o aprofundamento dessas e outras discussões sobre o processo tradutório intermodal com o abordagem teórico-metodológica experimental.

REFERÊNCIAS

- ALVES, F. A formação de tradutores a partir de uma abordagem cognitiva: reflexões de um projeto de ensino. *TradTerm*, 4(2), p. 19-40, 1997.
- ALVES, F. A triangulação como opção metodológica em pesquisas empírico-experimentais em tradução. In: PAGANO, A. (org.) *Metodologias de Pesquisa em Tradução*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, p. 69-92, 2001.
- ALVES, F. O processo de tradução. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, vol.2, n.10, 2002.
- ALVES, F. Tradução, cognição e contextualidade: triangulando a interface processo produto no desempenho de tradutores novos. *D.E.L.T.A.*, v. 19 – especial, p. 71-108, 2003.
- ALVES, F. Tradução, cognição e tecnologia: investigando a interface entre o desempenho do tradutor e a tradução assistida por computador. *Cadernos de tradução*, 2(14), p. 185-209, 2004.
- ALVES, F. Um modelo didático do processo tradutório: a integração de estratégias de tradução. In: Alves, F.; Magalhães, C.; Pagano, A. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. – 4.ed. – São Paulo: *Contexto*, 2011.
- ALVES, F.; GONÇALVES, J. L. Modelling translator's competence: relevance and expertise under scrutiny. In: GAMBIER, Y.; SCHELENSIGER, M.; STOLZE, R. (Ed.). *Translation studies: doubts and directions*. Amsterdam: *John Benjamins*. p. 41-55, 2007.
- ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. – 4.ed. – São Paulo: *Contexto*, 2011.
- AVELAR, Thaís Fleury. Análise da tradução intermodal de texto acadêmico do português escrito para a Libras em vídeo. 218 f. *Tese (Doutorado)* - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2020.
- BRASIL, Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Portal da Legislação, Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004/2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 15 jan. 2020.
- BRASIL, Lei 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Portal da Legislação, Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 15 jan. 2020.
- BRASIL. Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Portal da Legislação, Brasília, 2010. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm. Acesso em: 15 jan. 2020.
- BELL, R. T. (1991). *Translation and Translating*. London/New York: *Longman*. 1991.
- CAMPBELL, S. *Translation into the Second Language*. London: *Longman*. 1998

CRASBORN, O. A. A linguistic analysis of the use of the two hands in sign language poetry. *Linguistics in the Netherlands*, 23(1), p. 65-77, 2006.

DOS SANTOS, J. C. Interpretação individual e em equipe: análise de perfil de tradutores e intérpretes de língua de sinais e uma proposta de estudo experimental. 124 f. *Dissertação (Mestrado)* – Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem, 2020.

ERICSSON, K. A.; CHARNESSE, N. Cognitive and developmental factors in expert performance. In: feltovich, p.; ford, k. m.; hoffman, r. r. (Ed.). *Expertise in context: human and machine*. Cambridge: MIT Press, 1997.

FERREIRA, A. Direcionalidade na tradução: uma investigação do processamento cognitivo de tradutores profissionais em tradução direta e inversa no par linguístico inglês-português. 137 f. *Dissertação (Mestrado)* – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

FERREIRA, A. Direcionalidade em tradução: O papel da subcompetência bilíngue em tarefas de tradução L1 e L2. 164 f. *Tese (Doutorado)* – Programa de Pós -Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

FERREIRA et al. Esforço cognitivo no desempenho em tradução direta e inversa: uma percepção a partir da tecnologia de rastreamento ocular. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 36, n. 3, p. 60-80, 2016.

FERREIRA, J. G. D. Os Intérpretes Surdos e o Processo Interpretativo Interlíngue Intramodal Gestual-visual da ASL para Libras. 135 f. *Dissertação (Mestrado)*. Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis, UFSC, 2019.

FONSECA, N. B de L. Pós-edição monolíngue: uma análise de indicadores do dispêndio de esforço temporal, técnico e cognitivo. 231 f. *Tese (Doutorado)*. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

FONSECA, N. B. L.; GONÇALVES, J. L. V. R; OLIVEIRA, P. Z. L. V. Investigando o esforço cognitivo, o conhecimento sobre tradução e a satisfação na tradução Libras-português. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 39, n. 3, p. 20-49, set. 2019.

GERLOFF, P.A. From French to English: a look at the translation processes in students, bilinguals, and professional translators. [*Ph.D. thesis*]. Harvard University. Microfilms International. 1988.

GOLLAN, T. H.; MONTOYA, R. I.; WERNER, G. A. Semantic and letter fluency in Spanish-English bilinguals. *Neuropsychology*, v.16, p. 562-576, 2002.

GONÇALVES, J. L. V. R. Pesquisas empírico-experimentais em tradução: os protocolos verbais. In: PAGANO, A. S. Metodologias de pesquisa em tradução. Belo Horizonte: *FALE-UFMG*. p.13-39, 2001.

GÖPFERICH, S.; JÄÄSKELÄINEN, R. Process research into the development of translation competence: Where are we, and where do we need to go? *Across Languages and Cultures*, 10(2), p. 169–191, 2019.

- HÖNIG, H.G. Wissen Übersetzer eigentlich, was sie tun? *Lebende Sprachen*. p. 10-14, 1988.
- HURTADO ALBIR, A. Translation and translation competence. In: HURTADO ALBIR, A. (Ed.). *Researching translation competence by PACTE group*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2017. cap. 1, p. 3-33.
- HURTADO ALBIR, A.; ALVES, F. Translation as a cognitive activity. In: MUNDAY, J. (Ed.). *The routledge companion to translation studies*. London: Routledge, 2009. cap. 4, p. 54-73
- JÄÄSKELÄINEN, R. Translation assignment in professional vs. non-professional translation: A think-aloud protocol study. In: C. Séguinot (ed.). *The translation process*. Toronto: HG Publications, p.87-98, 1989.
- JAKOBSEN, A. L. Translation drafting by professional translators and by translation students. In: HANSEN, G. (Ed.). *Empirical translation studies: process and product*. Copenhagen: Samfundslitteratur, v. 27, p. 191-204, 2002.
- JAKOBSEN, A. L. Effects of think aloud on translation speed, revision and segmentation. In: ALVES, F. (Ed.). *Triangulating translation: perspectives in process oriented research*. Amsterdam: John Benjamins.v. 45, p. 69-95, 2003.
- JENSEN, K. T. H. Indicators of text complexity. *Copenhagen Studies in Language*, Copenhagen, v. 37, p. 61-80, 2009.
- KIRALY, D. Pathways to translation. Pedagogy and process. *Kent: Kent State University Press*. 1995.
- KRINGS, Hans. Repairing texts: empirical investigations of machine translation Post-editing processes. Tradução de G. S. Koby; G. M. Shreve; K. Mischericow; S. Litzer. Kent, Ohio, *London: Kent State University Press*, 2001.
- KRINGS, H. P. Was in den Kiipfen von Übersetzern vorgeht: eine empirische Untersuchung zur Struktur des Übersetzungsprozesses an fortgeschrittenen Französischlernern. *Tübingen: Narr*. 1986.
- KÖNIGS, F. G. Was beim Übersetzen passiert. Theoretische Aspekte, empirische Befunde und praktische Konsequenzen. *Die Neueren Sprachen* 86/2. p.162-185. 1987.
- KUSSMAUL, P.; TIRKKONEN-CONDIT, S. Think-Aloud Protocol Analysis in Translation Studies. *TTR: traduction, terminologie, rédaction*, v. 8, n. 1, p. 177-199, 1995.
- LACERDA, C. B. F. de; GURGEL, T. M. A. Perfil de tradutores-intérpretes de Libras (TILS) que atuam no ensino superior no Brasil. *Rev. bras. educ. espec.*, Marília, v. 17, n. 3, p. 481-496, Dez. 2011.
- LIPARINI CAMPOS, T. O efeito da pressão de tempo na realização de tarefas de tradução: uma análise processual sobre o desempenho de tradutores em formação. 2005. 191f. *Dissertação (Mestrado)* – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- LÖRSCHER, W. Translation Performance, Translation Process and Translation Strategies: A Psycholinguistic Investigation, Tübingen: *Gunter Narr*, 1991.

- LÖRSCHER, W. A psycholinguistic analysis of translation processes. *META*, p. 26–32, 1996.
- LOURENÇO, G. A interpretação simultânea Libras-português: diferenças morfosintáticas entre as línguas e seus efeitos em uma tarefa de interpretação-voz. PUC-Rio, *Tradução em Revista*, 24, 2018.
- LOURENÇO, G. Investigando a produção de construções de interface sintático gestual na interpretação simultânea intermodal. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 319-353, out. 2015.
- MCBURNEY, S. L. Pronominal reference in signed and spoken language: Are grammatical categories modality-dependent? In: MEIER, R. P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. *Modality and structure in signed and spoken languages*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 329-369, 2004.
- NAPIER, J. M.; ROHAN, M.; SLATYER, H. Perceptions of bilingual competence and preferred language direction in Auslan/English interpreters. *Journal of Applied Linguistics*, 2 (2), pp. 185-218, 2005.
- NEWMARK, P. *A Textbook of Translation*. Hertfordshire: Prentice Hall. 1988.
- NICODEMUS, B.; EMMOREY, K. Direction asymmetries in spoken and signed language interpreting. *Bilingualism: Language and Cognition*, 16 (3), p. 624-636, 2013.
- NICODEMUS, B.; EMMOREY, K. Directionality in ASL-English interpreting: accuracy and articulation quality in L1 and L2. *Interpret. Int. J. Res. Pract. Interpret.* 17, p. 145–166, 2015.
- O'BRIEN, S. Teaching post-editing: a proposal for course content. In: EAMT WORKSHOP TEACHING MACHINE TRANSLATION, 6, 2002, Manchester, UK. *Proceedings...* Manchester, UK: EAMT, p. 99-106, 2002.
- PAVLOVIĆ, N. Directionality in collaborative translation processes: A study of novice translators. 231 f. *Tese (Doutorado)* – Universitat Rovira i Virgili, Tarragona. 2007.
- PAVLOVIĆ, N.; JENSEN, K. T. H. Eye tracking translation directionality. In: PYM, A.; PEREKRESTENKO, A. (Ed.). *Translation Research Projects 2*, Tarragona: Intercultural Studies Group, v. 2. p. 93-109, 2009.
- PAVLOVIĆ, T. Exploring Directionality in Translation Studies. *Explorations in English Language and Linguistics (ExELL)*. v1. p. 149-165, 2013.
- PRUNČ, E. Sloščina in jezikovna enakopravnost v mednarodini komunikaciji. *Slavistična revija*, 45(3-4), p. 547-557, 1997.
- POKORN, N. K. Translation into a non-mother tongue: Challenging the Traditional Axioms. *University of Ljubljana*, 2005.
- RODRIGUES, C. A Abordagem Processual no Estudo da Tradução: uma meta-análise qualitativa. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 10, p. 23-57, jan. 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6143/5701>>

RODRIGUES, C. H. A interpretação para a língua de sinais brasileira: efeitos da modalidade e processos inferenciais. 2013. 246 f. *Tese (Doutorado)* – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

RODRIGUES, C. H. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 57, n. 1, p. 287-318, 2018.

RODRIGUES, C. H. Translation and Signed Language: Highlighting the visual-gestual Modality. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, vol.38, n.2, p.294-319, 2018.

RODRIGUES, C. H. O corpo de disciplinas de tradução na formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais no Brasil: conteúdos, carga horária e competências. *Belas Infêis*, Brasília, Brasil, v.8, n.1, p. 145-162, 2019.

RODRIGUES, C. H.; BEER, H. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente? *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 17-45, 2015.

SANTOS, W. M. dos. A Tradução Português-Libras em debates políticos televisionados no Brasil: intermodalidade e competência interpretativa. 164f. *Dissertação (Mestrado)* – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

SÉGUINOT, C. The Translation Process: An Experimental Study'. In: Séguinot, C. (ed.) *The Translation Process*, Toronto: H.G. Publications, 21–53, 1989.

SEHYR, Z. S.; GIEZEN, M. R.; EMMOREY, K. (2018). Comparing semantic fluency in American sign language and English. *The Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 23(4), p. 399-407, 2018.

SHREVE, G. M. The deliberate practice: translation and expertise. *Journal of Translation Studies*, Hong Kong, v. 9, n. 1, p. 27-42, 2006.

SILVA, V.T.C. Direcionalidade na pesquisa empírico-experimental em interpretação intermodal entre Libras e português. 201 f. *Dissertação (Mestrado)* - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

SILVA, D.; FERNANDES, S. O tradutor intérprete de língua de sinais (TILS) e a política nacional de educação inclusiva em contextos bilíngues para surdos: um estudo da realidade da rede pública estadual paranaense. *Revista Educação Especial*, 31(60), p. 35-50, 2018.

SILVÉRIO, C. C. P. et al. Reflexões sobre o processo de tradução-interpretação para uma língua de modalidade espaço-visual. *Anais do Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa*. Florianópolis: PGET UFSC, 2012. p. 01-07

Tirkkonen-Condit, S. Professional vs. non-professional translation: A think-aloud protocol study. In C. Séguinot (ed.). *The translation process*. Toronto: HG Publications. 1989. P.73-85.

VAN DEN BOGAERDE, B. Voicing barriers. *Presentation given at the European Forum of Sign Language Interpreters (efsli) Conference*; Glasgow, Scotland. 2010.

VAN DIJK, R.; BOERS, E.; CHRISTOFFELS, I. K.; HERMANS, D. Directionality effects in simultaneous language interpreting: The case of sign language interpreters in the Netherlands. *American Annals of the Deaf*, 156 (1), 2011, p. 47–55.

WANG, J. & NAPIER, J. Directionality in Signed Language Interpreting. *META*, 60 (3), 518–541. 2015.

ZAMPIER, P. L. V. O. Uma análise de perfis de competência tradutória e sua influência sobre o processo de tradução no par linguístico Libras-português. 150 f. *Dissertação (Mestrado)* – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PROSPECTIVO DE PERFIL

Prezado(a) tradutor(a) e intérprete de Libras-português, Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: "Direcionalidade em tradução: uma análise processual em tradução no par linguístico Libras-Português", do programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a orientação do Prof. Dr. José Luiz Vila Real Gonçalves. Com essa pesquisa, desejamos analisar a influência da direcionalidade no processo tradutório intermodal. Esta etapa da pesquisa faz parte de uma coleta de dados para delinear os perfis de tradutores e intérpretes de Libras que, eventualmente, possam se interessar em participar como voluntários de um experimento remoto. Você levará aproximadamente 20 minutos no preenchimento do formulário e asseguramos sua total privacidade. Para quaisquer esclarecimentos, você poderá nos contatar: Tamires Bessa da Silva Britto (mestranda) tamiresbessa@ufmg.br Prof. Dr. José Luiz Vila Real Gonçalves zeluizvr@gmail.com

- 1) Nome
- 2) Gênero
 - Feminino
 - Masculino
 - Prefiro não dizer
- 3) Data de Nascimento
- 4) De qual cidade e estado você é?
- 5) Qual seu nível de escolaridade?
 - Ensino Fundamental
 - Ensino Médio
 - Ensino Superior
 - Especialização
 - Mestrado
 - Doutorado
 - Pós-Doutorado
- 6) Você fez algum curso de graduação ou está cursando?
 - Não (passe para a alternativa 10)
 - Sim, estou cursando a graduação
 - Sim, concluí a graduação
- 6.1) Qual tipo de curso de graduação?
 - Bacharelado
 - Licenciatura
 - Tecnólogo
 - Outro:
- 6.2) Qual(is) curso(s) de graduação e em qual instituição?
- 7) Você fez alguma especialização ou está cursando?
 - Não (passe para a pergunta 8)
 - Sim, estou cursando a especialização
 - Sim, concluí a especialização

7.1) Qual(is) curso(s)

8) Você fez mestrado ou está cursando?

Não (passe para a pergunta 9)

Sim, estou cursando o mestrado

Sim, concluí o mestrado

8.1) Qual área de concentração, linha de pesquisa e instituição?

9) Você fez doutorado ou está cursando?

Não (passe para a pergunta 10)

Sim, estou cursando o doutorado

Sim, concluí o doutorado

9.1) Qual área de concentração, linha de pesquisa e instituição?

10) Você está fazendo ou já fez alguma disciplina e/ou curso livre na área de tradução?

Não (passe para a pergunta 11)

Sim

10.1) Qual(is) disciplina(s) e/ou curso(s)?

11) A Língua Portuguesa é a sua:

Primeira Língua (L1): língua materna e/ou língua(s) adquirida(s) na infância e de uso regular.

Segunda Língua (L2): língua adquirida, geralmente, a partir da adolescência e usada em contextos distintos com regularidade (trabalho, estudo etc.).

Terceira Língua (L3): língua receptiva, compreendida com facilidade mas expressada com certa dificuldade no uso

12) A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é sua:

Primeira Língua (L1): língua materna e/ou língua(s) adquirida(s) na infância e de uso regular.

Segunda Língua (L2): língua adquirida, geralmente, a partir da adolescência e usada em contextos distintos com regularidade (trabalho, estudo etc.).

Terceira Língua (L3): língua receptiva, compreendida com facilidade, mas expressada com certa dificuldade no uso.

12.1) Como você avalia seu nível de proficiência em Libras? Classificação de proficiência adaptada conforme escalas presentes em <https://www.govtilr.org/Skills/ILRscale1.htm>

Proficiência elementar

Proficiência profissional limitada

Proficiência profissional

Proficiência profissional plena

Proficiência nativa ou bilíngue

13) Como/onde você aprendeu Libras?

Familiares

Amigos

Escola

Igreja

Curso Livre

Ensino Superior

Pai/Mãe ou Pai e Mãe surdos

Outro:

14) Com qual idade você aprendeu Libras?

15) Você possui certificação ou avaliação de proficiência da Libras/Língua Portuguesa?

Marque todas as situações aplicáveis.

Não tenho nenhuma certificação ou avaliação de proficiência

Sim, tenho o ProLibras em tradução e interpretação

- () Sim, tenho o ProLibras no uso e ensino da Libras*
() Possui avaliação de proficiência emitido por Instituição de ensino superior
() Possui avaliação de proficiência emitido por Instituição credenciada a secretarias de educação
() Outro:
- 16) Você está atuando como tradutor(a) e intérprete no par linguístico Libras-português?
() Sim
() Não (passe para a pergunta 17)
- 16.1) Há quanto tempo você atua como tradutor(a) e intérprete de Libras-português?
() 1 a 2 anos
() 2 a 4 anos
() 4 a 6 anos
() 6 a 8 anos
() 8 a 10 anos
() 10 a 12 anos
() mais de 12 anos
- 16.2) Você atua em alguma instituição como tradutor(a) e intérprete de Libras-português?
() Sim
() Não (passe para a pergunta 17)
- 16.3) Em qual(is) instituição(ões) você atua?
- 17) Qual é a sua carga horária semanal de atuação na tradução e interpretação de Libras-português?
() Nenhuma
() Até 10 horas por semana
() De 10 horas a 20 horas por semana
() De 20 horas a 30 horas por semana
() De 30 horas a 40 horas por semana
() Mais de 40 horas por semana
() Outro:
- 18) Qual porcentagem de sua renda advém da prestação de serviços de tradução e/ou interpretação de Libras-português?
() Nenhuma
() Menos de 10%
() 11 a 30%
() 31% a 50%
() 51% a 70%
() 71% a 100%
- 19) Na sua opinião, tradução e interpretação são atividades diferentes?
() Sim
() Não
() Não sei responder
- 20) Qual tipo de tradução você costuma realizar? Marque todas as opções aplicáveis.
() Nenhum
() Tradução de textos literários
() Tradução de textos acadêmicos, materiais didáticos, avaliações e atividades diversas.
() Tradução audiovisual (vídeos para sites institucionais, editais, TV, sites, blogs, YouTube etc.)
() Tradução de provas de concurso, vestibulares e exames nacionais
() Tradução de músicas ou material artístico
() Outro:

- 21) Em geral, em qual direção você se sente mais proficiente para traduzir? (isto é, qualificado, competente, capaz)
- Da minha primeira língua (L1) para minha segunda língua (L2)*
 - Da minha segunda língua (L2) para minha primeira língua (L1)*
 - Me sinto igualmente proficiente em ambas as direções.*
- 22) Em geral, em qual direção você se sente mais proficiente para interpretar? (isto é, qualificado, competente, capaz)
- Da minha primeira língua (L1) para minha segunda língua (L2)*
 - Da minha segunda língua (L2) para minha primeira língua (L1)*
 - Me sinto igualmente proficiente em ambas as direções.*
- 23) Em qual direção você prefere traduzir?
- Da minha primeira língua (L1) para minha segunda língua (L2)*
 - Da minha segunda língua (L2) para minha primeira língua (L1)*
 - Eu não tenho uma preferência de direção para traduzir*
- 24) Em qual direção você prefere interpretar?
- Da minha primeira língua (L1) para minha segunda língua (L2)*
 - Da minha segunda língua (L2) para minha primeira língua (L1)*
 - Eu não tenho uma preferência de direção para interpretar*
- 25) Em qual direção você considera que recebeu mais treinamento em tradução?
- Da minha primeira língua (L1) para minha segunda língua (L2)*
 - Da minha segunda língua (L2) para minha primeira língua (L1)*
 - Considero que recebi treinamento em ambas as direções igualmente*
 - Não recebi treinamento em tradução*
- 26) Em qual direção você considera que recebeu mais treinamento na interpretação?
- Da minha primeira língua (L1) para minha segunda língua (L2)*
 - Da minha segunda língua (L2) para minha primeira língua (L1)*
 - Considero que recebi treinamento em ambas as direções igualmente*
 - Não recebi treinamento em interpretação*
- 27) Com qual frequência você traduz da sua L1 para sua L2?
- Nunca*
 - Raramente*
 - Ocasionalmente*
 - Frequentemente*
 - Sempre*
- 28) Com qual frequência você traduz da sua L2 para sua L1?
- Nunca*
 - Raramente*
 - Ocasionalmente*
 - Frequentemente*
 - Sempre*
- 29) Durante a pandemia, você considera que sua atuação como tradutor aumentou?
- Sim*
 - Não (passe para a pergunta 30)*
- 29.1) Se aumentou, foi em qual direção?
- Da primeira língua (L1) para a segunda língua (L2)*
 - Da segunda língua (L2) para a primeira língua (L1)*
 - Aumentou em ambas as direções*
- 30) Na escala de 1 a 7, como você classifica sua experiência profissional como tradutor(a) de Libras-português, sendo 1 como novato e 7 Altamente Experiente
- 1 2 3 4 5 6 7

31) Você já teve algum trabalho de tradução (vídeo institucional, edital, manual, etc) publicado em sites oficiais ou em circulação na mídia?

Sim

Não

Caso você queira comentar sobre sua experiência em tradução ou comentar/sugerir algo sobre o questionário, escreva abaixo.

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Direcionalidade em tradução: uma análise processual em tarefas de tradução no par linguístico Libras-português.

1. Do convite

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “Direcionalidade em tradução: uma análise processual em tarefas de tradução no par linguístico Libras-Português”. Se decidir participar desta pesquisa, é importante que leia as informações contidas neste documento a respeito do estudo e do seu papel nesta pesquisa. Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o(a) pesquisador(a) ou com a Universidade Federal de Minas Gerais. É preciso entender a natureza e os riscos da sua participação e dar o seu consentimento livre e esclarecido ao final deste documento. Você poderá fazer todas as perguntas que precisar para entender os objetivos da pesquisa, esclarecer dúvidas acerca dos riscos, dos benefícios e outros. São garantidos a você esclarecimentos, antes e durante o curso da pesquisa, sobre a metodologia. Você receberá por e-mail uma via deste termo na qual constam as informações relativas à pesquisa bem como o telefone e endereço do pesquisador principal, por meio dos quais poderá entrar em contato para dirimir quaisquer dúvidas sobre a pesquisa e sobre sua participação nela.

2. Dos pesquisadores e patrocinadores envolvidos

Esta pesquisa tem como pesquisadores responsáveis o Prof. Dr. José Luiz Vila Real Gonçalves, Professor Associado do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Ouro Preto e docente credenciado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG, e a mestranda Tamires Bessa da Silva Britto, do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais.

O endereço do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos é Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 4035 - Pampulha CEP: 31270-901 Belo Horizonte – MG

3. Do objetivo e da justificativa

Esta pesquisa tem como objetivo principal investigar a influência da direcionalidade no processo tradutório intermodal no par linguístico Libras-português. Os resultados dessa pesquisa fornecerão subsídios para o avanço das discussões sobre a direcionalidade em tradução no par linguístico Libras-português sobre o processo de tradução intermodal contribuindo para discussões na área de formação de TILS.

4. Dos procedimentos de coleta

Se concordar em participar deste estudo, um encontro será realizado de forma remota via *Google meet* e toda a interação e execução das tarefas serão gravadas em áudio e vídeo através do programa *OBS Studio* (um *software* que grava a tela do computador, que será utilizado pela pesquisadora) e todos os procedimentos da sessão experimental, incluindo as orientações e os esclarecimentos sobre a pesquisa, demandarão entre 1h40min a 2h do seu tempo. Você será solicitado a realizar duas tarefas: i) tradução de um texto em vídeo sinalizado em Libras, com duração de um minuto, para o português na modalidade escrita; ii) tradução de um texto escrito em português de aproximadamente 130 palavras, para a Libras na modalidade sinalizada. Na

tarefa ii você utilizará o seu próprio celular para a gravação final da tradução sinalizada, possibilitando a revisão e alteração da tradução como desejar e, ao finalizar esta tarefa, será solicitado que encaminhe o produto da tradução via e-mail a pesquisadora. Você poderá realizar livremente consultas e pesquisas pela internet e não terá pressão de tempo para a realização das tarefas. Após as tarefas, será solicitado que você comente sobre os processos realizados, as suas eventuais dificuldades e possíveis soluções. Ao final, realizaremos um teste de fluência semântica que durará em média 10 minutos. Todo material coletado será catalogado com um número de referência, preservando-se a confidencialidade de seus dados pessoais, e será analisado de acordo com os fundamentos teóricos e os métodos de análise desta pesquisa.

5. Dos desconfortos e riscos possíveis

Todos os procedimentos da sessão experimental ocorrerão de forma remota via *Google meet*. Possíveis desconfortos e riscos podem se relacionar (i) ao eventual incômodo em ser observado pela pesquisadora durante a realização das tarefas e/ou (ii) ao possível cansaço pelo tempo de duração da tarefa. Como forma de minimizar ou excluir esses riscos e desconfortos, você poderá, se preferir, fazer um intervalo de cinco minutos entre as duas tarefas de tradução. Salienta-se que esta pesquisa será realizada somente se você se sentir em boas condições físicas e emocionais para desenvolver todas as atividades solicitadas.

6. Dos benefícios esperados

A sua participação nesta pesquisa não lhe trará benefícios de forma direta e imediata. Contudo, os resultados deste estudo serão relevantes para a compreensão da direcionalidade em tradução no par linguístico Libras-português, sobre processo de tradução intermodal e para a formação de tradutores de Libras-português.

7. Dos custos e reembolsos para o participante

Você não terá qualquer gasto em função de sua participação nesta pesquisa, portanto, não haverá necessidade de qualquer reembolso por parte dos pesquisadores. Sua participação deverá ser voluntária e espontânea, não havendo, assim, qualquer tipo de remuneração. Fica garantido direito à indenização por via judicial em caso de qualquer tipo de dano comprovadamente decorrente de sua participação na pesquisa.

8. Da confidencialidade da pesquisa

Será garantido sigilo absoluto para assegurar o anonimato e, conseqüentemente, a privacidade de todos os participantes quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Portanto, você não será identificado quando o material de seu registro for utilizado, para propósitos de publicação científica ou educativa. Os dados dos experimentos, após a coleta e as devidas análises, serão arquivados e mantidos em sigilo pelo período de 5(cinco) anos após o término da pesquisa, sob a responsabilidade da pesquisadora, em devidas mídias digitais, e no acervo do LETRA. Serão observados critérios de confidencialidade no armazenamento desses dados, que estarão disponíveis no Laboratório Experimental de Tradução - LETRA da Universidade Federal de Minas Gerais, sala 3108 - Faculdade de Letras (Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 - Pampulha. Belo Horizonte - MG. CEP: 31270-901. E-mail: labletra@letras.ufmg.br). Assim, ao assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, você autoriza as inspeções em seus registros. Em caso de dúvidas relacionadas às questões éticas envolvendo esta pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa - COEP da UFMG - Av.

Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901. E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Tel: (31) 34094592

9. Da declaração de consentimento livre e esclarecido

Declaro que tive tempo suficiente para ler e entender as informações acima. Declaro também que fui devidamente informado(a) pelo(a) pesquisador(a) sobre os procedimentos que serão utilizados, os riscos, os desconfortos, os benefícios, o custo/reembolso dos participantes, a confidencialidade da pesquisa. Confirmando que toda a linguagem técnica utilizada na descrição desta pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Declaro, ainda, que me foi assegurado que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade ou à perda de benefícios. Confirmando, por fim, que recebi por e-mail uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Devido a aplicação da pesquisa de forma remota, não haverá o documento impresso e, ao clicar em SIM, aceito participar da pesquisa, através do formulário *online*, e dou meu consentimento de espontânea vontade.

Eu Tamires Bessa da Silva Britto, atesto que expliquei cuidadosamente a natureza e o objetivo deste estudo, bem como os possíveis riscos e benefícios da participação na pesquisa. Acredito que o(a) participante recebeu todas as informações necessárias, as quais foram fornecidas em uma linguagem adequada e compreensível, e compreendeu tais explicações. Coloco-me à disposição para quaisquer outros esclarecimentos. tamiresbessa@ufmg.br

APÊNDICE C - TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____, CPF _____, RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), **AUTORIZO**, através do presente termo, os pesquisadores José Luiz Vila Real Gonçalves e Tamires Bessa da Silva Britto do projeto de pesquisa de mestrado intitulado “Direcionalidade em tradução: uma análise processual em tarefas de tradução no par linguístico Libras-Português” a realizar fotos e/ou vídeos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, **LIBERO** a utilização destas fotos e/ou vídeos e/ou depoimentos para fins do trabalho de dissertação e/ou de textos acadêmicos (artigos, capítulos de livros, etc), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados.

Por ser a expressão da minha vontade assino a presente autorização, cedendo, a título gratuito, todos os direitos autorais decorrentes dos depoimentos e imagens por mim fornecidas durante o experimento, abdicando do direito de reclamar de todo e qualquer direito conexo à minha imagem, e qualquer outro direito decorrente dos direitos abrangidos pela Lei 9160/98 (Lei dos Direitos Autorais).

 Nome do participante da pesquisa

 Tamires Bessa da Silva Britto

Belo Horizonte, _____ de _____ de 2021.

APÊNDICE D – TEXTO PARA TRADUÇÃO PT→Libras

O texto a seguir trata-se de uma postagem de cunho pessoal, trazendo uma opinião não especializada sobre o assunto e foi compartilhada em uma rede social aberta, ou seja, de acesso livre para qualquer pessoa que participe dessa rede.

Traduza-o para a Libras a fim de que o texto também possa ser acessado por pessoas surdas com diversos perfis socioeconômicos, culturais e idades.

Você poderá realizar pesquisas online, ler o texto quantas vezes achar necessário e utilizar o tempo que precisar. Quando encerrar a preparação para a tradução, grave a versão final utilizando o seu celular.

Você já pensou na possibilidade de ser uma pessoa manipuladora? Não? Estava pensando sobre isso considerando nosso comportamento nas redes sociais. Passamos a maior parte dos dias conectados à internet postando e vendo postagens. Seguimos várias páginas, muitas que se alinham ao que pensamos e, outras, bem tendenciosas. Nessa busca por emitir constantemente uma opinião, acabamos compartilhando conteúdos que interagem com as pessoas ao redor, o que pode fazer com que algumas mudem de opinião e reproduza o nosso comportamento. Isso é uma forma de manipulação. Por isso, temos que ter cuidado sempre para não influenciar negativamente as pessoas, gerando conflitos, perdas de amizade, discurso de ódio e até mesmo situações desagradáveis no ambiente de trabalho! Respeitar a individualidade do outro e o livre pensamento será sempre o caminho!

Juliana Machado de Britto

APÊNDICE E – PROTOCOLO VERBAL RETROSPECTIVO SEMIGUIADO

Nesta parte do experimento, você poderá visualizar sua tarefa de tradução quantas vezes desejar. O objetivo é que, à medida que você visualize seu processo de tradução, você possa descrever pensamentos/reflexões/ideias que passaram na sua cabeça, com total liberdade, destacando questões como:

1. Facilidade de tradução: passagens em que você sentiu que a tradução fluiu, ou seja, você conseguiu traduzir com considerável facilidade, sem necessidade de consultar fontes externas ou parar para pensar um pouco mais no texto fonte ou no texto traduzido.
2. Dificuldade de tradução: passagens em que você sentiu que sua tradução não fluía, isto é, você precisou parar e consultar dicionários ou a Internet, reler/rever o texto de partida e/ou de chegada, retomar passagens já traduzidas, voltar para modificar passagens já traduzidas, deixar espaço para traduzir posteriormente ou repensar sobre o que você estava fazendo.
3. Estratégias de tradução: passagens em que você precisou pensar em alguma solução para um problema de tradução. De que maneira você resolveu problemas de tradução gerada ou influenciada pelas modalidades de textos envolvidos? Você mudaria algo?
4. Depois de realizar as traduções, como você considera seu desempenho nas duas direções? Achou uma direção mais difícil ou mais fácil que a outra?